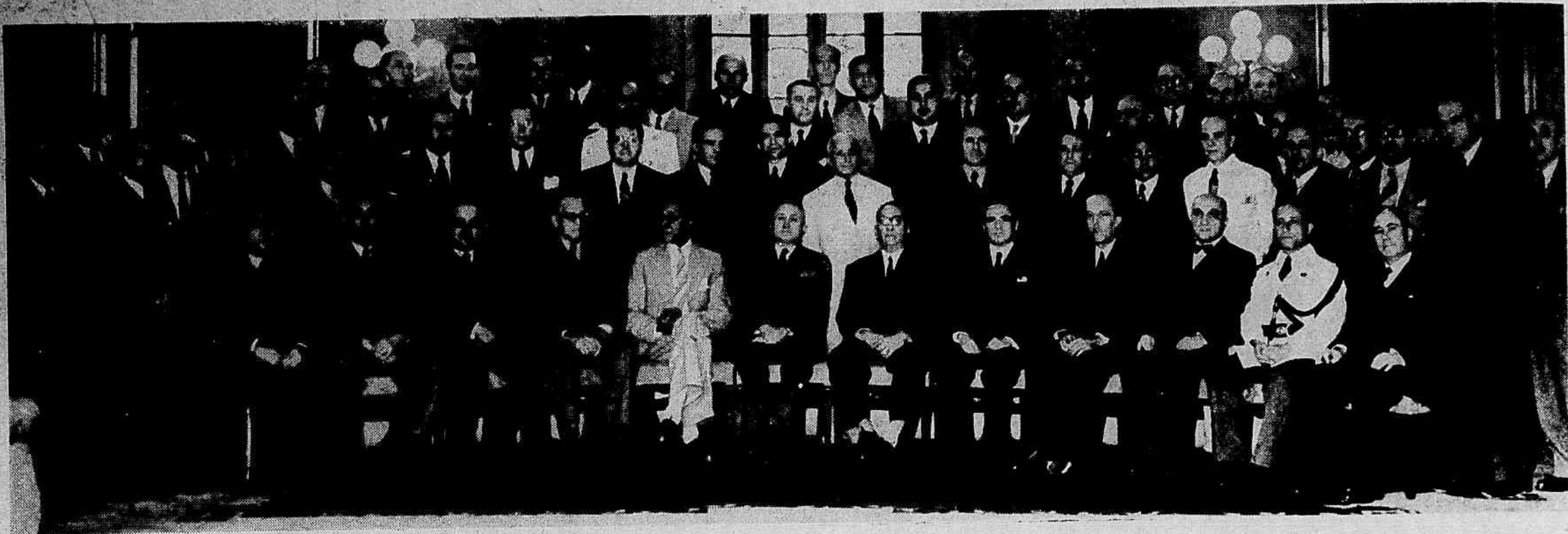


Revista da Semana

Ano XLIV - N.º 28 - 10 de Julho de 1943 - Cr \$ 1,50 em todo o Brasil



A MARINHA ENTRA EM AÇÃO - Reportagem no texto



GENERAL FERNANDES DANTAS



EXPRESSIVA HOMENAGEM AO NOVO INTERVENTOR DO RIO GRANDE DO NORTE

Realizou-se, no dia 29 de junho último, no Automóvel Clube do Brasil, o almoço oferecido ao Sr. General Antonio Fernandes Dantas, novo Interventor Federal no Rio Grande do Norte, pelos seus amigos, conterrâneos e camaradas. Presidiu a homenagem o Sr. General Eurico Gaspar Dutra, titular da Pasta da Guerra, falando os Srs. Dr. Georgino Avelino, General Guedes Alcoforado, Dr. Berbert de Castro, Dr. Adauto da Câmara, o homenageado e o Dr. Dioclecio Dantas Duarte.

Compareceram ao almoço altas autoridades civis e militares, amigos e admiradores do homenageado e grande número de elementos da colônia potiguar do Rio de Janeiro, que assim testemunharam o seu regosio pela nomeação do General Fernandes Dantas para o mais alto cargo da administração do Rio Grande do Norte.

A foto ao alto mostra um grupo formado por ocasião do almoço onde aparecem, além do homenageado, o Ministro Eurico Gaspar Dutra e outras altas autoridades civis e militares.



Ao alto — O Dr. Adauto da Câmara saudando o homenageado em nome de seus conterrâneos.

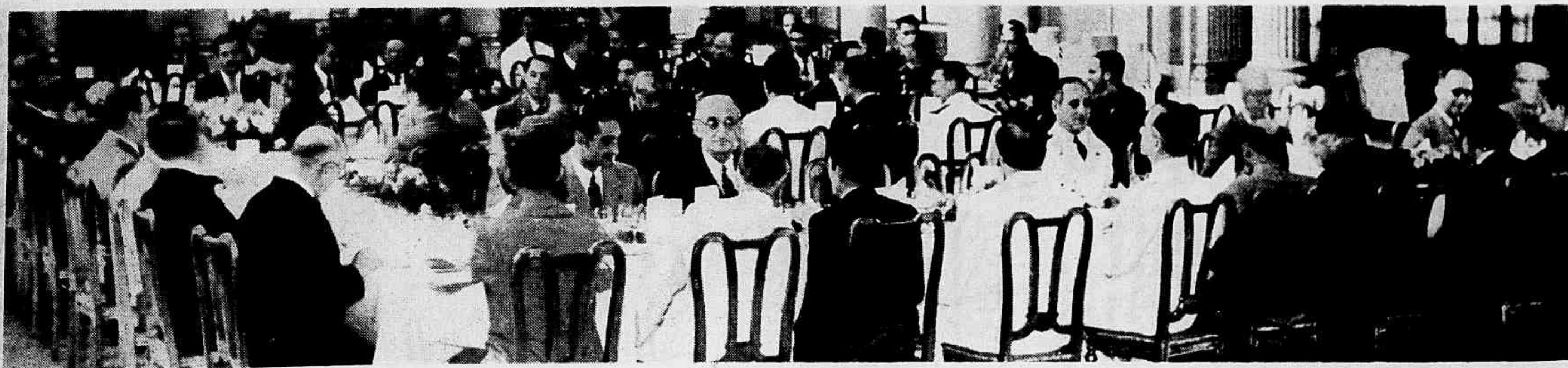
Em baixo — O General Fernandes Dantas agradecendo a homenagem.

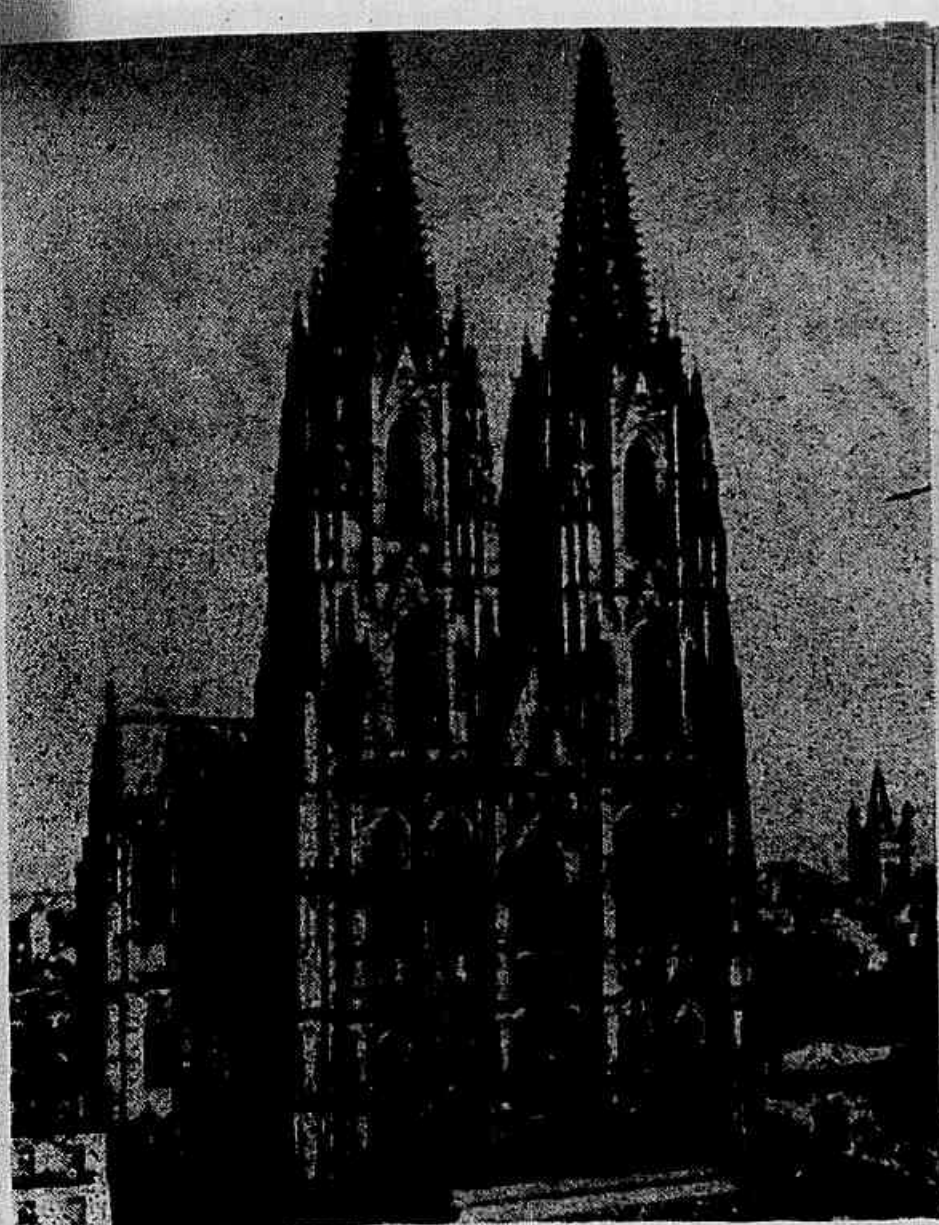
A' direita — O Dr. Georgino Avelino oferecendo a homenagem ao General Fernandes Dantas, em nome de seus amigos e admiradores.



Nas fotos ao alto vemos, em cima, o General Guedes Alcoforado, Chefe do Estado Maior do Exército, falando em nome dos camaradas de armas do homenageado, e em baixo: o Dr. Dioclecio Duarte levantando o brinde de honra ao Presidente da República.

Em baixo — Um aspecto do almoço oferecido ao General Fernandes Dantas.





A morte das catedrais

por
Herman Lima

O trem que vinha de Bonn, onde fomos olhar, na doce calma provinciana da manhã domingueira, a velha casa verde do titã da Nona Sinfonia — dava agora os últimos arrancos, entrando na imensa estação central de Colônia, a de longo apelido romano — Colônia Claudia Ara Agrippinensis — da fundação de M. Vipsanius Agrippa.

O sol de maio, ao pino do dia, derramava do alto uma vasta clareza fresca e fina, lavada por todos os odores dos vinhedos da margem do Reno, batida de todos os reflexos cambiantes do rio de Lorelei.

Foi então que, duma curva da linha férrea, através da colossal clarabóia da estação, galgando o céu dum ímpeto, como por alguma força explosiva de sortilégio, a catedral surgiu, em bloco, em corpo e alma, as fabulosas torres de cento e cinquenta metros afuroando o azul, a massa negra de colunatas, ogivas e espições de pedra crescendo do chão numa estonteante florescência que prolonga há seiscentos anos o milagre da arte monumental dos canteiros franceses, que foram buscar para ela a mesma inspiração nacional de sua irmã de Amiens.

Monumento gótico por excelência, a que a teimosia alemã pretendeu sempre filiar o antigo estilo germânico, a catedral de Colônia era um desses marcos luminosos das eras extintas, preservados pelo respeito dos homens dos mais variados credos, para enlevo dos olhos mortais de não importa que futura humanidade, "degraus de sonho", por onde a criatura ascende do barro vil à contigência imperecível da vizinhança dos deuses.

Contemplada de poucos passos, da longa praça fronteira por onde voavam pombo e para onde abriam terrasses puramente parisienses dentro do sol de primavera — ou à distância, da beira do cais marginal do Reno — havia nela aquele mesmo inelutável fascínio dos grandes monumentos de arte e de história cristalizados no tempo — traço de união entre o espírito das eras pretéritas e a alma contemporânea.

Sel de mim que dos três dias passados na clara cidade de tantos outros relicários de arte antiga, portas de pedra patinada, bastiões milenares, igrejas famosas, museus do porte do Wallraf-Rochartz — que enfileira todos os grandes mestres colonenses das vidas dos santos e da Virgem, como o puríssimo e angélico Stefan Lochner — e onde resplandece o último auto-retrato de Rembrandt (mela dúzia de brochaços de ouro e negro encerrando em mela metro de tela uma das mais altas lições de síntese de toda a arte universal) — é em torno e por dentro da catedral que giram e regiram meus passos; volta e meia, daqui, dali, donde tenha ido ao sabor das ruas, por entre as deliciosas casas de fachadas em ponta como as de Nuremberg, estou de novo a mirá-la, numa obsessão a que é inútil tentar resistir e que me vem do alado pelotão de torrelas exteriores, das duas torres negras de fuligem, da floresta interna de sutis pilares do coro, subindo para a abóbada como um jato de pedra, a emoldurarem a fabulosa coleção dos vitrais multicoloridos, "cage vitrée légère et lumineuse" que parece suspensa no ar, pela leveza do arcabouço e a vastidão das ogivas — e a que Petrarca, de passagem por Colônia em 1333 chamaria um "pulcherrimum quamvis inexpletum templum".

Não me esqueço das grandes catedrais da Inglaterra, em cujas naves silenciosas dispendo a maioria das minhas quietas tardes de sábado — S. Poulos Cathedral, com a imponência do seu largo traço miguelangellesco, Salisbury, do mais sutil e aéreo campanário inglês; Norwich, Canterbury, com a sua fachada de mármore rosado como a do Duomo de Milão, Saint Alban, Winchester ou Gloucester e o seu claustro sem paralelo. Tenho ainda hoje a visão irreal da catedral de Amiens, com a sua rosácea imponderável, o seu Belo Deus, a sua Virgem Dourada, os seus anjos e os seus santos de oito séculos, por trás da qual vi erguer-se uma lua de lenda, dentro da noite medieval de dezembro. Nem Santo Estevão, de Viena, bombardeada pelos turcos nem S. Sebald, de Nuremberg, nem a Notre Dame de Paris ou Saint Rombaud de Malines — todas elas mais puras, sem dúvida, mais integrais, porque encerrando o espírito duma época, o clamor dum mundo de fé.

"Bem sei que na grande mole de pedra, cuja construção duraria seis séculos, vindo da idade média à era napoleônica, se reflete inevitavelmente a hesitação e o choque de dois momentos históricos tão dispares. Dou inteira razão a Louis Réau, quando acentua, quasi ferozmente, que "os admiradores fanáticos da catedral de Colônia gabam sua pureza excepcional de estilo, mas não dizem a que preço de sacrifícios foi obtida essa unidade fictícia. Pareceria que um edifício começado em 1248 e terminado em 1880,

devesse refletir todas as mudanças da arquitetura e apresentar uma disparatada mistura de estilos. Dizer que a catedral de Colônia é o mais correto e o mais normal dos edifícios góticos não é dizer ao mesmo tempo que é o menos vivo? Todas as artes da construção se encadeiam com o rigor dum teorema; esta lógica rigorosa é, no entanto, artificial e glacial. O Duomo de Colônia que é na maior parte, não o esqueçamos, obra do século XIX, é uma reconstrução de arqueólogos que talvez só tivessem a religião da serrilha: é preciso não procurar nele a espontânea expressão dum grande século de fé".

Está certo. Mas, é que a catedral, por mais estranho que seja, tem também qualquer coisa de imane, de misteriosamente pangermânico, por mais francês que tenha sido o seu traçado e mais gótica a sua inspiração. Há um prestígio por assim dizer telúrico, alguma coisa de paisagem específica, retrato em pedra duma raça, no formidável arranque das torres, no elaborado relevo dos contrafortes, na transcendente tessitura dos murais de vidro, na implacabilidade daquelas linhas verticais das pilstras que sobem e descem, em força de símbolo, prendendo à terra a alma que se atrai aos céus no élan das agulhas.

Nessa teimosia de seis séculos para a ereção em monumento nacional duma obra que não pertencia, em espírito, ao país de origem, há muito certamente da espantosa capacidade de adaptação alemã aos mais desenfreados princípios de fundo religioso e político; na frieza de linhas daquela nave desambientada, na rigorosa obediência aos canones duma arquitetura esdruxula, penhor e fruto de românticos e visionários de seis séculos, há muito de impregnação do mesmo terrificante entusiasmo dos homens que há dez anos vinham construindo, com sangue, suor e lágrimas, para o mais tenebroso dos destinos, a mística do nazismo.

A catedral de Colônia tinha assim qualquer coisa dum pathos coletivo de perturbadora sugestão, floresta de colunas votivas por entre as quais perpassava um vento vindo de longe, no tempo e no espaço, através da noite longa, ainda ressoante do tropel dos nibelungos...

Era isso talvez que eu inconscientemente procurava entender nesses longos colóquios mudos com o colosso de pedra que marcava a etapa final de meu roteiro pela terra das nixes e das walkírias — essa mesma obra-prima da arquitetura monumental que um telegrama de Londres, na brutalidade do seu laconismo, acaba de anunciar ter vindo abaixo, ao impacto direto duma bomba.

Mas, o que me faz estremecer agora, não é por certo a recordação daquela aura anímica inconscientemente percebida à sua sombra. É a morte de mais uma catedral, que tanto poderia ter sido essa como a de Rouen ou a de Gloucester.

Negros tempos estes, em que nem as paredes dos templos sagrados pela arte e pela história ficam de pé.

Malditos homens estes que iniciaram, há três anos, com o bombardeio de S. Paul's Cathedral, a seara da destruição de catedrais.

Nem todo o opróbrio dos séculos será bastante para esconder a mancha de tal crime.

Os homens desaparecem mas se renovam. Assim tem sido e assim será por todo o sempre. A obra de arte, porém, essa não renascerá mais.

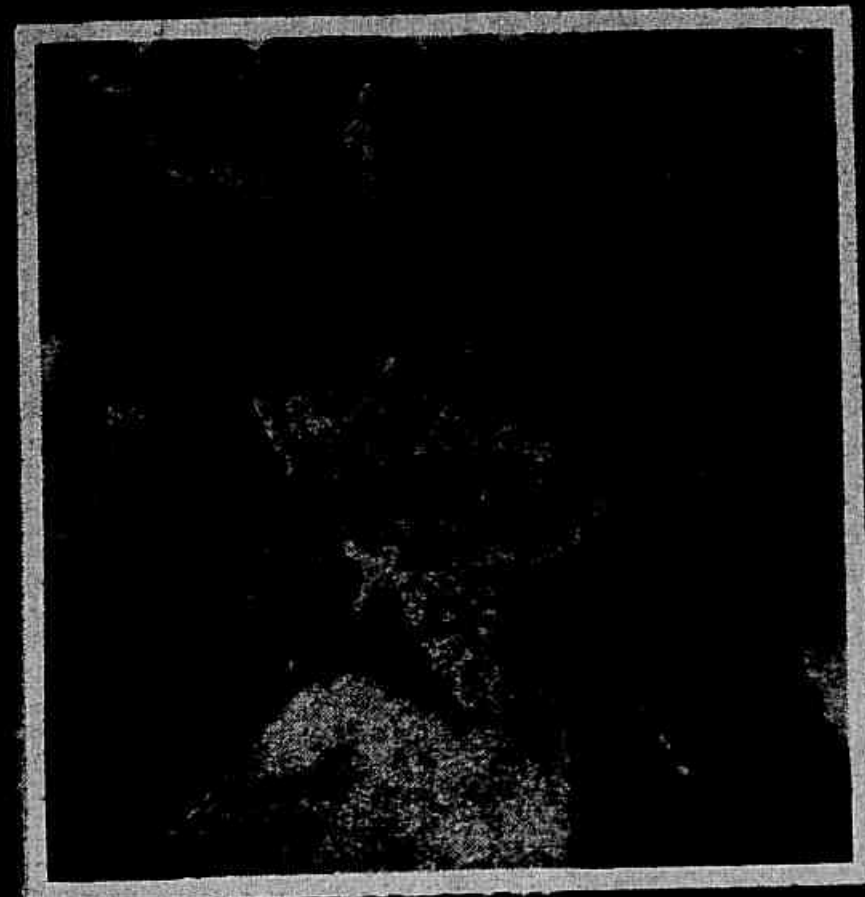
Para a humanidade tem mais importância a destruição da Gioconda ou da catedral de Reims do que o extermínio da população duma cidade.

Isso pode parecer monstruoso, mas o certo é que, depois de dois mil anos, o que sobrou de Atenas e de Roma, foi somente um friso do Partenon, o Apolo do Belvedere, o Foro de Trajano.

No cômputo dos homens inumeráveis como os vermes da terra, de memória vana como o passar das ondas no mar, o efêmero da vida é assim cada vez mais sobrepujado pela perenidade da arte — ars longa, vita brevis.

A guerra era maldita na antiguidade principalmente porque cefava a juventude das nações, leira de esperanças donde poderia brotar um dia uma flor de eternidade no jeito de Rafael ou, de Mozart. Mil vezes maldita a guerra de hoje, que vai levando cada dia que passa, para o destino do pó, as criações divinas da arte, monumentos de eternidade que Deus confiara ao homem, em penhor de beleza — "alegria para sempre", como está no verso de Keats.

Velhas Técnicas, Trabalhos novos



DE UMA BARBEARIA A FABRICA DE GUERRA — As manéures são adaptadas a trabalhos de grande precisão. Aqui uma ex-manicure inspeciona filamentos.

O telefone toca numa secção do Serviço Norte-americano de Empregos. O diretor do pessoal de uma fábrica de aviões deseja saber onde pode obter com urgência trinta trabalhadores em madeira. O diretor do departamento regional, sem mesmo consultar suas listas, sabe a resposta. Trabalhadores em madeira para aviões não andam em abundância nestes dias. Por isso responde: "Receio não poder lhe dar trabalhadores qualificados. O senhor aceita homens de profissões relacionadas?"

O mercado de trabalho é tal que o diretor do pessoal não tem escolha. Assim, oferecem-lhe (e ele aceita) cerca de meia dúzia de trabalhadores em cabines que previamente haviam trabalhado em indústria de geladeiras; alguns modeladores ainda da indústria de geladeiras. Todos estes homens têm experiência de trabalhos em madeira, embora não de aviões. Entretanto, é certo que, depois de um período normal de adaptação, serão capazes de preencher a tarefa. Assim, o homem do pessoal aceita. Mas, até estes operários não aparecem as dúzias e sua quota de trabalhadores não está completa. O homem do Serviço de Empregos procura, então, na sua lista, e acrescenta um operário em carrocerias de automóvel, um empregado numa fábrica de brinquedos em madeira e um confeiteiro de violinos.

A Lista de Trabalhos Semelhantes, que classifica mais de 50.000 ocupações, absorveu anos de pesquisas, oriundas de entrevistas de centenas de milhares de pessoas, examinadas por milhares de especialistas.

As relações nos trabalhos semelhantes são próximas como de irmão a irmã. As vezes, superficialmente, os trabalhadores que chegam a tornar-se invisíveis, exceto para os especialistas, — um parentesco de quinto grau — são removidos uma vez ou duas. Mas o sistema, utilizado pelos a um índice de fichas nos escritórios do Serviço de Empregos resolve muitos problemas para fábricas de guerra e operários desempregados.



DE TRABALHADOR EM OBJETOS DE PRATA A OPERÁRIO DE UMA FABRICA DE AVIÕES — Um anelador de objetos em prata aprende a trabalhar com o torno de precisão na indústria de guerra.



DE PADEIRO A FERRAGEIRO — Em seu trabalho essencial, lutando com fogo, o padreiro aprende a transformar a ferro em aço. Os pedaços de metal são aquecidos até transformarem-se em líquidos e são então forjados em peças físicas e químicas.



DE PADEIRO A FERRAGEIRO — Em seu trabalho essencial, lutando com fogo, o padreiro aprende a transformar a ferro em aço. Os pedaços de metal são aquecidos até transformarem-se em líquidos e são então forjados em peças físicas e químicas.



DE PADEIRO A FERRAGEIRO — Em seu trabalho essencial, lutando com fogo, o padreiro aprende a transformar a ferro em aço. Os pedaços de metal são aquecidos até transformarem-se em líquidos e são então forjados em peças físicas e químicas.



DE PADEIRO A FERRAGEIRO — Em seu trabalho essencial, lutando com fogo, o padreiro aprende a transformar a ferro em aço. Os pedaços de metal são aquecidos até transformarem-se em líquidos e são então forjados em peças físicas e químicas.

Diga isto a seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, pêso, dôr e outros desarranjos do estômago, a língua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, pêso, calor e dôr de cabeça, tonturas, nervosismo, certas coceiras e irritações da pele, mal estar depois de comer, preguiça e moleza geral, dôres, cólicas e outras perturbações do ventre, muita sede e quentura na garganta, âncias e vontade de vomitar, mau hálito, indigestão, arrôtos, gases, diga-lhe que todos êstes sofrimentos são causados por substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata êstes sofrimentos porque combate a prisão de ventre e limpa o estômago e intestinos das substâncias infectadas e fermentações tóxicas que tão grande mal podem causar a todo o organismo.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Enderêço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 23-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da **CIA. EDITORA AMERICANA**. — Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.

NOSSA CAPA

Nossa capa é uma fotografia magnífica gentilmente cedida pelo British News Service.

Acima do emaranhado da cordoalha e do conjunto de mastros esguios que furam o céu, que nem sempre é de anil, ele vigia a derrota do navio, vasculhando o mar na bonança e perscrutando-o na tempestade.

Nada importa: as condições atmosféricas, o estado do oceano, o perigo dos navios adversários ou a ameaça oculta dos submarinos inimigos: o navio segue sua rota, cumpre seu destino, desincumbe-se de sua missão, que é a missão honrosa de levar alimento aos famintos, combustível aos transportes dos países amigos, matérias primas, armas e munições aos povos aliados na paz, irmãos na guerra.

Se é avistado o perigo a embarcação se transforma. E na calma de quem peleja pelo Direito, a população destemida se apresta para a defesa armada. As vezes, porém, o ataque se faz sob o crepe da noite e debaixo do silêncio da surpresa: o navio naufraga e, quase sempre, com ele se perde a tripulação. Mas os irmãos daqueles que ficaram nas dobras azues do Atlântico ou do Pacífico, do Mediterrâneo ou do Ártico, na embarcação que acaba de deixar o estaleiro, ocupa seu lugar, substituindo-o com denodo e mais decisão, porque carrega no braço o fumo que o corsário inimigo lhe presenteou e precisa ser retribuído.

Marujo, o teu nome não está escrito em nenhuma lápide de mármore porque o teu túmulo é o campo onde pelejaste em vida, o oceano imenso; e não é gravado em nenhuma placa de ouro porque o trazemos no coração e só o pronunciamos com unção, herói desconhecido!

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

OS comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA GEN. SANIT. N. 55-J-5

ONOMATOGRAMAS



Pinto da Luz



Gratuliano



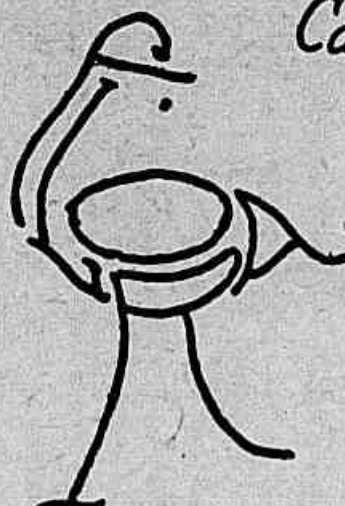
Carmen



Clarice



Ricardo



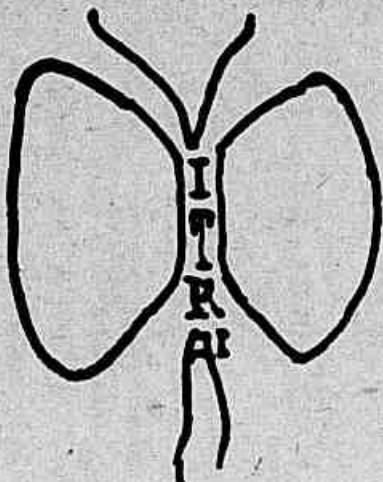
Flóra



Elsa



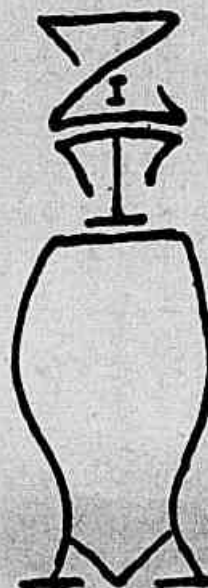
Elena



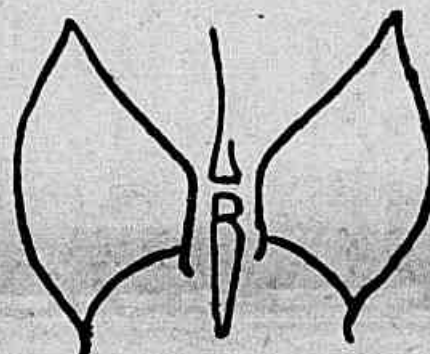
Vitória



Gil



Zita



Alba



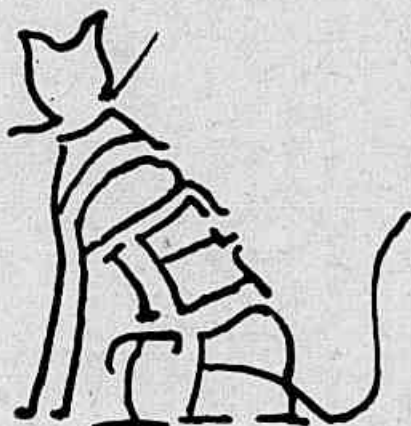
Jacinho



Borges



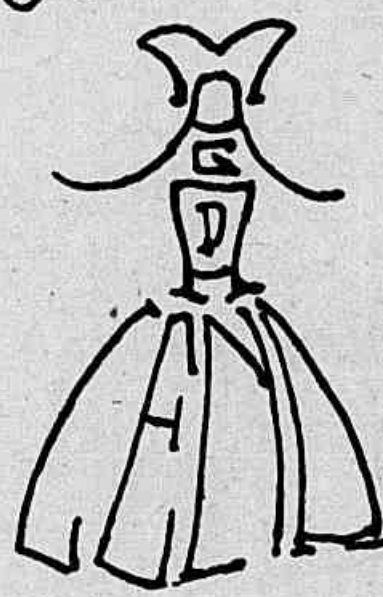
Elysio



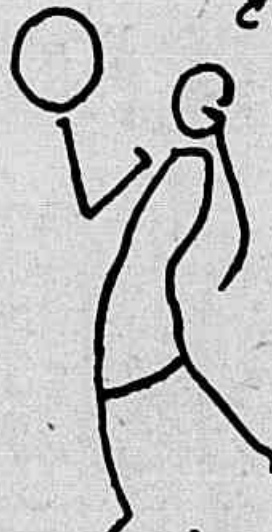
Marieta



Evany



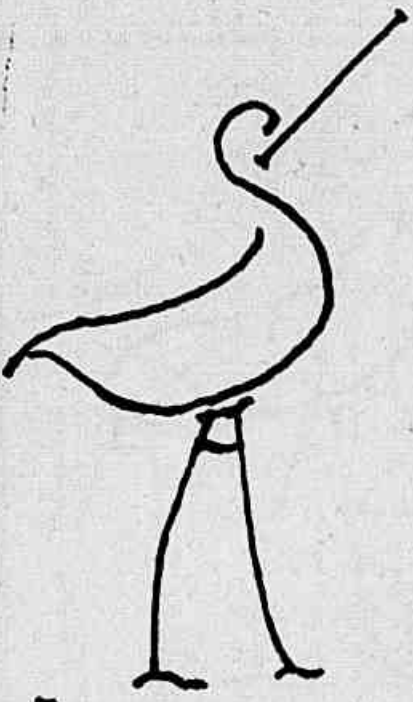
Magdalena



Olga



Zoé



Isa



Angela



Oswaldo



Nelson



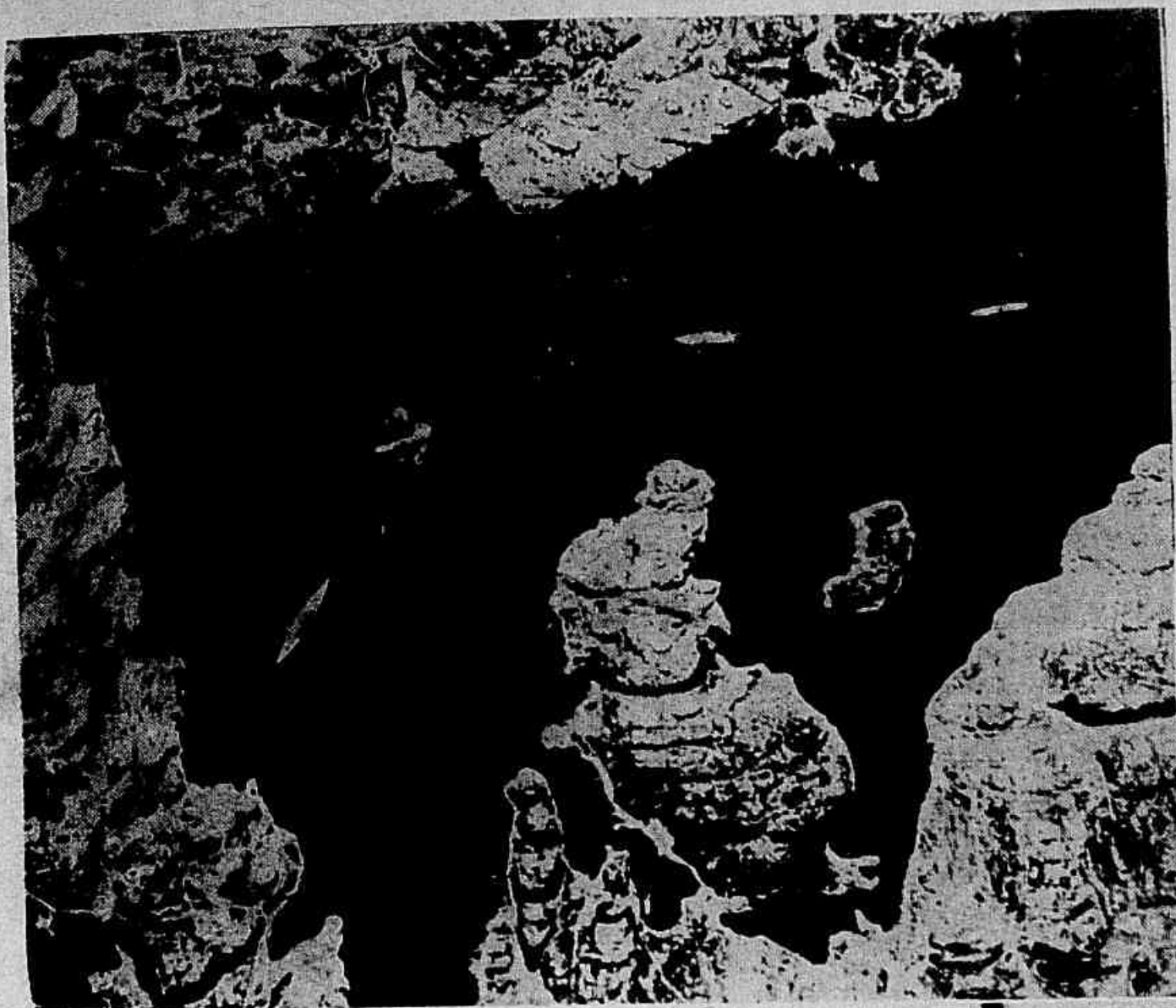
Aracy



Jorge



Raquel



Nesta fotografia aparece o Bismarck, num "fjord" norueguês, pouco antes de zarpar para sua última viagem.

De SIDNEY HORNIBLOW, do B. N. S., especial para REVISTA DA SEMANA

HA pouco mais de dois anos (27 de Maio), o orgulho da marinha alemã, o gigantesco encouraçado *Bismarck*, era mandado para o fundo do Atlântico, às 11,01 horas de uma terça-feira. A sua caçada, que durou sete dias e se prolongou por 1.750 milhas, constituiu um dos mais notáveis exemplos de cooperação entre forças armadas desta guerra.

O episódio se iniciou no dia 21 de Maio, quando um avião do Comando Costeiro da RAF, que executava operações de reconhecimento ao largo da costa norueguesa, localizou dois navios de guerra, um de grande tamanho, num pequeno fjord perto de Bergen. Quando o piloto regressou à sua base, os oficiais do Serviço de Informações examinaram as fotografias que o mesmo havia tomado e se puseram em comunicação com o Q. G. do Comando Costeiro. Foi dada ordem de enviar, imediatamente, cópias das fotografias ao Q. G. O único aparelho disponível, então era justamente aquele em que o piloto acabara de executar sua patrulha. Além do mais, já era noite. Não obstante, o aviador tornou a levantar vôo em direção ao sul, desafiando a escuridão, até que se encontrou sem gasolina, nas vizinhanças de Nottingham que, por coincidência, era sua cidade natal.

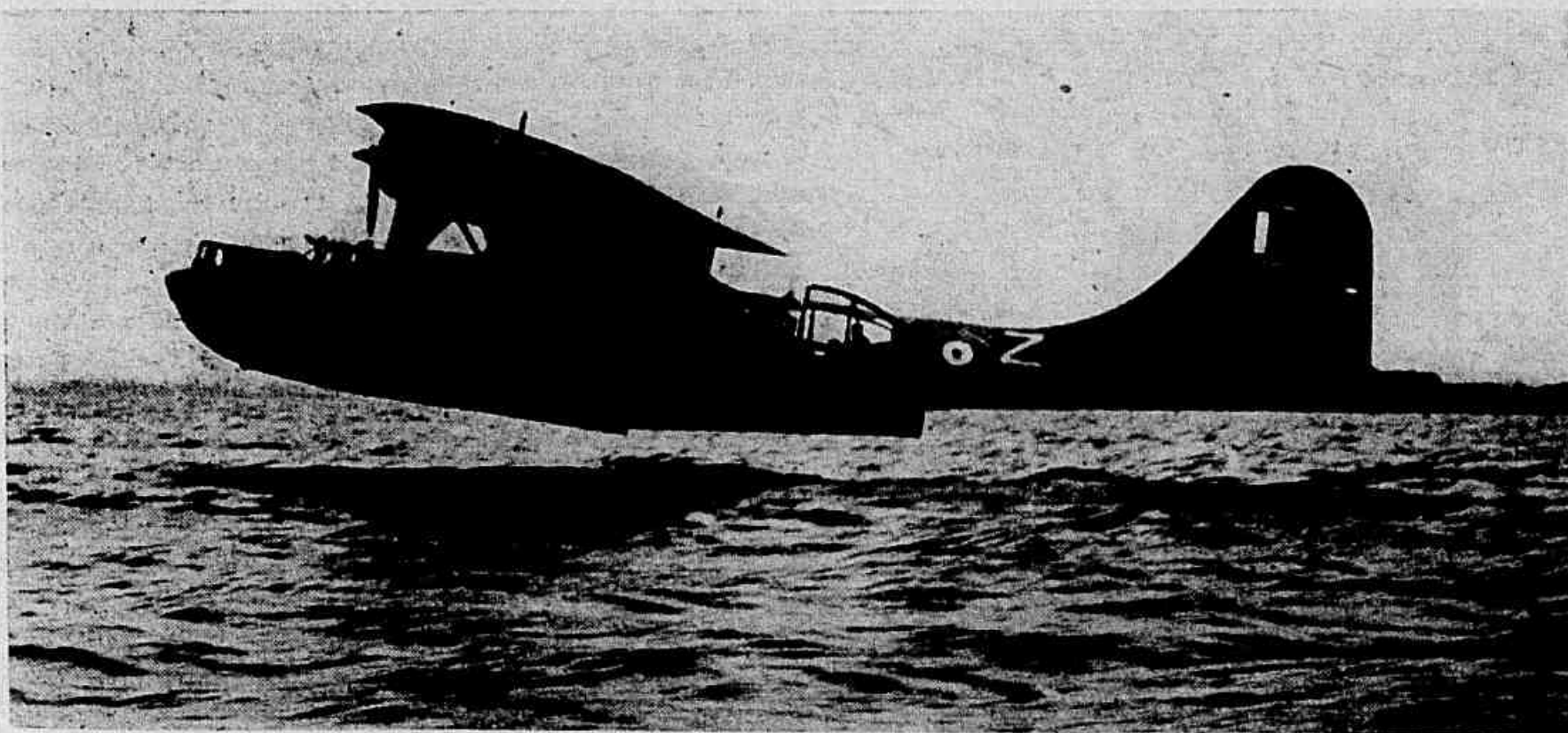
Aterrisou e procurou um amigo, que tinha um automóvel. Viajaram durante toda a noite e, às primeiras horas da manhã seguinte, entregavam as cópias das fotografias ao Q. G.

Peritos fotográficos e do Almirantado confirmaram a opinião do Serviço de Informações da Escócia: os dois navios eram, com efeito, o *Bismarck* e o *Prinz Eugen*.

Imediatamente começou a caçada. Todos os navios disponíveis da Royal Navy entraram em ação.

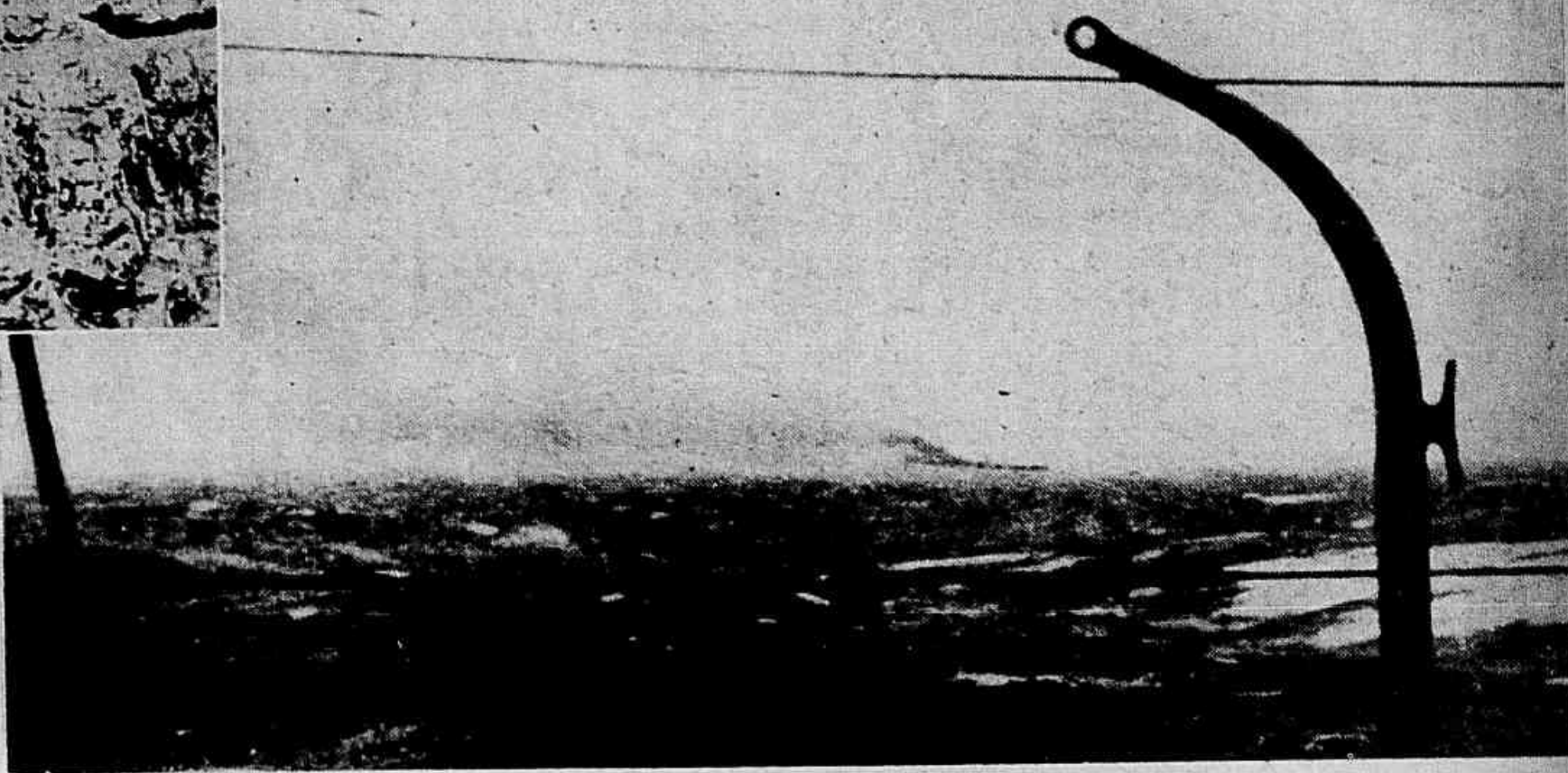
Isso sucedeu na manhã de 22 de Maio, e, naquele mesmo dia, o *Bismarck* e o *Prinz Eugen* partiram de Bergen e começaram a navegar para oeste, pelo canal da Dinamarca entre a Islândia e Groenlandia, através do qual esperavam passar para o Atlântico, onde iniciariam uma campanha de corso contra a navegação mercante. Essa partida de Bergen foi assinalada por um avião da força aérea naval que, a despeito das péssimas condições atmosféricas, executou operações de patrulhamento sobre o litoral da Noruega.

Os primeiros navios britânicos que avistaram os vasos de guerra alemães foram os cruzadores *Norfolk* e *Suffolk* que se apressaram em penetrar no estreito da Dinamarca, na esperança de interceptar os navios inimigos.



O hidroplano "Catalina" que localizou o Bismarck parte, de novo, para novas operações de patrulhamento no Atlântico.

A caçada do "Bismarck"



O Bismarck está em chamas aguardando o tiro de misericórdia. É a última fase da sua derradeira batalha.

Depois de um dia de neve e nevoeiros, o *Suffolk* e o *Norfolk* entraram em contacto com os adversários na noite de sexta-feira, 23 de Maio. Mantiveram-se em perseguição, durante toda a noite e, pela manhã de sábado os encouraçados britânicos *Wood* e *Prince of Wales* haviam chegado e entraram em ação, às 6.00 horas. O *Bismarck* foi atingido manifestando-se um incêndio a bordo. Mas infelizmente, o *Hood*, o valente veterano da frota de encouraçados britânicos, foi atingido também e justamente no paiol de munições, afundando-se em consequência da terrível explosão que se seguiu. O *Prince of Wales* ficou também ligeiramente avariado, afastando-se da ação, até à noite.

Enquanto isto, outros vasos de guerra britânicos se aproximavam da cena de batalha, sendo o primeiro a chegar o porta-aviões *Victorious*. Pouco depois de meia-noite, no sábado, um avião torpedeiro *Swordfish* daquele porta-aviões conseguiu atingir o *Bismarck* com um torpedo.

O *Prinz Eugen* recebera ordens de abandonar o *Bismarck* que tinha esperança de alcançar algum porto da França. Pela manhã de domingo, a visibilidade era tão má, que os navios britânicos haviam perdido contacto com o inimigo. Pela tarde de domingo e durante a noite de domingo para segunda-feira, os aviões do Comando Costeiro patrulharam uma área de muitas centenas de milhas, sobre o mar, enquanto os navios da Royal Navy iam chegando de todos os pontos, para ocuparem novas posições.

Somente às 10,30 horas da segunda-feira, 26 de Maio, foi restabelecido contacto com o *Bismarck*. O encouraçado alemão foi localizado por um hidroplano *Catalina* e constituiu uma prova de excelente cooperação entre a marinha e o Comando Costeiro da RAF o fato do navio ter sido, novamente, localizado, no meio dos nevoeiros do Atlântico, depois de um período de 31 horas e meia em que todo contacto estivera perdido.

Durante todo o dia de segunda-feira, os aviões do Comando Costeiro e porta-aviões *Ark Royal*, que, nessa ocasião, estava apenas a 70 milhas de distância, mantiveram contacto com o *Bismarck* e, um pouco antes de 21 horas, 15 aviões torpedeiros do *Ark Royal* desfecharam um ataque de meia hora contra o encouraçado germânico. O resultado foi magnífico. Apesar do *Bismarck* ter se defendido com terrível barragem anti-aérea, ficou seriamente atingido, começando a se mover em círculos.

Durante o resto da noite, o *Bismarck* continuou avançando vagarosamente em direção ao sul, tendo os contra torpedeiros britânicos se aproximado, danificando-o com mais três torpedos.

Ao amanhecer o orgulho da marinha alemã estava zendo apenas 10 nós. Às 8,45 os encouraçados *King George* e *Rodney* abriram fogo, juntamente com o *Norfolk*, que estava em ação desde o começo. Dentro de poucos minutos *Bismarck* estava em chamas e terrivelmente danificado. O cruzador *Dorsetshire* recebeu ordem de dar o tiro de misericórdia. Novamente torpedeado, o *Bismarck* começou a afundar às 11,01 e, poucos minutos depois, do que fora o mais moderno dos encouraçados alemães não restava mais que uma mancha de óleo nas águas do Atlântico.

A NOVELA DE SENSACÃO

Morte no Vestiário

CARTER
DICKSON

As luzes estavam amortecendo, quando Jim Matthews entrou no Clube do Oriente. O salão quente e cheio de fumaça enguliu-o como se ele ficasse enrolado em várias camadas de algodão. Seguindo o garçon, Jim tateou por entre as mesas, numa escuridão desmaiadamente iluminada pela brancura das toalhas de mesa, dos peitos de camisas e pelos ombros das mulheres.

Então os tambores começaram a rufar, afogando a bulha e o tumulto que nunca faltam num clube noturno, como se aí estivesse preso o eco de todas as vozes do mundo. Os tambores começaram com uma espécie de toque de tam-tam, que se ia avolumando e tornando cada vez mais rápido. Um foco de luz azul apareceu no outro lado do salão. Escorreu pelo soalho encerado, tocou a balaustrada da orquestra de onde trovejavam os tambores. A luz permitiu a Jim Matthews ver que o garçon lhe estava indicando uma mesa. Na verdade, a mesa estava em posição muito boa na margem do recinto das dansas. Mas estava ocupada.

Uma pequena com uma capa de pelica branca olhou em torno, espantada, quando os dois apareceram. Ela estava sentada sozinha numa mesa para dois. O foco de luz azul permitiu apenas a Jim observar que a moça tinha os cabelos castanhos e os olhos muito separados e que pelo seu traje claramente não era uma das pequenas da casa. Na mesa havia uma garrafa de champanhe fechada, com uma etiqueta "reservada".

Nenhuma palavra era audível no barulho dos tambores. Jim Matthews tentou dirigir umas desculpas à moça; indicou ao garçon a etiqueta de "reservada". Aquela

(Traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

dignitário arqueou os ombros num largo e hediondo gesto de desdém e por mímica indicou que todas as outras mesas estavam cheias. Jim, embora detestasse fazer-se importante, replicou também por mímica. O garçon inclinou-se para ele.

"Miss Rapport — vai dansar". — fez num cochicho.

Espetou o dedo urgentemente, em direção a uma porta de reposteiro, pela qual a estrela do **show** devia aparecer. Quasi fez Jim sentar à força na cadeira e desapareceu.

O que exasperou Jim Matthews foi que o garçon abolutamente não prestara atenção ao que a pequena da mesa poderia pensar a respeito dele. Nem ao menos olhara para ela. O caso talvez não tivesse importância; mas Jim estava já principiando a não gostar das maneiras em voga no Clube do Oriente. Relanceou os olhos para a moça de capa branca.

— Desculpe — berrou ele.

Pareceu-lhe que ela sorria e lhe acenara com a cabeça. Então os dois olharam para trás, para o centro do salão, pois Francine Rapport estava começando sua dansa do templo.

Com um leve tilintar, uma figura de vestes longas e sobrenaturais movia-se, dentro do foco de luz. "Francine Rapport", embora nascida na Holanda e educada em New York, era um belo tipo, puramente oriental. O rosto estava quasi irreconhecível sob uma máscara de tinta, com linhas riscadas para o alto, a partirem dos cantos externos dos olhos, tendo a acentuá-los uma expressão imperturbável. Era pequena, a pele côr de ambar; o corpo de curvas bem

feitas, mas de flexível musculatura. O traje, de largos ornamentos de metal, cintilava, sob uma leve camada de óleo. As mãos corriam por ele, erguiam-se hirtas acima da cabeça, desclam com as palmas voltadas para fora — e a dansa começou.

Jim Matthews lembrou-se de que não estava ali para olhar Francine Rapport. Contudo, sabia mais a seu respeito do que a maioria dos espectadores habituais. Ela devia andar pelos quarenta anos, depois duma vida desregrada em companhia de Tony Caplin; mas, não parecia. Jim indagava de si mesmo onde estaria Caplin nessa noite. Ergueu-se a meio na cadeira — e viu Caplin, proprietário do Clubê do Oriente, de pé ao lado do estrado da orquestra, no limite do foco luminoso.

Foi nesse momento que a pequena da capa branca se esgueirou da mesa.

Bem, ele não tinha nada com isso. Viu-a mover-se nas trevas, por entre as mesas, em direção ao estrado da orquestra. Sentou-se de novo. O bater do tam-tam dos tambores apressara-se; a música de cordas arrastava-se com insistência maior; e ocorreu a Jim Matthews, tão claramente como se tivesse ouvido um sino de alarma, que alguma coisa estava para acontecer.

Francine Rapport estava com medo. Ele não sabia porque era que ela estava com medo, embora tudo fosse possível no Clube do Oriente. Mas isso era evidente, mesmo no ritmo da dansa, no giro de seus dedos e de seus olhos, como se o belo corpo fosse realmente o daquela sacerdotiza ameaçada pelo templo do deus. Isso parecia tão certo que ela acabou a dansa um segundo antes da hora; e um segundo antes do tempo devido as luzes do Clube do Oriente se reacenderam.

As luzes mostraram a Jim Matthews que a moça da capa branca vinha de volta para sua mesa. Vinha andando ligeiro. Mas se assustou um pouco, apanhada pelas luzes, quando faltavam poucos metros. Justamente ela estava abrindo a bolsa para guardar furtivamente alguma coisa. Guardou, de fato, e a bolsa se fechou com um estalo, mas não antes de Jim ter visto o que era. Era uma carteira de couro, para notas.

Ao rumor dos aplausos que subiam para Francine Rapport, Jim olhou dentro dos olhos da outra moça. Ela se curvava um pouco para a frente, como que para esconder tanto a carteira como a própria bolsa. O rosto tornou-se-lhe escarlate. No salão, Francine Rapport estava agradecendo os aplausos; depois virou-se e correu para a porta de reposteiro, em direção ao camarim. Cadeiras eram arrastadas para trás. A orquestra, com um preliminar pigarro do saxofone, rompeu um animado número de dansa. E a pequena da capa branca, imitando o movimento, ou apavorada com ele, perdeu a cabeça e largou a correr. Com uma exclamação abafada, Jim Matthews levantou-se e perseguiu-a. Afinal de contas, era para isso que ele estava ali, não era mesmo?

Os pares invadiam o recinto das dansas, parecendo irreais na espessa névoa da fumaça. Investiam em tal número que Jim foi colhido como por um rolo de foot-ball. Dum microfone subia a voz modulada e ôca de Tony Caplin. "Os rapazes estão tocando para vocês..." Jim emborastou pelo meio, os olhos pregados na capa branca. A capa desapareceu pela porta de reposteiro, no rumo dos vestiários. Ele atingiu a soleira apenas trinta segundos depois; mas a moça havia desaparecido.

Atrás havia uma passagem, na qual Jim viu diversas portas, todas fechadas. Era mal iluminada, suja e cheia de cheiro de mofo. Não encontrou ninguém. Toda a casa parecia sacudir-se ao compassado arrastar de pés marcado pela música; mas essa podia ter vindo de outra rua. Então abriu-se uma porta ao fim da galeria, a moça da capa branca saiu e a fechou brandamente. A moça respirava como se tivesse corrido; ajustou a capa, antes de se voltar.

E Jim Matthews deu um passo diante dela.

— Desculpe-me.

— Que é que há?

Ela falou friamente, com uma calma repentina. Tony Caplin, pensou Jim, sabia escolher suas empregadas. Esta garota era um membro do Clube do Oriente, provavelmente tão habil nas artes da chantage como a própria Francine;



A moça de branco tentou escapar. Ele viu a intenção nos olhos dela e lhe agarrou o pulso.

porém poderia passar por qualquer outra coisa. Tanto seus traços como sua voz tinham aquele sinete que é tido como indicador de boa educação; os olhos castanhos e o arco das sobrancelhas mostravam uma fria interrogação quando ela o olhou.

— A senhora se importaria de me dizer — continuou Jim — que estava fazendo com aquela carteira que pôs na sua bolsa há um minuto?

— Carteira? Como? Que carteira?

— Oh, vamos com isso — falou Jim. Seu modo de falar era determinado por um mixto de raiva e de decepção. — Eu sou da polícia, senhorita.

Isso assustou-a, não menos do que o tom imperturbável que ele havia deliberadamente adotado. Ele viu no rosto dela incredulidade, dúvida, receio e, crescendo sob esses sentimentos, um certo ar de troça.

— Realmente? Compreendo. O senhor é desses que se divertem um bocado e depois prendem a gerência por vender bebidas fora de horas.

— Eu não tenho nada a ver com isso. — Ele procurava não falar azedamente. — Apenas estou lhe pedindo, se não se importa, que me explique o que estava fazendo com aquela carteira?

— Portanto creio que tenho de contar-lhe. Eu a apanhei no chão. Oh, sim, é a pura verdade. Não suportando os encantos de Miss Francine Rapport, que evidentemente embriagam a vocês, homens, dirigi-me ao bar, enquanto ela estava dansando. No caminho, apanhei a carteira. Naturalmente, quando as luzes se acenderam, eu quize descobrir o legítimo dono!

— Então porque não o procurou?

— Que diabo o senhor pensa que estou fazendo aqui? Eu sei que Miss Rapport — ela falou com um grau de ódio contido — é sócia da casa. Lamento que a maneira decente seja trepar numa mesa e berrar que se achou uma carteira. **Eu pensei em levá-la a Miss Rapport.**

— E entregou a carteira a ela?

Pela primeira vez os olhos da moça se desviaram.

— Não. Ela... ela não está. Evidentemente não voltou aqui depois da dança. O senhor seria bem gentil em me deixar passar para que eu pudesse entregar a carteira a Mr. Caplin? Venha comigo, se quiser. Como preferir.

Alguem estava trauteando sonhadoramente. Ao longo da galeria surgiu uma bonita criada de touca e avental. Era loura, mas seu aspecto era tal que Jim desconfiou de algum toque de sangue negro. Carregando no braço um roupão, ela lhes lançou um olhar agradavelmente desafiado ao passar para abrir a porta.

A moça da capa branca fez uma tentativa para se afastar. Jim viu-lhe a intenção nos olhos; cerrou-lhe os dedos em torno do pulso. Justamente nessa hora a porta se abriu, depois da fração de um segundo, a empregada soltou um grito.

— Não fui eu — gritou a moça de branco. — Juro que não fui eu!

Mesmo da soleira, eles puderam ver. Num vestiário desarrumado, de falso ar oriental, Francine Rapport estava sentada a um toucador, em frente dum espelho rodeado de luzes. Estava de bruços na mesa, a cabeleira cuidada em desalinho. As costas estavam nuas, salvo pelos laços de um largo peitoral metálico, que cintilava e resplandecia sob uma camada de óleo. Os braceletes tinham-lhe escorrido dos braços como cobras enoveladas. E ela não compunha um quadro muito agradável, pois tinha sido apunhalada pelas costas com uma tesoura de pontas aguçadas.

Sempre segurando o pulso da moça de branco, Jim entrou no camarim. Assassinato. Um caso de assassinato, pela primeira vez em sua curta experiência policial. Sentiu uma leve náusea. A mulher morreria fazia pouco tempo; e, apesar da arma tosca que fôra empregada, morreria de um golpe certo no coração. Não havia sinais de desordem no vestiário, salvo uma caixa de sândalo que estava aberta e um fragmento de papel apertado nos dedos contritos da mulher.

Esmacadamente, ao longo da passagem, vinda do salão de dança, ôca e abrandada pelo microfone, coava-se a voz modulada de Tony Caplin:

"Uma seleção de velhas canções favoritas, começando pelo imortal 'Adeus, pássaro preto'. Vamos a ela, rapazes. Jim voltou-se para a criada.

— Quem é você?

— Eu? Sou Paula. — Num extremo de terror, ela apertava a cabeça com as duas mãos, sacudindo-se, num velho gesto ancestral.

— Criada dela?

— Hein?



Ela hesitou, depois estirou as mãos. — Que é que vocês pensariam afinal achar nas mãos dela? — perguntou Caplin.

— Criada de miss Rapport?

— Sim, senhor. Quem quer saber disso? — Ela olhou para ele ferozmente.

Jim falou-lhe. — Você estava aqui, quando ela voltou da dança há poucos minutos?

— Eu não estava! Eu não estava e posso provar que não estava! Ela me mandou dar um recado a Mr. Caplin para vir vê-la quando acabasse de dansar, e foi isso que eu fiz. E...

— Quieta. Você sabe qual é a mesa dezesseis? Direitinho, portanto. Na mesa dezesseis você encontrará um homem grande e corpulento; bigode cor de areia, cabelos curtos, cara mosqueada. O nome dele é coronel March. Pergunte-lhe se pode vir aqui, mas não fale nisso a ninguém mais. Entendido?

Depois que a criada saiu, Jim curvou-se sobre o toucador. Foi fácil perceber algumas palavras escritas no fragmento de papel da mão de Francine Rapport: **"desse modo. Sempre seu adorador — Tommy.** Os dedos macios e limpos, com as unhas tintas de púrpura, seguravam o papel, como se mesmo na morte agarrassem alguém.

Jim Matthews não tocou em coisa alguma. Isso não competia ao Departamento D-3. Ele e o coronel March estavam no Clube do Oriente, procurando batedores de carteiras de ceias elegantes, e evidentemente haviam achado; mais no entanto, alguém tem que tomar providências, quando um **pickpocket** conta mentiras a dez passos duma mulher assassinada. Levou a rapariga de branco até uma cadeira.

— Dê-me seu nome e seu endereço, por favor.

— Desculpe. Não posso dizer-lhe isso.

Jim fechou o caderno de notas. "Isso é um privilégio seu — disse ele. — Eu também quero que a senhora compreenda que não é obrigada a responder a nenhuma pergunta que eu lhe faça. Mas, se a senhora compreendesse pelo menos...

— Não me importo de responder as suas perguntas — disse a moça, e as lágrimas lhe saltaram aos olhos. — A situação não pode ser pior para mim do que já está, não é mesmo?

— Então porque foi que a senhora não me disse que sabia que ela estava morta?

— O senhor acha que sou louca? O senhor pensaria logo o que pensou. Porém eu não matei. Entrei aqui vi que ela estava morta e sai de novo. E' tudo o que sei. Tudo o que eu queria era afastar-me daqui. Não espero que o senhor acredite. Eu provavelmente não acreditaria mesmo, se estivesse no seu lugar; mas, esta é que é a verdade.

Ela se sentou na cadeira, com uma expressão de franco desespero.

— E a respeito daquela carteira?

— E' a carteira de Tony Caplin. O senhor agora pode ficar sabendo.

— A senhora a roubou?

— Não. Não se preocupe. Não vou adotar uma atitude de inocência ofendida nem ter um ataque de fúria, como fazem as mulheres. — Seus olhos moveram-se na direção de Francine. — Mas eu efetivamente não roubei. Ele deixou a carteira cair. Deixou cair, garanto-lhe!

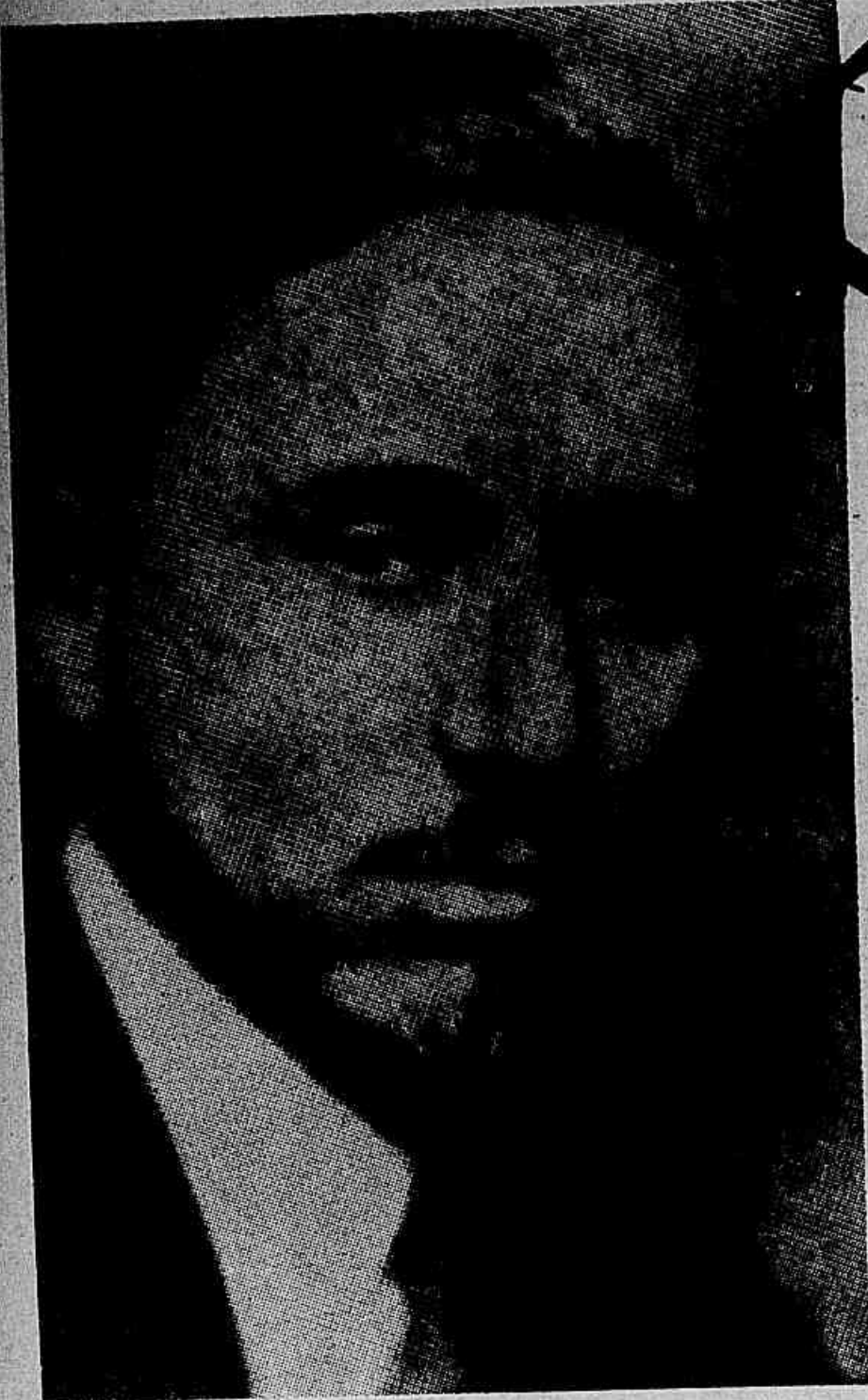
— A senhora ainda está com a carteira? Seria melhor que m'a entregasse.

Uma expressão de cinismo veiu-lhe ao rosto, uma espécie de prazer como se houvesse algum segredo írnico. Se ele não lhe tivesse visto a outra expressão quando ela estava desprevenida, poderia ter acreditado nela. Sem uma palavra, a moça abriu a bolsa, tirou a carteira e a entregou. Era uma carteira de couro preto, comum, sem nome nem iniciais, mas recheada a valer. Não era uma carteira comum; continha, bem arrumadas, mil libras em notas de cinquenta libras.

Os dois foram surpreendidos por uma exclamação vinda da porta. Tony Caplin estava olhando desvairadamente para a mulher abatida sobre a mesinha do toucador.

Mesmo os que conheciam a perversidade de Caplin ou as suas inatas patifarias eram compelidos a reconhecer-lhe a sedução pessoal. Ele atravessava o mundo com

(Continúa na pag. 48)



WILL DURANT

No vale, embaixo da colina onde costumo passar os verões, fica uma pequena igreja cujo campanário me havia servido de balisa em muitas excursões.

Muitas vezes, quando lhe passava á porta durante a semana e tudo era silêncio nela, desejei entrar, sentar-me quietamente num dos bancos vazios e sentir mais profundamente o deslumbramento e o desejo que edificaram capelas como esta, — templos, mesquitas e as grandes catedrais — por toda a parte do vasto mundo.

O homem difere do animal em duas coisas: em que ri e ora. Talvez o animal ria quando brinca e ore quando se lamenta ou suplica; jamais conheceremos outra alma a não ser a nossa própria e ainda essa... Mas o sinal do homem é que choca sua cabeça no enigma da vida, realisa sua infinita fraqueza de corpo e espírito, ergue seu coração até uma presença e um poder ocultos e descobre em sua fé um farol de encorajadora esperança, uma coluna de força para sua dignidade frágil.

Estes homens dos campos, que vêm de longe nas manhãs de sábado, saudando-se mutuamente com rude cordialidade, que entram a cultivar seu Deus à sua própria maneira — penso, às vezes que sabem mais que tudo aquilo que eu poderia encontrar em livros. Não têm palavras para dizer-me o que sabem, mas isto é porque a religião, como a música, existe num mundo que fica além da palavra, dos pensamentos e das coisas. Sentiram o mistério da revelação dentro de si mesmos e não dirão que são máquinas. Viram o crescimento do sólo e dos filhos, quedaram-se admirando o entumescer dos campos, nos bosques murmurantes e seivosos, e sentiram em cada célula e átomo o mesmo poder criador que se transmite a seus atos e a suas realizações. Suas faces impassíveis ocultam uma silenciosa ação de graças pelo calor do estio, pelo mortal encanto do outono e a alegre ressurreição da primavera. Observaram pacientes o movimento das estrelas, e descobriram nelas a majestade de uma ordem tão harmoniosamente regular que nossos ouvidos perceberiam-lhe a música, não fosse ela eterna. Seus olhos fatigados conheceram o inefável esplendor da terra e do céu, mesmo na tempestade, no horror e na destruição e jamais duvidaram que sua beleza encerrasse algum sentido oculto. Viram a morte e superaram-na com a esperança.

E assim oram. A poesia do seu ritual redime a prosa do seu labor cotidiano; as orações que fazem são segretos apêlos que dirigem a si mesmos; os cantos que entoam são gritos alegres de sua força contente. Os mandamentos

que aceitam, graças aos quais podem viver uns com os outros em ordem e paz, são para eles os imperativos de uma divindade inevitável, não como os editos questionáveis dos homens. Através desses mandamentos, eles participam de um drama divino, e suas vidas fatigadas penetram-se de um objetivo e de uma dignidade que a morte não poderá cancelar.

Esta pequena igreja é o símbolo primeiro e último da América. Pois homens atravessaram o oceano não apenas em busca de novo sólo para suas colheitas, mas para conquistar liberdade para suas almas, para pensar, falar e orar como quisessem. E' esta a liberdade que os homens estimam acima de tudo; por ela suportaram perseguições sem conta e lutaram com mais bravura do que por ouro ou pão. Estes homens que saem da capela — qual será nêles a coisa mais bela, depois de suas vidas destemidas? E' que não exigem de outros que orem como eles, ou que orem simplesmente. Naquêle vale tranquilo muitos existem que não vieram assistir aos serviços. Nada pesa contra eles; silenciosamente estes que oram compreendem que a fé tem muitas formas e que os homens dão diversos nomes á esperança que é idêntica em seus corações.

E' surpreendente e inspirador que após toda a sangueira da história, possa a América albergar em camaradagem uma centena de religiões e uma centena de dúvidas. E' esta uma herança antiga que conservamos e justamente porque temo-la do berço, já a consideramos garantida e esperamos-la de todos os homens maduros. Até ontem todo o mundo civilizado tinha-a por certa.

Mas, eis que subitamente, pela mania paranoica da superioridade racial, ou por sadismo obscuro de estratégia política, renovou-se a perseguição, e os homens voltam a ser condenados a dar a Cesar o que é de Cesar e a dar também a Cesar o que é de Deus. Os japoneses que outrora dedicavam-se á criação de coisas belas, começam a excluir de seus domínios todo credo que não seja a crença pueril na divindade de seu imperador. Os italianos, que por duas vezes iluminaram a península com seu gênio, vêm-se compelidos a oprimir um punhado de homens perseguidos. Os franceses, uma vez

celebrados em toda a terra pela sua civilização e apuro, entregam inermes foragidos aos assassinos mais frios que a história conheceu. Os alemães que fizeram do mundo, em tempos idos, um seu credor na ciência, na filosofia e na música, estão sofrendo a mais cruel das perseguições de todos os anais da selvageria por homens que se deliciam com a miséria humana, que abertamente se propuseram destruir a Cristandade, que parecem resolvidos a deixar a seu povo como única religião a guerra, e como único deus o Estado.

E' inacreditável que essa loucura reacionária possa exprimir o espírito e o coração de um povo adulto. As relações de um homem com seu Deus deviam ser sagradas, invioláveis por qualquer poder. Nenhum chefe de Estado existiu que fôsse bastante sábio para instruir um santo; e um homem bom que não é grande, é mil vezes mais precioso que um grande homem que não é bom. Porisso, quando denunciemos o encarceramento do heróico Niemoller, o silenciamento do bravo Faulhaber, estamos defendendo a liberdade do povo alemão tanto quanto a do espírito universal. Quando entregamos nossos filhos aos azares da guerra, é na esperança de que seu sacrifício nos trará e aos nossos aliados não polegadas de sólo alheio, nem tão pouco um monopólio egoísta dos recursos mundiais de comércio, mas apenas o privilégio de conquistar para todos os povos os dons mais preciosos na órbita da vida — liberdade de corpo e alma, de movimento e de ação, de pensamento e palavra, de fé e de culto, de esperança e caridade, de uma solidariedade humana com todos os habitantes da terra.

Si nossos filhos e irmãos o conseguirem, si pelo seu labor e sofrimento puderem propiciar a toda humanidade a dádiva e o estímulo de uma liberdade ordenada, será este um triunfo diante do qual todas as glórias de Alexandre, Cesar e Napoleão serão um nada. Para êsse escopo estão ofertando sua mocidade e seu sangue. Para êsse fim e para eles, nós outros, lamentando não poder estar a seu lado, dedicamos os restos de nossas vidas.

Apólices Populares Paulistas

Reação das Apólices Populares Paulistas premiadas no 32.º sorteio ordinário, realizado no dia 30 de Junho de 1943 conforme ata da Bola Oficial de Valores, publicada no "Diário Oficial":

1.º Prêmio — 883203 — Quinhentos mil cruzeiros
2.º Prêmio — 276474 — Cinqüenta mil cruzeiros
3.º Prêmio — 929529 — Dez mil cruzeiros

40 PREMIOS DE CR. \$ 1.000,00 CADA UM, SOB NUMEROS:

036184	085029	181678	320340	425627	551166	612875	657614	831459	852534
055920	087153	210824	329455	450134	578334	620623	668037	832918	859523
060537	117682	274354	377447	476414	597007	624392	700396	835566	921158
070439	156252	281275	392491	517905	603659	636746	766935	843941	982545

Os portadores das apólices acima poderão receber os prêmios no "guichet" de qualquer Banco desta Capital ou do Interior do Estado.

O próximo sorteio ordinário das Apólices Populares será realizado no dia 30 de Setembro de 1943, com a distribuição de Cr. \$ 600.000,00 em prêmios, sendo o 1.º de Cr. \$ 500.000,00, o 2.º de Cr. \$ 50.000,00, o 3.º de Cr. \$ 10.000,00 e mais 40 prêmios de Cr. \$ 1.000,00 cada um.

Banco do Estado de São Paulo S/A

MATRIZ: São Paulo --- Rua 15 de Novembro n. 251

Caixa Postal, 789 --- Endereço telegráfico: BANESPA



NOVA-YORK, JUNHO (Serviço especial por via aerea) — O despachante no embarcadouro n. 4 informou que a minha passagem fora cancelada.

Eu sabia que isso era uma necessidade da guerra, e deveria aceita-la de boa vontade. Contudo, no meu desapontamento, não pude deixar de perguntar: — "Quem vai ocupar o meu assento?"

O homem apontou com a cabeça para uma pessoa atrás de mim. "Aquelela moça."

Era uma jovem num vistoso uniforme cinzento, vestindo calças, e ostentando no peito as insígnias do Comando de Transporte Aéreo. Um espesso casaco debruado de couro — desses que usam os aviadores para enfrentar as nevadas — pendia-lhe do braço. Tinha a cabeça debruçada a olhar para um relógio, mas, quando levantou a face, vi nos seus olhos evidentes sinais de fadiga.

"Que uniforme é aquele?", perguntei ao homem.

"WAFS", disse ele. "Women's Auxiliary Ferrying Squadron" ou "Esquadrão Auxiliar Feminino de Transporte". E acrescentou: "Ela acaba de entregar um avião militar dos Estados Unidos. Quanto mais depressa a conduzirmos de volta à sua base em New Castle, Delaware, mais cedo será capaz de entregar um outro."

Observando-a atentamente, calou no meu espírito sua expressão de cansaço; comeci a imaginar quantos voos já tinha feito naqueles poucos dias. Aquela jovem, de pequena estatura, não poderia ter mais do que 23 ou 24 anos. Era surpreendente, e, de certo modo, também humilhante, pensar numa jovem como aquela transportando aviões para pontos distantes do país, sozinha nos seus voos e horas, voando através da chuva, neve e tempestades.

Tive o impulso de dirigir-lhe a palavra. Mas ela passou indiferente por nós e subiu para o grande avião de passageiros. Foi a última visão que dela tive, visão que ficou a repetir-se na minha memória durante semanas. Afinal, foi este um dos fatores que me levaram à base aérea militar de New Castle.

No Ministério em Washington me disseram: "Se deseja informações sobre o 'WAFS' a pessoa que deve procurar é a mulher que planeja a organização — Diretora Nancy Harkness Love."

Disse com toda a inocência — "Deve ser uma pessoa importante". "Espere e verá" foi a resposta que me deu a sorrir o Capitão meu informante.

Lama — foi a primeira coisa que notei ao cruzar o portão principal da base aérea de New Castle. Chovia sem parar havia coisa de uns três dias e a lama era espessa de polegadas.

Exatamente na minha dianteira caminhava uma jovem. Levava uma mala, um paracadedas, um casaco de peles e um outro pacote. Recurvada sob a chuva, parecia tão fatigada quanto a moça que eu vira no aeroporto.

"Será que está de volta de um voo?" — perguntei ao oficial que me acompanhava.

Ele aquiesceu. "Elas estão sempre — como o senhor vê agora — partindo ou regressando das suas missões. Estas garotas fazem realmente a guerra." E havia na entonação de suas palavras um acento de admiração.

Os edifícios em minha volta — a maioria dos quais era construção de madeira tinha a mesma cor da lama. A jovem deixou a estrada e enveredou por uma improvisada trilha de taboas, que cruzava, através a lama, até os degraus de uma das edificações.

"Ali vivem as jovens do 'WAFS'", disse o oficial. "Antigamente, era um alojamento de oficiais e agora foi convertido em alojamento para as moças."

"Quantas vivem aqui?", perguntei.

"Todas elas."

"Quer dizer, objetei em tom de espanto, que toda a organização do 'Esquadrão Auxiliar Feminino de Transporte' está alojado neste único edifício?"

"Certamente, incluindo, a srna. Love. Há, por enquanto, somente 25. Mas isto é apenas o começo. Breve haverá muito mais..."

"Chefes das Mulheres Aviadoras" é um título pomposo. Leva-nos a visualizar uma mulher autoritária, de porte militarizado. No entanto, ficamos surpresos ao conhecer Nancy Harkness Love — agradavelmente surpresos.

Ela é surpreendentemente jovem, ainda na casa dos vinte. Quando se levanta e nos aperta cordialmente a mão sentimo-nos como em nossa casa. Temos então à nossa frente uma jovem alta, elegante e graciosa, de cabelos alourados. Dentro de poucos momentos nos convencemos de que todas as perguntas acerca do WAFS, mesmo aquelas elementares e maçantes de um leigo, não a aborrecem. Fala das suas subordinadas com orgulho e entusiasmo. E, no entanto, há em tudo o que diz um acento de meditação, como se não esquecesse um minuto sequer a pesada e muitas vezes perigosa tarefa de guerra que as suas jovens são chamadas a desempenhar.

"Apenas pedimos uma coisa", ela diz. "Não nos apresente como melindrosas num uniforme vistoso. Se alguma das nossas veio para aqui na ilusão de andar chic num uniforme da moda, coisas como esta lama e esta chuva aí fora logo a fazem mudar de idéia."

Mencionei minha surpresa ao saber que atingia apenas a 25 o número de voluntárias do WAFS.

"Isto é porque nossas rígidas exigências limitam o número de candidatas aceitáveis. Não haverá em todo o país mais do que umas cem mulheres com as qualificações necessárias. Em primeiro lugar, a moça deve possuir uma licença de piloto comercial, com o certificado correspondente de, pelo menos, 500 horas de voo, e experiência de navegação aérea através do país. Deve, além disso, ter entre 27 e 35 anos de idade e ser cidadã do Estados Unidos com a educação secundária, pelo menos. Por aí se pode adivinhar que não haverá muitas mulheres em condições de preencher as exigências do alistamento. Naturalmente, escolas de aprendizagem estão em funcionamento, afim de que as interessadas possam adquirir as necessárias qualificações. O Departamento Feminino de Treinamento Aéreo, operando no Estado do Texas sob a direção da famosa aviadora Jacqueline Cochran, está preparando moças para o WAFS. Dentro de algum tempo nossa organização assumirá grandes proporções, em-

As garotas dão conta do seu recado

POR OSCAR SCHISGALL

(Serviço especial da Inte-Americana; exclusivo para esta revista)

born no presente esteja funcionando apenas com 25 audazes pioneiras."

Cada uma dessas jovens, explicou a srna. Love, recebe um curso de treinamento de 4 semanas em New Castle. Tem de aprender a guiar aviões militares e praticam neles até um total de 25 horas de voo. Para se manterem em perfeita forma física, são sujeitas a exercícios tão pesados quanto qualquer homem.

"Então, passam a estudar também navegação e meteorologia", prosseguiu. "E também aprendem as praxes e cortesias militares. Naturalmente, não somos parte do Exército. Mas desde que trabalhamos para ele, temos de aprender os regulamentos militares e seguir os padrões de voo do Exército."

"O que a senhora quer dizer, precisamente, por 'padrões de voo'?"

"Quando está voando para o Exército, uma aviadora não pode fazer no ar o que deseja. Há métodos prescritos que devem ser seguidos. Se está voando em companhia de outras, deve aprender a compor formações de certos tipos. Tudo isto leva tempo a aprender."

"Se achar que a tarefa é muito dura a moça pode renunciar?"

A srna. Love sorriu. "Sim", disse ela, "mas até agora só tivemos um caso desses. Era uma senhora mãe de 4 filhos e sabendo que eles estavam doentes, não teve escolha senão voltar."

"O que acontece", perguntei, "quando termina o curso de treinamento de 4 semanas? São realizadas cerimônias de formatura?"

"Há apenas uma cerimonia: a pequena vai a Wilmington e encomenda os seus uniformes. Até aquela data esteve trabalhando de macacão. O uniforme é o símbolo do seu direito de usar a insígnia das azas."

Perguntei se poderia ver o alojamento das moças. Ao contrario do que imaginava, ela levantou-se sorridente, ajeitou o cabelo, e me acompanhou através da lama.

Toda a edificação mantinha um ambiente de caserna, na simplicidade, limpeza, boa ordem e na visita ocasional de um ou outro rato. Um deles atravessou correndo à nossa frente.

Cada membro do WAFS tem seu proprio aposento. E' pequeno, equipadado com uma cama-maca do tipo adotado no Exército, uma cômoda cheia de gavetas, uma ou duas cadeiras e um tapete. Banheiro e lavatórios são comuns. Aqui e acolá pode-se ver um objeto de uso feminino esquecido em qualquer dos aposentos — uma almofada ou um espelho de bom tamanho.

"Uma coisa que eu desejaria mostrar ao senhor", disse a srna. Love a rir, "são as venezianas nestas janelas". "Penso que é o único edifício do Exército que dispõe de venezianas. Como

o snr. vê, estamos cercadas de homens e antes de mandarmos colocar as venezianas tínhamos de nos despir no escuro ou nos aposentos centrais."

"Por falar em homens", indaguei, "que acham eles de ter mulheres na base?"

"Oh, penso que não desgostam de nós, pois nos dão todos os privilégios dos oficiais. Fazemos as refeições no salão dos oficiais, frequentamos o seu clube; e desde que há centenas de oficiais para cada uma das nossas aviadoras, a estas nunca faltam os encontros... Isto é — corrigiu — quando há tempo para os encontros."

"O tempo, entretanto, é uma utilidade por demais escassa. Uma vez que uma moça começa a entregar aviões às bases do Exército, raramente tem mais do que seis ou oito horas de descanso entre um voo e outro. Estão sempre zumbindo nos céus, rumo a qualquer ponto remoto dos Estados Unidos, deixando os aviões e voltando a New Castle, seja qual for o meio de condução que consigam obter, para novamente alçarem voo com outros aviões."

"A única queixa", disse a srna. Love num suspiro, "é que não há tempo suficiente para a lavagem de roupa."

Novamente nos metemos pela lama e pela chuva em direção a um dos hangares. O "escritório de controle" é localizado aqui — uma dependencia quasi desmobilada onde são escalados os voos. Um grande quadro negro todo assinalado de sinais coloridos indica onde, a cada momento, deve se encontrar cada uma das moças do WAFS. Dez estavam na base, estudando ou aguardando escala. Quinze estavam espalhadas nos céus do país. Olhando atentamente para os sinais coloridos, perguntei: "Qual é o significado das diferentes cores? Será que o sinal verde significa uma coisa e o vermelho outra?"

"Oh, não", responde a srna. Love, "apenas aproveitamos qualquer pedacinho de feltro que podemos encontrar."

Bem, agora estou de volta em Nova York. Chove ainda lá fora. Ouço ruído de avião.

E' muito possivel que em qualquer ponto por cima das nossas cabeças, sozinha na carlinga de um avião de treinamento em trânsito para entregar, uma daquelas jovens esteja tirando de frio, na certeza de que permanecerá isolada e exposta às inclemências do tempo durante umas sete ou oito horas mais. Estará voando por estes espaços afora, a milhares de metros de altura, afim de que um homem seja poupado neste serviço e possa lutar pelo seu país.



Livros Novos

O LIVRO DE UM ADVOGADO, de Levi Carneiro, da Academia Brasileira de Letras — Rio de Janeiro, 1943.

São as memórias dum homem de letras e de leis, publicadas em vida. Os vultos mais ou menos eminentes que redigem a sua própria história e acompanham os originaes da recomendação de só lh'a publicarem em edição póstuma, procedem com dupla prudência e se garantem ou se facilitam duas formas de êxito. Em primeiro lugar, não terão que dá contas à crítica ou aos leitores mesmos, quanto às asserções mais ou menos "chocantes" que houverem formulado; em segundo, o acréscimo de respeito, a espécie de superstição admirativa e carinhosa que os mortos em geral suscitam! achará razoáveis ou talvez ainda deficientes todos os encômios com que já explicita, já implicitamente, o autor haja exaltado a sua pessoa ou as suas obras. E assim, ele se garante todas as vantagens possíveis ou todase foga as responsabilidades.

O sr. Levi Carneiro em todos os sentidos e todos os terrenos justifica a autobiografia. Esta categoria que ele nega ao presente livro — e não pretendemos dar uma lição mas simplesmente render um louvor — com toda a propriedade lhe assenta e lhe convém. Pelas quinhentas páginas em vasto formato do *Livro de um advogado* se sucedem as fazes e episódios duma carreira feita de bela inteligência, esforço contínuo, alta probidade, e que por, tudo isso ou, quem sabe, às vezes apesar dalguma dessas coisas, unicamente se assinalam triunfos. Aqui estão documentos ou reminiscências de grandes causas e grandes questões das delegações oficiais desempenhadas dos projectos e pareceres parlamentares das campanhas dentro da classe e no campo associativo; a labuta, os combates, as ansiedades que sempre custa a vitória.

São notáveis os juízos expendidos em discursos comemorativos ou artigos de revista sobre vultos ilustres da jurisprudência: Epitácio Pessoa, Souza Bandeira, Pedro Lessa, Alfredo Bernardes, Mendes Pimentel, Rodrigo Octávio, Clovis Bevilacqua, outros ainda. As poucas páginas sobre Raimundo Correia são, além de nobremente sentidas, preciosamente reveladoras. E o estudo crítico do livro de Alcantara Machado sobre seu insigne pai, Brasília Machado, só realmente outro mestre, que fosse outro artista da palavra, o poderia fazer.

Demos ao livro a classificação de auto-biografia. O sr. Levi Carneiro pode bem responder por ela.



A CINZA DO PURGATORIO, ensaios de Otto Maria Carpeaux — Rio de Janeiro, 1942.

Só esta semana, por algum desvio que se produziu no tracto, por qualquer outra circunstância difícil agora de averiguar, nos chega às mãos o livro de Otto Maria Carpeaux.

Ao que nos dizem os editores, "Otto Maria Carpeaux" é um pseudónimo. Trata-se de eminente escritor do Velho Mundo, a quem as vicissitudes da guerra forçaram a emigrar para este mundo novíssimo que é o Brasil. Aqui encontraria o preclaro homem de letras exatamente aquilo de que precisava: ambiente de serenidade, limpidez e beleza; uma roda espontânea de admiradores, logo amigos, dispostos, todos eles, a tornar-lhe a permanência mais que agradável e mais que cativante; um grande jornal onde escrever com "a mais ampla liberdade e independência..." Que mais desejaria um homem nas suas condições para reconhecer que alcançara a terra dos seus sonhos, o paiz absolutamente ideal?

"As vozes proféticas do passado ensinam-nos a interpretar a nossa situação; interpretação que equivale a um julgamento do mundo e de nós mesmos, a um exame de consciência. E' só a luz interior que pode iluminar o caminho pelas trevas, para conferir um sentido moral ao purgatório dos nossos dias, para acender, na cinza do que foi, a vacilante luz duma nova esperança. Era o meu caminho também: ainda sinto na boca o travo amargo da cinza do purgatório já devo agradecer a aurora duma vida nova. *Quindi uscimmo a riveder le stelle*"

Tais as primeiras linhas do prefácio. Elas nos põem diante dos olhos a individualidade do autor na sua expressão actual. Assim o devemos olhar e compreender, acompanhando-o na maneira de considerar os homens e as coisas de que, ao sabor das impressões ou das disposições de cada dia, lhe ocorra ocupar-se. A sua preferência vai para os temas literários. Uma extensa cultura, laboriosamente mantida em dia, lhe permite, com largueza e desenvoltura, tratar de Shakespeare, Milton e Goethe, como de Nietzsche

e Flaubert, como, e embora de passagem, do sr. Paul Valéry e dos prosadores e poetas mais modernos. Abordando, porém, os problemas políticos e sociais entregando-se ao estudo duma filosofia, duma religião ventilando qualquer corrente de idéias, exami-

nando as tendências e reviravoltas da psicologia humana — dá sempre uma larga medida de inteligência e de saber. (E esse livro comporta substância e luminosidade bastantes para serem repartidas por vários escritores.



A POLITICA EXTERIOR DO BRASIL (1930-1942) por Jayme de Barros, 2.ª edição correctada e aumentada — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. Jayme de Barros fez primeiramente a sua carreira na imprensa. Todos os que exercem o officio de jornalismo se lembram, mais ou menos, do seu aparecimento. Foi um advento "marcado" e em todos os sentidos ditoso. As crônicas de feição agil e elegante lhe abriram caminho até à primeira linha dos cultores — que em nenhuma época foram muitos — do gênero. E não faltou quem o comparasse a João do Rio, juízo esse que o próprio Paulo Barreto não deixaria de confirmar.

Na crítica literária, praticada embora em condições de abranger quatro ou cinco autores num rodapé de jornal, igualmente o sr. Jayme de Barros se fez considerar e estimar deveras. A política do Estado do Rio levou-o para o campo de acção e ainda para outro sector das letras que assim ganharam mais um livro de valor. E *A politica exterior do Brasil*, que está agora na segunda edição, oferece todos os requisitos do trabalho equilibrado, harmonioso, justo de proporções como de ideias, em que nada deixou de ser dito de maneira apropriada.

Além do mais, o sr. Jayme de Barros desempenha nestas páginas um papel de reparação histórica, fazendo justiça a grandes homens que até agora a não haviam obtido e assim corrigindo um preconceito, ou um simples erro de opinião corrente. "Os historiadores da diplomacia brasileira — diz ele na Introdução — que insistem em estudá-la apenas no período colonial e imperial, quando ela de fato se caracterizou por um realismo admirável, cometem, além da grave omissão do período republicano, onde somente destacam a obra de Rio Branco, outro erro imperdoável. Fazem decorrer toda a nossa acção diplomática

um simples desdobramento da diplomacia portuguesa..." Daí, por conseguinte, inicia o sr. Jayme de Barros o seu sistema de documentação, como o seu processo de análise e comentário. Os antecedentes exatos e o confronto com as versões, mais ou menos estabelecidas lhe servem para melhor examinar e explicar o que tem sido, no campo diplomático e nas relações internacionais, a acção do Estado Novo. A copiosa contribuição dos arquivos não o faz desviar-se do seu ponto de vista nem descuidar, do propósito doutrinário. E porque entre os testemunhos oficiais e a interpretação do homem de letras reina constante correspondência e se mantém o acordo necessário, é que o livro todo nos interessa e nos leva de capítulo em capítulo, sempre satisfatoriamente, até ao fim.



ESPUMAS, versos de Cantimiro Barata — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. Cantimiro Barata que, a julgar pelo retrato estampado na "orelha" deste livro, é um belo e forte rapagão, nem por isso se acha animado do optimismo excessivo ou do espirito audacioso da mocidade. Não se considera, como, em geral, os da sua idade, um gênio já de hoje, uma celebridade de amanhã. Ao contrário: certa modéstia que, perante os dotes e recursos aqui revelados, temos de considerar excessiva, escolheu o título *Espumas*, para significar a beleza do seu sonho e a inconsistência das suas realizações. Fazendo bons versos e não raro os animando de formosas imagens, deles não espera lustro nem qualquer boa fortuna. E é para os definir simbolicamente que põe estas tres quadras na primeira página do volume:

No dorso verde-azul dos pélagos inquietos
Das espumas se estende o alvo lençol risonho.
E o Mar, que as gera e adora, em paternais afetos,
Embrala-lhes a vida efêmera de sonho.

Olhai como refulge aquela mais crescida,
Tão tûmida e irisada, a bailar, a bailar...
De tão linda parece uma estrela caída
Do infinito do Céu no infinito do Mar!

E mais impa, entumesce e se avoluma, quando
Estoirra silenciosa a estrela malograda!
E esvai-se, como um sonho, e nem sequer deixando
Um rastro, uma lembrança, uma saudade... nada!



PETROLEO, romance de Upton Sinclair, tradução de Jorge Jobinsky — Rio de Janeiro, 1943.

Quando este romance começa, o magnate do petróleo J. Arnold Ross, que se fez por si mesmo como tantos vultos eminentes do comércio e da indústria norte-americanos, está senhor de enorme fortuna. Continua, porém, a trabalhar e a atirar-se a novos empreendimentos, já para se consolar ou se esquecer dos seus infortunios matrimoniais já porque seu filho Bunny lhe admira as faculdades de iniciativa e realização.

Numa viagem de recreio que fazem juntos, Arnold Ross descobre mais uma terra com petróleo e compra-a para o filho, tanto mais vantajosamente quanto é certo não saberem os donos nem poderem imaginar o tesouro imenso que ali se contém. Bunny, porém, não será um continuador do pai. Se não vai ao ponto de se tornar, um revolucionário, um igualitário, como tantos filhos de potentados ou de ricos, compreende as aspirações, os legítimos interesses de todos os trabalhadores. Não chega a haver entre o pai e o filho incompatibilidade nem desavença grave. E a obra tira o seu maior interesse dos episódios que se relacionam com a extração e preparo da tão disputada essência: acidentes inevitáveis na abertura dos poços, atos de coragem, golpes de teatro e surpresas mais ou menos sensacionais.

Uma parede operária põe em risco a riqueza de J. Arnold Ross. Tudo, porém, se concerta após a entrada dos Estados Unidos na Grande Guerra (1917); os operários obtêm as desejadas oito horas; e o desfecho estabelece entre a empresa e os seus empregados a possível harmonia — consagrando, tanto quanto possível também, a tee social do livro.

J. L.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

DEPOSITOS

DESCONTOS

CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50



Um século de romances policiais

De KATHERINE WOODS

As histórias policiais completaram seus primeiros cem anos. Compreendem hoje um quarto da ficção de língua inglesa. Começa seu segundo século numa maturidade de vigor muscular, experiências audaciosas e espírito ágil. Como forma literária, desenvolveu-se com ágil variedade dentro de limites rígidos e a este paradoxo acresce outro, com o fato de ser o seu critério único de excelência, apesar de ser alvo de desprezo por parte dos intelectuais, puramente intelectuais. Seu desenvolvimento, ainda mais, está ligado a concepções democráticas dos direitos do homem, e sua exclusão pelas ditaduras não é mera demonstração de tirania cultural. Em suma, é fácil ver porque Howard Haycraft descreve a história policial como "o mais importante fenômeno literário dos tempos modernos" e partilhar sua surpresa ao constatar que "nenhuma história cronológica ou analítica" apareceu desta forma literária. O próprio Haycraft, porém, apressou-se a encher o vácuo. "A história policial, admitindo uma forma literária de evasão e incapaz de vir a ser algo mais, conseguiu contudo, um lugar respeitável nas letras contemporâneas. Esta posição, ela não a obteve sem luta". Dessa luta e evolução, Haycraft nos fez uma história conscienciosa—baseada no raciocínio lógico diferenciado do simples evento violento ou misterioso. Dentro, porém, desses limites, que diversidade de construções foram assentadas sobre os alicerces de Poe, por diversas modalidades de espíritos!

A nova forma literária, que foi inventada nos Estados Unidos e depois lavada para a França, teve seu primeiro e, geralmente, seu mais completo desenvolvimento na Inglaterra. E quando Wilkie Collins escreveu *The Moonstone* produziu mais do que um mero conto de transição. O enredo dessa história policial é um dos mais perfeitos, que o mundo conheceu; sua caracterização uma coisa primorosa foi a primeira novela de crime que incluiu humor natural entre seus predicados essenciais; de Justice Holmes a T. S. Elliot os críticos proclamaram-na a melhor de todas. Mas encerra ainda outro traço de interesse, pois determina as duas formas de novela policial e indica a área que o círculo descreveu. "O ponto importante na novela policial de nossos dias é o abandono das fórmulas rígidas em favor de uma combinação dos elementos puramente policiais com a novela de costumes e temperamentos. Além disso, *A Pedra Preciosa* teve o destino de ser imitado em diversas obras modernas, incluindo duas das melhores histórias policiais desta geração: *Os documentos do caso*, de Dorothy Sayer e *A queixa do autor*, de Michael Innes.

A criação da novela policial perfeita teve de esperar por Conan Doyle e Sherlock Holmes, e esta grande dupla obteve a atenção merecida. É curioso ter Haycraft citado o livro de Wilkie Collins como "perola soberba, única", — o que mostra seu método de trabalho e indica o valor crítico de sua obra. Este historiador não produziu mera cronologia — traçou desenvolvimentos, variantes, ramificações e o ciclo dos temas. Muitas das primeiras histórias policiais eram mal escritas e seus autores estão hoje virtualmente esquecidos, mas contos de cujo estilo agora rimos, podem ter trazido contribuições de clareza e honestidade à construção da intriga. No seu estudo completo Haycraft retirou vários nomes do esquecimento. Mas também indicou a posição de escritores mais eficientes na evolução dessa forma popular de ficção.

Antes da Idade de Ouro do romance policial, iniciado na Inglaterra, cerca de 1918, novas modas já estavam aparecendo, largas variantes de técnica artística. O detetive cientista de Austin Freeman era genuinamente científico. Graça e encanto caracterizavam o ataque da Baronesa Orczy às dificuldades do gênero. Introdução brilhante do detetive oficial foi uma das facetas da obra vitoriosa de A. E. W. Mason (foi ele o primeiro escritor depois de Collins, que fez uso significativo do elemento psicológico na novela policial). Si G. K. Chesterton não permaneceu sempre dentro dos estritos limites policiais em seus inesquecíveis contos do Padre Brown, sua arte literária criou uma personagem viva e suas discussões metafísicas nada valem. Nas suas duas melhores novelas, Mrs. Belloc Lowndes antecipou os processos dos modernos inversionistas, cujo chefe é Francis Iles. Melville Davidson Post, neste país, cristalizou um estilo excelente e uma caracterização vigorosa. *A Fórmula Rinehart* foi umito imitada, mas seu autor permanece um virtuoso do gênero. Na França, Gaston Leroux ha muito tempo, escreveu um livro defeituoso que é contudo após uma geração de imitadores, a mais brilhante de todas as novelas de "quarto fechado". Pouco antes da primeira Guerra Mundial apareceu a história policial que, no juízo de Haycraft, é a primeira a merecer o epíteto de "moderna" — *O Último Caso de Trent* de E. C. Bentley. Com ela começa a Idade de Ouro.

Dos anos que sucedem a 1918 — quando os nomes dos bons novelistas policiais se tornaram familiares — Haycraft não é apenas o historiador geral, mas o biógrafo e o analista. Esboça a vida dos principais autores, aponta suas atividades em outros campos, literários ou jornalísticos, identifica seus pseudônimos (Francis Iles, Ellery Queen, as máscaras de John Dickson, Carr e Cater Dickinson, Poebie Atwood Taylor e Alice Pelton, Leslie Ford e David Frome). Mas o essencial é que os agrupa conforme seus vários tipos de obras e chega mesmo a dar-nos um estudo crítico de seus trabalhos. Ha uma certa gradação que deve ser lamentada, embora inevitável aqui. Um dos mais singulares característicos da novela policial é o enorme vácuo que existe entre o bom e o mau, ou mesmo entre o bom e o mediocre e as listas de classificação incluem muitas mediocridades. No entanto, a classificação é fundamentalmente sugestiva e importante. Originalidade e objetivo dentro de uma armação necessariamente rígida — eis o que dá a uma novela policial, como forma literária, o seu maior interesse. Haycraft percebe, no gênero uma promessa continuada destes, embora lance uma advertência.

A obra de Haycraft, *Crime como diversão* constitui na verdade um apêlo enciclopédico aos verdadeiros estudiosos do gênero e isso não só quanto à compreensão de seu texto histórico, mas também quanto a sua bibliografia, listas de autores e personagens, no seu enredo de história, e nos seus capítulos sobre os princípios e as relações democráticas da ficção policial.

Mas o predicado mais notável do livro de Haycraft reside num mais largo alicerce — ele entende a história policial e apresenta-a com beleza e equilíbrio, e sua obra tem o vivo interesse intelectual de uma boa história de detetives.

«PERDÔO-TE»

(Memórias de um espírito)

DE

AMALIA D. SOLER

Tradução brasileira modernizada por José Fakira

A NOVELA MAIS SENSACIONAL DO SÉCULO!

Um volume em grande formato, com 720 páginas. Cr\$ 25,00 — A venda em todas as livrarias do país — Pedidos aos distribuidores: LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE — Travessa do Ouidor, 27 — Caixa Postal 2.956 — Rio de Janeiro.

Aos clientes do interior — Não encontrando no seu livrelro, peçam pelo Serviço de Reembolso Postal.

OS PÓS DE ARROZ QUE DESAFIAM CONFRONTO!

Pós de Arroz
GALLY
Realçam a beleza!

REVE ROSE ORYGAM NARCISO AZUL

A VENDA EM TODO O BRASIL

TEMPOS COLONIAIS

I

NO VICE-REINADO CONDE DE REZENDE

Em sentido figurado cabeça de turco é a pessoa alvo dos golpes de toda a gente, por dá cá aquela palha.

Cabeças de turco, maiores ou menores, estão na História de todos os países. São os personagens cujo perfunctório exame de vida se processa por acusações sempre as mesmas, e não raro alimentadas só por anedotas espúrias.

A História de todos os países conta também, seja-nos lícito brasilidade, os seus ninhos de maribondos. Tais as questões que nem é bom exemplificar que mal tocadas assanham nuvens de contraditas picantes. O cauteloso, convencido da improficuidade da discussão, passa de largo pelas questões irritantes da História. Em última análise as polémicas se cifram em duas frases de contendor a contendor: tu não sabes nada ou generosamente eu sei mais do que tu. Mas quem é bastante louco para agitar o socego?

A própria História das cidades tem ninhos de maribondos e cabeças de turco. Uma destas é a do conde de Rezende, vice-rei do Rio de Janeiro de 1790 a 1801, malsinado em grande parte pela ocorrência no seu governo as últimas cenas da Inconfidência Mineira.

Dê-se alguém ao trabalho de examinar com animo sereno a administração do conde de Rezende, cujo nome se perpetua em rua de encontro com a do Lavradio,



D. Frei Antonio do Desterro

6º bispo do Rio de Janeiro (1745 - 1775)

ant: s bispo da Loanda (1739 - 1745).

nome este de outro vice-rei. Do inquerito historico imparcial resultará bastante a beneficio do incriminado capitão-general. Alcinhou-o carioca irreverente e anedotista de conde da Resinga. Taxou-o assim num tempo em que neurastenia era palavra equivalente a vapores a estes sobretudo sujeitas as representantes do sexo tido então por fragil para que depois muitas lhe mostrassem a sua força.

Sem duvida atazanado por importunos, desses que levam qualquer ocupado à neurastenia pelo gasto da paciência, o conde de Rezende dedicou-se a melhorar materialmente o Rio de Janeiro.

Deveu-lhe a cidade por exemplo, as suas primeiras feiras, por ordem do conde de Rezende realizadas no vasto Campo de S. Cristovão e das quais antecipou-se em noticia o cronista Antonio Gonçalves Pereira da Silva, antigo morador do bairro ex-imperial.

Nas feiras instituidas e mantidas pelo conde de Rezende havia de tudo um pouco nas barracas dos feirantes. Comerciam com o que ainda hoje bastante se comercia no Rio de Janeiro, onde se vendem a granel figas de varios tamanhos e de varias madeiras. Destinavam-se e destinam-se as figas a auxilio da dentição infantil, para adultos sendo preservadoras de quebranto, ou máo olhado.

Nas feiras de S. Cristovão de seculo XVIII eram expostos ensaios de cerâmica provenientes de pequenas fabricas do Engenho Novo e de Inhauma.

A par de produtos ceramicos trabalhados, as barracas da feira do Campo de S. Cristovão vendiam assovios de barro, muito procurados pela criança a soprar neles a valer sem a menor noção de harmonia.

O vice-rei não só ordenava como fiscalisava aparecendo na feira. De uma das visitas ficou a tradição de haver o conde de Rezende comprado um dos assovios de

barro dignando-se soprar nele. Foi quanto bastou para que o objeto se popularisasse, usado por muitos desses que, para agradar imitando, passam a vida soprando.

Rua da Feira ficou sendo a via publica conhecida depois da guerra do Paraguai pelo nome de rua Coronel Figueira de Mello. Não atôa o conde de Rezende utilisou-se de um assovio de barro. Quiz com isto recomendar fabricas de cerâmica, dando prova de bonhomia o conde da Resinga, talvez assim alcunhado por algum suplicante recebendo indeferimento.

Após a realização da feira do Campo de S. Cristovão, o vice-rei providenciou para ligar o bairro à parte central da cidade carioca. Estabeleceu carreira ou linha de bôtes, chamados capoeiras, quem sabe se por superlotados, ligando maritidamente S. Cristovão, na ponte da Igrejinha, ao Saco do Alferes também conhecido por Saco do Gambá. Por que tão? Por que tão lembrado o marsupial terror de galinheiros, que não hesita em perder a vida diante de um prato raso com aguardente? Mas em compensação ha bipedes ás voltas com a policia por causa de galinheiros, recolhidos a xadrezes ou manicomios por motivo de inteperança entre calices ou garrafas.

A mais completa e segunda carreira de botes capoeiras pertenceu a um abastado negociante, Antonio José Pereira de Carvalho. No transporte de gente e cargas a carreira prestou grandes serviços. Dos bôtes capoeiras conservou descrição Pereira da Silva consultando a memoria dos habitantes longevos de S. Cristovão.

"O bôte capoeira era uma catraia de regular calado e de grande largura de boca, coberta por tolda de madeira. Sobre colunas também de madeira, corriam cors tinas de anagem sobre argolas presas a arames. A' ré um banco, e mais dous banco, um de cada lado da embarcação. Transportava o bôte dez passageiros, a carga posta à prôa, sob a coberta de madeira. Movia-se o bote-capoeira por dous grandes remos de vaga entregues a dous negros "remadores".

Emquanto não se completava a lotação o bôte capoeira não largava, salvo se alguém pagasse a diferença da lotação. Quarenta reis custava cada passagem. Durante anos assim foi até vir o bom progresso, o que sabendo de onde parte sabe para onde vai seguro para bem geral.

Não só no Campo de S. Cristovão se realizaram as feiras creadas pelo conde de Rezende. Mais tarde o Rio de Janeiro conheceu feiras de animais no Campo de Santa Anna, ora Praça da Republica. Realisavam-se sob os alpendres do Teatro Provisorio voltado para a rua dos Ciganos, ora da Constituição.

A feira do Campo de Santa Anna era aos sabados e findava por um leilão presidido pelo leiloeiro Enéas Pontes, pae de outro leiloeiro do mesmo nome, famoso por enorme anel de brilhante de historia no Rio de Janeiro onde até deu titulo a uma valsa.

Nas feiras de animais, mundo afóra, são celebres as espertezas dos vendedores, elas vulgarmente atribuidas a ciganos. Que o digam as feiras do genero em Portugal nas quais rossinantes são vendidos como corseis de batalha a ingenuos compradores tabaréos.

Foi mistér demolir o Teatro Provisorio, como tal de muitos anos. Glaziou tomou conta do Campo de Santa Anna para de carrascal fazer parque. Lá se foram as feiras de animais para o Campo de São Cristovão, Enéas Pontes de martelo e de quem dá mais, encargo que passaria ao filho e sucessor.

Para errata á biografia do conde de Rezende fique a noticia de ter sido ele o creador das feiras cariocas.

II

PASTOR E OVELHAS

Em 1738, o monge beneditino frei Antonio do Desterro deixou mosteiro. Foi ser bispo de S. Paulo de Loanda, de mitra em Africa até Dezembro de 1745. Em Dezembro do ano seguinte desembarcava no Rio de Janeiro como sexto bispo da diocese fluminense.

Outrora a entrada de novo bispo na sua diocese e na sua Sé catedral era ato solenissimo, trazendo á rua personagens e povo. D. Frei Antonio do Desterro escolheu o dia jucundo de Ano Bom de 1747 para o da sua entrada na diocese.

O mez de Dezembro marcava na vida de D. Frei Antonio do Desterro. Naquele mez, em 1773, falecia ele no palacio da Conceição, com setenta e nove anos de idade sepultados no mosteiro de sua ordem no morro de S. Bento.

D. Frei Antonio do Desterro, desterrado de Portugal por altas posições episcopais, lembrar-se-ia na Africa e na America da nativa Ponte de Lima, tida pela mais linda vila de Portugal. Em continentes longinquos se escoariam os dias do bispo de Loanda e depois do Rio de Janeiro.

Bastantes serviços prestou D. Frei Antonio do Desterro á diocese fluminense, maior o de constituir a obra de proteção aos lazarus. A obra também emcomia o nome do primeiro vice-rei do Rio de Janeiro, o conde da Cunha.

Condoer-se dos lazarus era sublime caridade, no correr dos tempos imitada por outros desprendidos de si mesmo no afrontar contagio. Assim foi o abnegado e santo padre Bento Dias Pacheco, o ituano chamado o Apostolo dos Lazarus, e de vida bem traçada por Francisco Nardy Filho.

D. Frei Antonio do Desterro e o seu segundo bispo coadjutor e sucessor Mascarenhas Castello Branco confiaram á irmandade da Candelaria o cuidado diario dos lazarus, no estabelecimento ora chamado Hospital Frei Antonio, o nome do bispo inspirador apagando o tão cruel de Hospital dos Lazarus.

Venerando e venerado, em vite e seis anos de sólio fluminense, o bispo Desterro provocou queixa de uns tantos no seu pastorear de almas.

Na epoca o amor era vigiado pela familia e a mór parte dos consorcios se regia pelo patrio poder a dar sim ou não a projetos conjugados. Antes da primeira missa o atrio das igrejas era lugar de ajuntamento e conversação. Disso, quando possivel se valiam namorados para furtadelas de ternura.

Com o uso das conversas e das furtadelas veio o abuso, ao que o bispo quiz pôr paradeiro. Por pastoral de 14 de Março de 1767 prohibio agrupamentos e falatorios nos atrios dos templos, sobretudo em dias de festividades religiosas acarretadoras de concurso popular.

A pastoral do bispo moralizador defendeu também ás Evas do seculo XVIII presença nas igrejas de Ave Maria. O bispo só abriu exeção a bem das mulheres pobres desejosas de confissão ou de ouvir missa.

Baixada do morro da Conceição, onde o palacio episcopal, a pastoral cahio principalmente sobre os corações amorosos da cidade, provocando máo rosto a interessados masculinos e muxoxos feminis.

Os restos mortais do bispo Desterro dormem já secularmente no silentissimo claustro da abadia de S. Bento aqui no Rio de Janeiro. A' campá do frade beneditino que alcançou cruz peitoral deram epitafio latino caro a epigrafistas.

A inscrição funeraria exalta o morto nas suas virtudes em vida votada ao sacrificio pela fiel observancia da regra monastica traçada por S. Bento, o Doutor da Humildade, a figurar esta numa escada de doze degrãos de topo no céu.

Raro passará no claustro de S. Bento quem vendo a sepultura do bispo Desterro saiba que o pastor de almas do seculo XVIII, em certo dia de Março, do báculo fez cajado e de uma só cajadada dispersou palradores entre os quais um sussurrante rebanhosinho de amor tomando por aprisco o atrio das igrejas.

Tapete Mágico

Na deliciosa cidadezinha celebrada pelas histórias de Chaucer — "Canterbury tales" — o tempo parece ter feito greve e parado no que estava aí por volta das famosas peregrinações.

Seus velhos portões de pedra dourada pelo tempo são ainda os mesmos; por onde desfilavam os cavaleiros dos condados vizinhos, os reis e heróis da História.

Que procissões triunfais ou fúnebres não lhe atravessaram as ruas ainda hoje marcadas pelo sinête da Idade Média: Luís VII da França, como peregrino, João de França, cativo do Príncipe Negro; Henrique II na sua amarga peregrinação de penitência em 1174; Ricardo Coração de Leão, com seus prisioneiros; Guilherme, o Leão da Escócia, em 1189; Henrique III, com a Magna Carta, o Arcebispo Estevão Langton por ocasião do Grande Perdão de 1220.

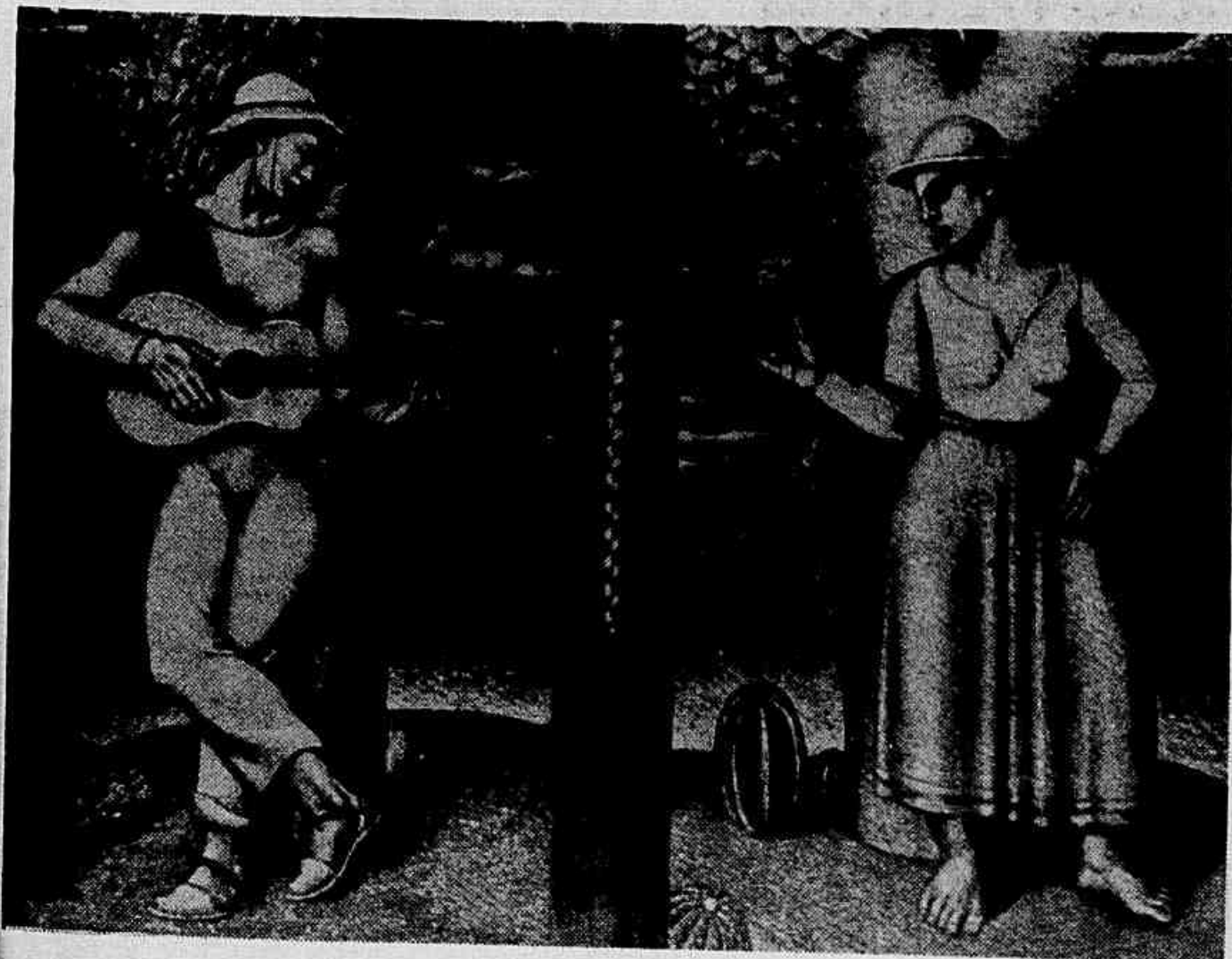
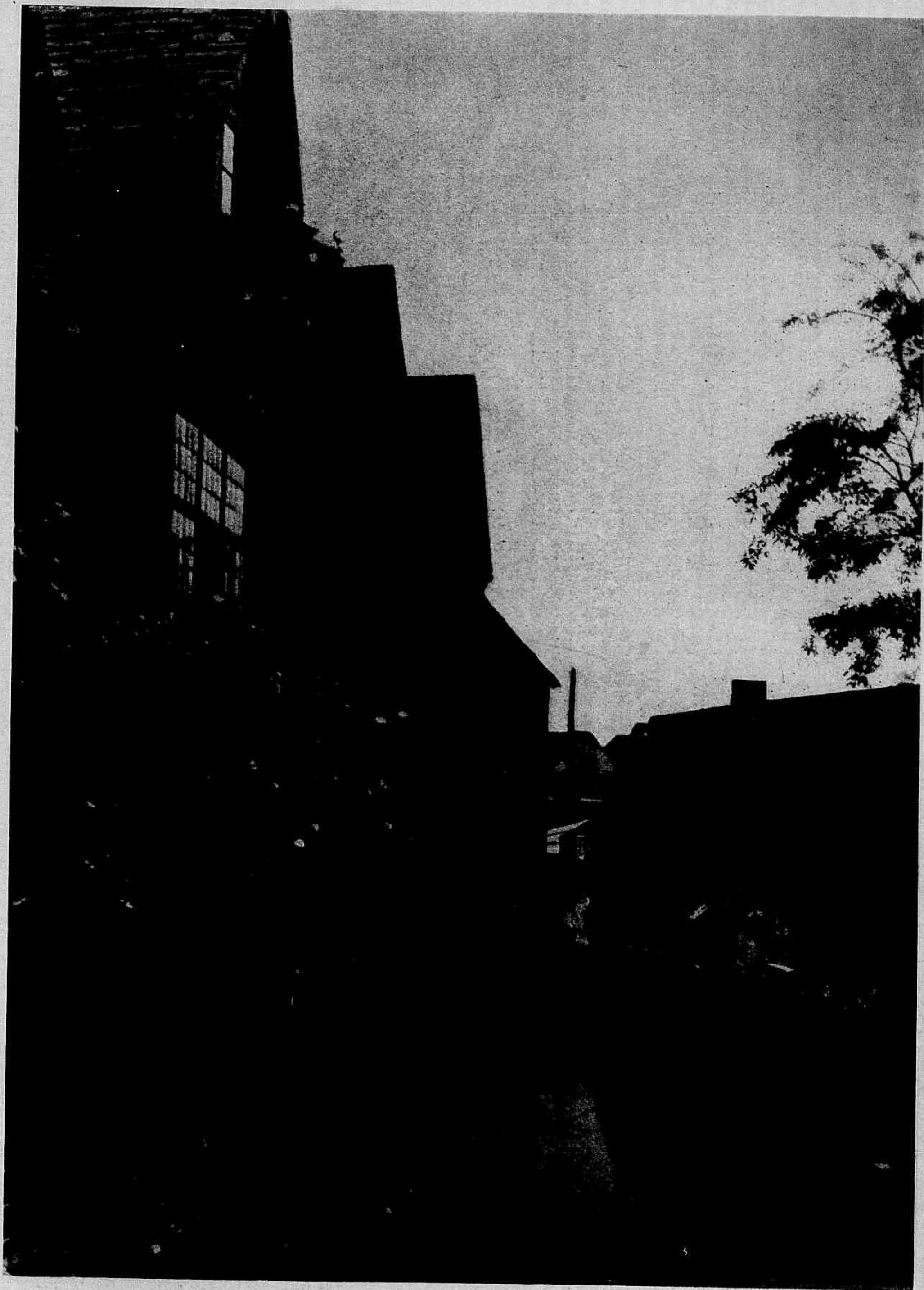
Foi diante de sua Catedral, em 1376, que a cavalcada de lamentações fez alta, antes de enterrar o Príncipe Negro,

"To the noise of the mourning
of a mighty nation,
Mourning when its leaders fall".

Poucas cidades do mundo serão assim tão cheias de recordações históricas dum passado movimentado e vivo como crônica de hoje.

Sua catedral, das mais belas de toda a Europa, é um verdadeiro tesouro de arte monumental. A sua sombra dormem cinquenta bispos, o Príncipe Negro, no seu túmulo de bronze dourado, Henrique IV, duas rainhas e inúmeras figuras da realeza.

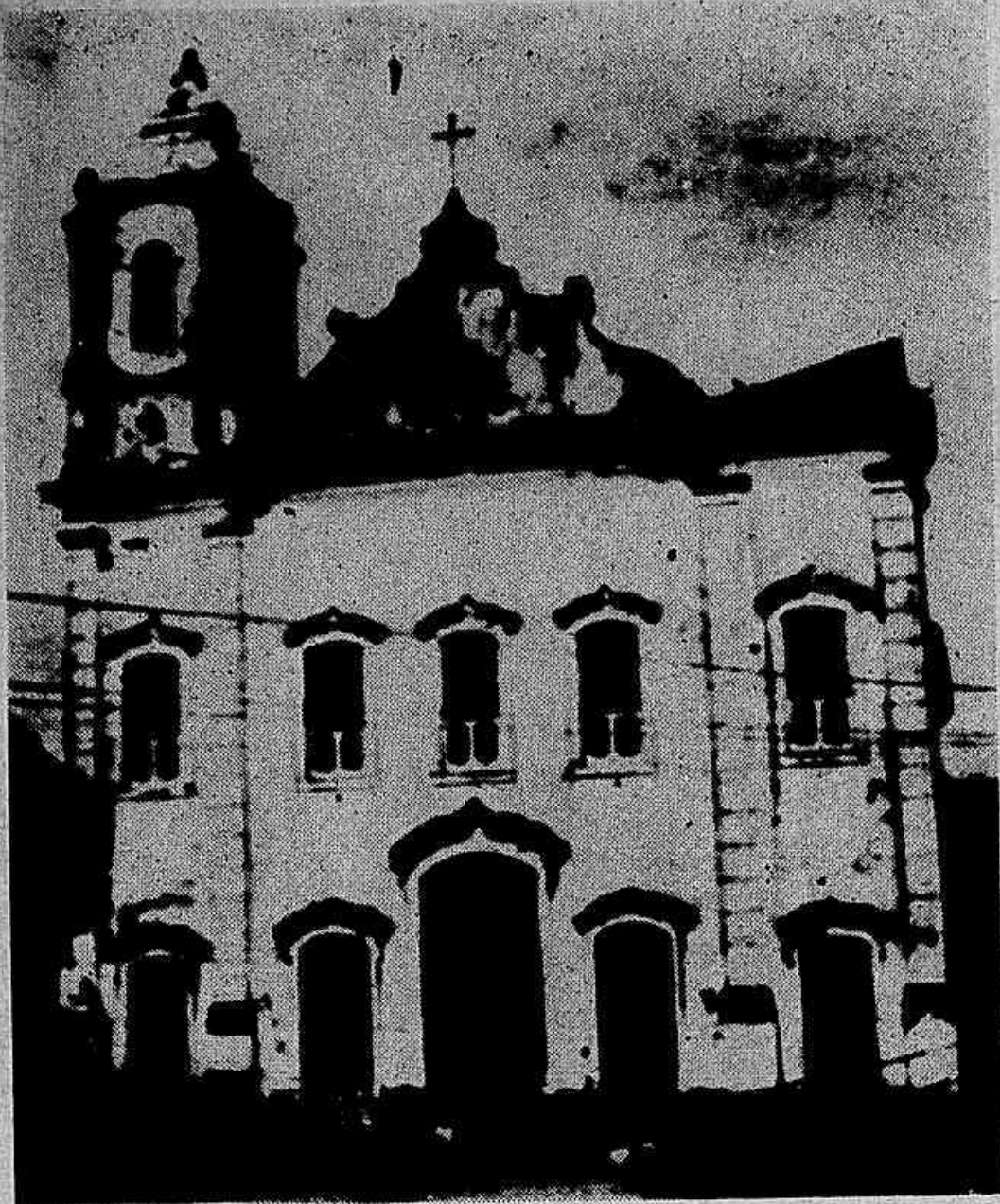
A quinze minutos de suas ruazinhas deliciosas, todas em curvas e em surpresas arquiteturais de puro estilo Tudor, fica a Casa dos Frades Cinzentos, fundada por



S. Francisco para os primeiros adeptos de sua ordem. É uma casinha quasi suspensa no ar, pois não tem base, construída como foi em cima de arcos abertos sobre o Stour, que lhe conta eternos segredos aos pilares de oito séculos.

Esta visão sugestiva da Casa dos fecelões traz à lembrança as lutas religiosas da França, pois foi nela que se refugiaram os ugenotes, no século XVI, deixando na casa a tradição do tear, que ainda hoje se prolonga, em lindos panos vistosos, vendidos a peso de ouro aos turistas de todo o mundo.

A arte da Colômbia é principalmente uma arte espanhola. Há três anos, tivemos ocasião de vêr, na grande exposição de arte americana aqui realizada, este belo quadro de Luís Alberto Acuna, "Amor rural", que tem muito dos velhos mestres ibéricos, apesar do toque de modernismo a que se prende a inspiração das duas figuras tão características da maneira do jovem artista.



A Matriz do Sacramento, antiga Igreja do Padre Tôrres. Nela foi batizado, em 1838, o grande abolicionista negro Luiz Gama.

A povoação conhecida pelo curioso nome de CAIXA-PREGOS acha-se situada numa ponta no extremo sul da Ilha bahiana de Itaparica, confinando com a barra dos Garcês e o canal de Cafu, ou Barra-falsa, com uma belíssima praia, de onde a vista alcança extenso e lindo panorama de um dos mais encantadores e pitorescos trechos da costa brasileira.

Alguns historiadores e geógrafos, sinão quasi todos os que conhecemos, entre os quais o falecido sabio Teodoro Sampaio, registam-lhe o nome de "Caixa-Pregos". Ubaldo Osorio, entretanto, filho da historica Ilha e um dos seus mais fervorosos cronistas, afirma que "Cacha-Pregos" é assim que se escreve, dada a sua significação literal de "engano dos peixes". E explica-se do seguinte modo: "Em pleno oceano, nas proximidades da "Parada do Môro", existia uma variedade de peixes (*squalus bleinvillei*), com três ordens de dentes, a que os antigos pescadores chamavam "peixes pregos". Na enchente das marés entravam, aos cardumes, pela Barra dos Garcês, e, na vasante, ficavam beirando as aguas da Carapeba, sem encontrar o canal que haviam transposto. E, assim, de "cacha" = engano, e de "pregos" = peixes, crearam os primitivos pescadores da Ponta da Ilha, o nome de "Cacha-pregos".

A Ilha de Itaparica foi descoberta e povoada desde os primeiros anos da colonização do Brasil, sendo que, por ocasião da guerra com os holandeses, desempenhou papel saliente, como baluarte de defeza contra os invasores, sempre vitoriosamente. Na guerra da Independencia, na Bahia, que culminou com a grande vitória do 2 de Julho de 1823, Itaparica salientou-se como centro de resistencia nacionalista, inexpugnável aos ataques dos luzitanos, e assumindo depois a ofensiva na luta até o seu vitorioso desfecho. Caixa-Pregos, com outras povoações da Ilha, constituiu, em tempos idos, o antigo Morgado de Garcia Rosa.

A população de Caixa-Pregos é constituída de gente pobre, na sua maior parte

CAIXA-PREGOS

POVOAÇÃO NA ILHA BAHIANA DE ITAPARICA — ORIGEM DESTE NOME —
MORGADO A QUE PERTENCEU — SUA POPULAÇÃO — INDUSTRIA PRIMITIVA
— MEIOS DE VIDA — UMA LENDA CURIOSA — UM HISTORIADOR DA ILHA

POR Antonio Osmar Gomes

pescadores, estimando-se em cerca de mil habitantes, de ambos os sexos, contando-se, aliás, segundo uma estimativa particular, maior numero de representantes do sexo masculino, o que é de admirar, visto como, de ordinario, nas povoações e vilas do interior de nosso país, os homens sempre emigram, de modo que a população feminina é mais elevada.

Ainda hoje se conserva ali uma tradicional e primitiva industria de rendas de almofada, em cujo officio ha mulheres de uma habilidade admiravel, fazendo verdadeiras maravilhas de arte, nesse particular. Conforme refere Ubaldo Osorio, "essas habilissimas operarias trocam os bilros, improvisando quadras e creando, ao som de



O "Forte de S. Lourenço" que desempenhou papel importante na defesa da Ilha de Itaparica, em 1647, na invasão holandesa, e em 1823, na guerra da Independencia.



Vista da praia de Caixa-Pregos, na ilha de Itaparica.

sua voz, o mais delicioso rimario da musa praieira."

O principal meio-de-vida de seus habitantes é a pesca, por ser ali o peixe muito abundante, havendo especialista locais empregados em salgar as grandes quantidades de peixes apanhados nas pescarias, realizadas nos pontos e nas épocas proprias. O peixe assim salgado é trazido para a cidade de Itaparica e até mesmo para a capital bahiana e outras localidades do reconcavo, em embarcações a vela, sendo essa uma das mais rendosas fontes de receita de Caixa-Pregos. O povo é bastante unido, no trabalho, de bons costumes, trato afavel, e apreciavel asseio geral.

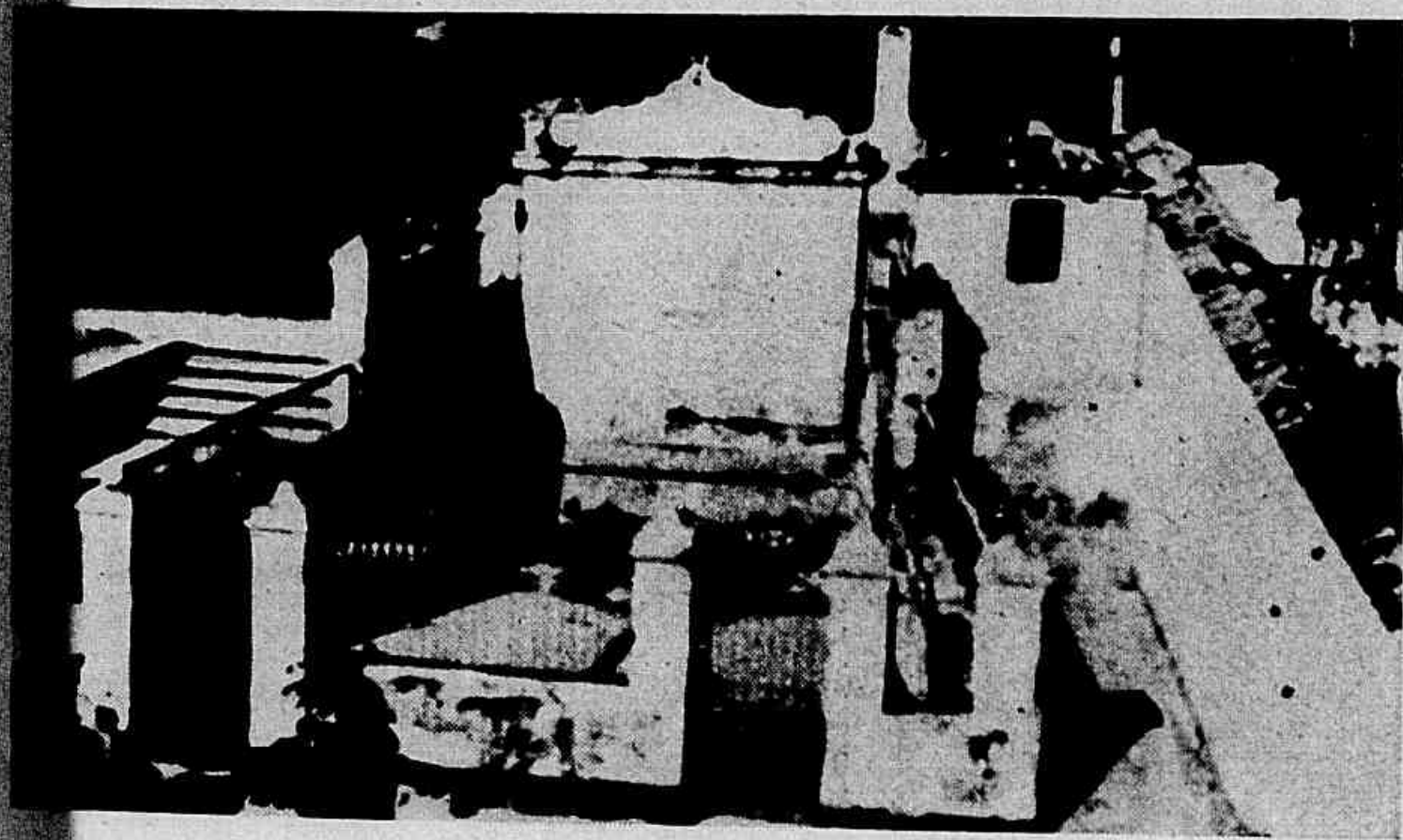
Conta com três escolas publicas, uma delas pertencente á Colonia local de pescadores, sob a denominação de "Ubaldo Osorio". Essas escolas têm a frequencia, aproximadamente, de 150 alunos, para todas as três.

No extremo sul da povoação se ergue uma pequena Capela, a proposito da qual Ubaldo Osorio consignou a seguinte lenda, que a crença da gente primitiva vem conservando e transmitindo, de geração a geração, com a mais santa ingenuidade:

"Já vai por muitos anos, quando Caixa Pregos era ainda uma praia quasi deserta. Na Recuada havia apenas a casa do velho Moraes, um português que enriquecera pescando tubarões e fabricando azeite. A povoação descansava ao longo da praia do Sossêgo, onde os pescadores tinham suas cabanas e seus paióis para abrigo das rédes. Certa feita, uns meninos da praia do Limão, passando pelas Cajazeiras, viram, á beira da fonte, um frade falando aos passarinhos. Correram, espavoridos, levando aos pescadores a noticia da estranha visão. Estes vieram logo ao local indicado, porém nada viram. No dia seguinte, tornando os meninos ás Cajazeiras, onde havia uma grota,



Aldeia de Caixa-Pregos. Fotos do Sr. Antonio Olegário, gentilmente cedidos à REVISTA DA SEMANA.



"Fonte da Bica" das afamadas águas virtuosas de Itaparica.

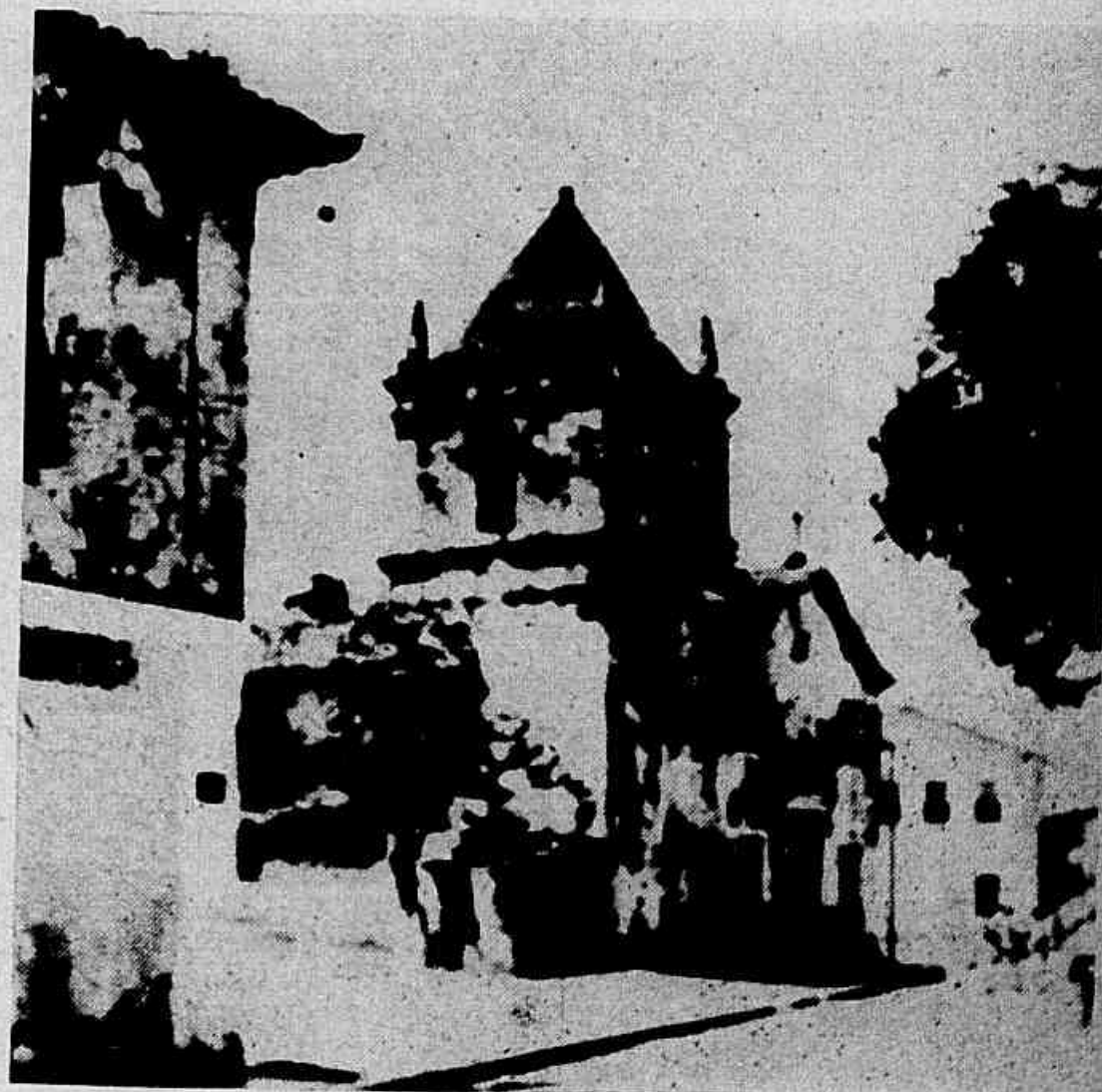
encontraram de novo, ao pé da mesma fonte, o frade e os passarinhos. Voltaram correndo, chamando os pescadores, mas, antes que estes chegassem a visão maravilhosa transformara-se num frade de pedra, que, então, os pescadores conduziram para a Casa de Oração da velha Florinda, uma senhora estimada por toda a gente do arraial. No outro dia, sem que ninguém houvesse aberto o nicho onde fôra colocado o frade de pedra, lá foi visto ele, no mesmo lugar, como das vezes anteriores, falando aos passarinhos. O velho Moraes compreendeu, então, o desejo do eremita, e mandou construir para ele uma igreja, justamente no lugar de sua aparição. A igreja foi construída. E os religiosos que vieram benzê-la, puderam identificar o frade aparecido: era Santo Amaro, o milagroso Abade da Ordem de São Bento. Aconteceu, porém, que certa noite dois barqueiros da localidade de Jaguaripe, no outro lado da barra, tentaram levar, furtivamente, o Santo para a sua Igreja de N. S. da Ajuda. Levaram-no para o barco, puzeram-se em viagem mas, em chegando à Barra dos Garçês, não puderam de modo algum transpô-la. Não houve remos nem varas que rompessem a correnteza. Ao amanhecer do dia, já os barqueiros se achavam exaustos, e a embarcação se encontrava à beira do ilhote, no mesmo lugar de onde partira, horas antes. Acorreram os pescadores, e conduziram o Santo, em procissão, para a sua Capelinha de Caixa-Pregos.

E nunca mais Santo Amaro saiu do seu nicho, sinão nos dias de romaria, para receber as homenagens de seus fiéis."

Como singela amostra de alma simples e bôa do seu povo, Ubaldo Osório recolheu, no rimário popular de seus barqueiros, entre outras, esta quadrinha interessante:

"Os olhos da minha amada
Têm uma grande atração;
Os vejo, mesmo de longe,
Nas trevas da cerração."

Os elementos para esta breve notícia sobre Caixa-Pregos, encontram-se, em sua maior parte, no valioso livro "A Ilha de Itaparica", em sua 2.ª edição, de 1942, da autoria de Ubaldo Osório, que é incontestavelmente grande conhecedor das crônicas de sua Ilha natal, que ama com desvelo e carinho, pelas suas belezas naturais e pelos feitos gloriosos de sua história e do patriotismo de seus filhos ilustres e de seus heróicos antepassados.



A velha igreja de S. Lourenço, construída pelos jesuítas, em 1610

Um homem sonha na floresta

conto de Sonia Regina

Onde estiveste, meu amigo?

Uma tarde e uma noite decorreram, sem que regressasses á cabana. Refugiei-me na floresta... quiz purificar minha alma, senti-la transparente e leve como asas de borboleta. Compreende, eu não sou mais que um vagabundo sentimental que odeia o modo de viver e o egoísmo de certos homens. Desde pequeno, amo a solidão e a frescura da floresta, entendo a linguagem do vento e dos passaros e sei de cór todas as canções que os rios cantam...

Espera... tem paciência... que a tua voz chegue suave e harmoniosa como o murmurar de um véio d'água... bem, agora te contarei tudo: na manhã que precedeu a minha ausência, eu acabei de pintar a casa do coronel Petroff. Fui guardar os pincéis e, na volta, admirei o trabalho que realizara; a vivenda do "barine" elevava-se magestosa, toda pintada de cinzento com janelas verdes, assim como os seus olhos, "douchetcka". E fiquei contente, muito contente mesmo; pensei na alegria que havias de sentir quando eu te comprasse as botas novas e o casaco de peles para te abrigares no inverno, esse inverno rigoroso e triste que detestas porque roubou a nossa pequenita. Imaginei que poderíamos levar alguns presentes á tua velha mãe e que desta vez ela não sentiria frio como naquele ano que ficamos sem lenha em Moscou. Lembras-te? Que ano mau foi aquele! A nossa pequenita tossia tan-

Ilustração de GOULART. I to! E eu ganhando uns miseráveis ko-pecks que não chegavam nem para os remédios. Pobre Varinka... tão linda e tão lourinha... corria a casa toda e estendendo os bracinhos exclamava: "mamã, papá", quando aconteceu "aquilo"... aquilo que me fez quasi duvidar de Deus; a verdade é que atingi o terreno do sofrimento, pois na impossibilidade de suprir a alimentação de minha filha cheguei a julgar-me o seu assassino... o seu assassino! Eu que daria a vida para que um sorriso iluminasse as faces de Varinka.

Olha, não é inveja, mas o coronel Petroff tem mulher e filhas, todas com saúde, além de muito dinheiro e várias propriedades; nós possuíamos apenas, o nosso amor a uma filhinha que nunca teve um brinquedo. A morte levou-a. Chorámos muito, mas não tanto que esquecêsemos de sorrir e talvez de cantar.

Devido a que? Ao egoísmo do homem e á compensação da Vida. Choras? Perdôa-me querida... Eu tenho o direito de torturar-me mas não o de torturar-te...

Tens sido minha única amiga, o meu único alento... Deixa-me continuar porém: fui despedir-me do coronel; ele deu-me 150 rublos e me disse: — "Dimitri Aleixeevich, estou muito satisfeito contigo. Não me canso de admirar o teu trabalho e de recomendá-lo a todos os meus amigos; o conde Ivan Alekine, meu cunhado, mandou requisitar os teus préstimos para a reforma de sua propriedade de Volskai-Sendorf. E' um contrato vantajoso e aconselho que o aceites; na próxima primavera podes voltar porque eu me encarregarei de te arranjar serviços..."

Agradei-lhe, dizendo que iria consultá-lo; o "barine" abraçou-me, deu-me algumas roupas usadas mas em muito bom estado. Falei á senhora, que muito contente combinava com o marido o dia da festa em que comemorariam a reforma da casa. Pensei então: como pôde o coronel Petroff, tendo uma esposa linda, boa e educada como Catarina, Petrovna trocá-la pela réles camponesa que é a filha de Yegor Volaine? Sei lá... Mas que tenho eu com isso?

Resolvi pôr-me a caminho. Os raios do sol, incidindo na terra como carícias luminosas, fizeram-me julgar que caminhava sobre uma estrada de ouro pulverizado...

Despedi-me dos outros empregados. Marta, que é uma ótima doceira, deu-me um bolo, pedindo-me que entregasse um presente a uma amiga de Moscou. Vi Anton, Natasha e muitos outros, mas ao passar pela casa de Sachenka, ouvi gemidos angustiosos. Assustado bati, e pedindo desculpas pela inoportunidade da visita perguntei o que os afligia. Antes que Vladimir falasse, compreendi tudo: Sachenka soluçava tendo ao colo o filhinho enfermo. O médico chamado ás pressas diagnosticara paralisia infantil com possibilidade problemática de cura, a menos que se submetesse a um tratamento caríssimo de um hospital de Moscou ou Petesburgo. O desespero de Sachenka lembrou-me o teu desespero dois anos antes. Apanhei setenta e cinco rublos, a metade pois do meu ordenado, e entreguei-lhes. Si visses como me beijavam as mãos chamando-me seu benfeitor! Coitados! Nós perdemos Varinka, é verdade, ela porém morreu perfeita, muito branca e muito linda, com a cabecinha emoldurada por longos cabelos loiros e crespos.

Perdêmo-la pela culpa dos homens ou pela vontade de Deus; isso não será esclarecido jamais. Mas certamente eu não deixaria que o pobre filhinho de Sachenka ficasse defeituoso ou se extinguísse pela falta de alguns rublos. Procurei evitar sempre que os outros passem pelo que eu passei. Depois satisfeito por ter inculcido coragem e esperança áquela pobre gente prossegui minha jornada.

O sol se havia pôsto... rávens rôxas toldavam a linha do horizonte; dir-se-ia que a chuva dos dias antecedentes marcara grandes olheiras no céu.

E os nossos projetos? Teríamos de adiar a viagem por algum tempo. Enquanto tal se desse trabalharia em Volskai Sendorf, para o Capitão Alekine, até perfazermos a quantia estabelecida. O que? Sim querida, tens razão... antipatizo muito com esse capitão Alekine; embriaga-se constantemente; é um devasso e um jogador. Eu próprio ouvi-o afirmar a Catarina Petrovna:

— Um bom militar, Kátia não pôde prescindir de mulheres novas, vinhos velhos e cavalos resistentes.

Recordo-me até que na última visita olhou-te insistentemente; tive-lhe ciúme e, rancôr; desejei mesmo esbofetá-lo. Devido a isso não seguirás comigo, sim? Ele pôde

(Continua na pagina 31).

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente as
melhores.

O BRASIL NA FEIRA DAS NAÇÕES UNIDAS

A visita da Rainha Elizabeth ao Pavilhão Brasileiro

O Pavilhão do Brasil na Feira das Nações Unidas, celebrada em Londres em benefício dos prisioneiros de guerra. Em primeiro plano a Exma. Sra. Moniz de Aragão que presidia o "stand", e a filha do consul em Londres, Isabela Rangel, com o traje típico brasileiro e a boneca que ofereceu á princesa Margaret Rose.

Por ocasião da Feira das Nações Unidas realizada em Londres em benefício dos prisioneiros de guerra, o Brasil apresentou um artístico pavilhão, no qual distintas damas brasileiras e de outras repúblicas latino-americanas obtiveram uma elevada arrecadação mediante a venda de produtos genuinamente brasileiros que gozam entre os ingleses de grande prestígio.

O grande êxito, todavia, da Feira foi o café brasileiro, preparado e servido por distintas senhoras e senhorinhas, presididas pela esposa do Embaixador Moniz de Aragão. As grandes filas de visitantes da Feira que se formavam ante o pavilhão brasileiro para experimentar o paladar do café, representavam uma vitoriosa competência com o inveterado costume britânico do *Five o'clock tea*.

Sua Magestade, a Rainha Elizabeth, visitou o pavilhão, sendo recebida pelo embaixador sr. Moniz de Aragão e sua distinta esposa. Foi apresentada á Rainha uma bela e graciosa jovem, Isabela Rangel, filha do Consul do Brasil em Londres, vestida de baiana, o pitoresco traje popular brasileiro, que fez entrega á Sua Magestade de um belo trabalho de filigrana em ouro e de uma linda boneca para a princesa Margaret Rose.

Uma das grandes atrações do pavilhão brasileiro foi, sem dúvida, a presença de uma cartomante que, com a graça das adivinhas populares do Brasil, predizia o futuro de senhoras e senhores. Esse difícil papel foi desempenhado maravilhosamente pela esposa do consul adjunto, sr. Cotton.

Também foi honrado o stand brasileiro com a visita do Rei Haakon da Noruega, o príncipe Bernard da Holanda, a princesa da Grécia e outras altas personalidades. A senhora Churchill esteve conversando com o sr. Moniz de Aragão, enquanto se efetuava uma das rifas de objetos brasileiros, da qual obteve um dos prêmios.

Graças a essas atrações, á diligência e grandes relações sociais das damas e senhorinhas brasileiras, inglesas e de outros países latino-americanos, que secundaram com grande entusiasmo os embaixadores, a arrecadação obtida no pavilhão do Brasil foi uma das mais altas da Feira.

O pavilhão foi para o Brasil um motivo de orgulho e deu ensejo para que as altas autoridades britânicas e de todos os países aliados, concentrados em Londres, testemunhassem seu afeto e admiração á nação brasileira.

Sua Magestade, a rainha Elizabeth, no pavilhão do Brasil examinando o o traje típico que vestia a senhorinha Isabela Rangel.

DOR DO ESTOMAGO?

ÁZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ÚLCERAS

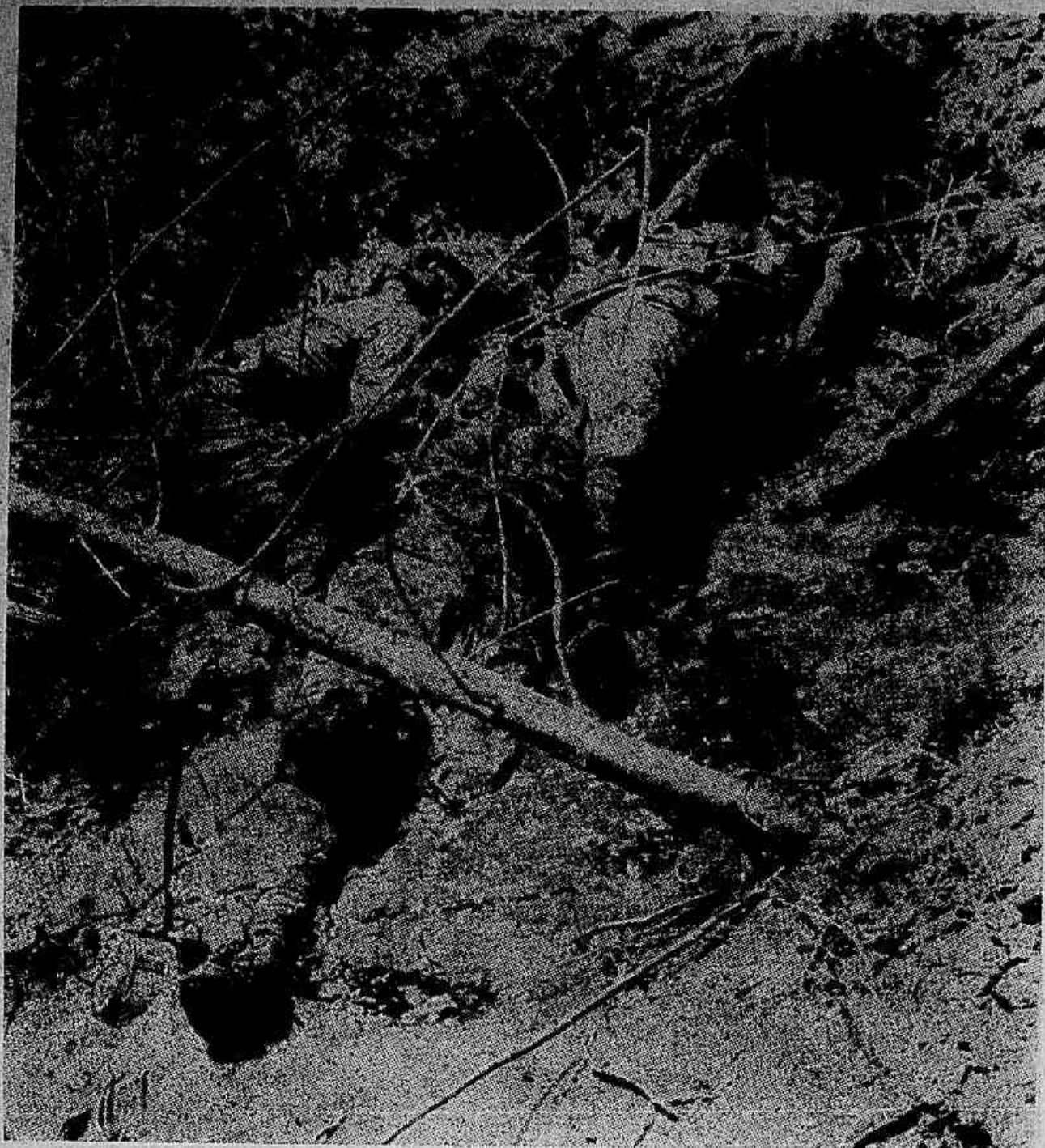
Papéis

BANKETS

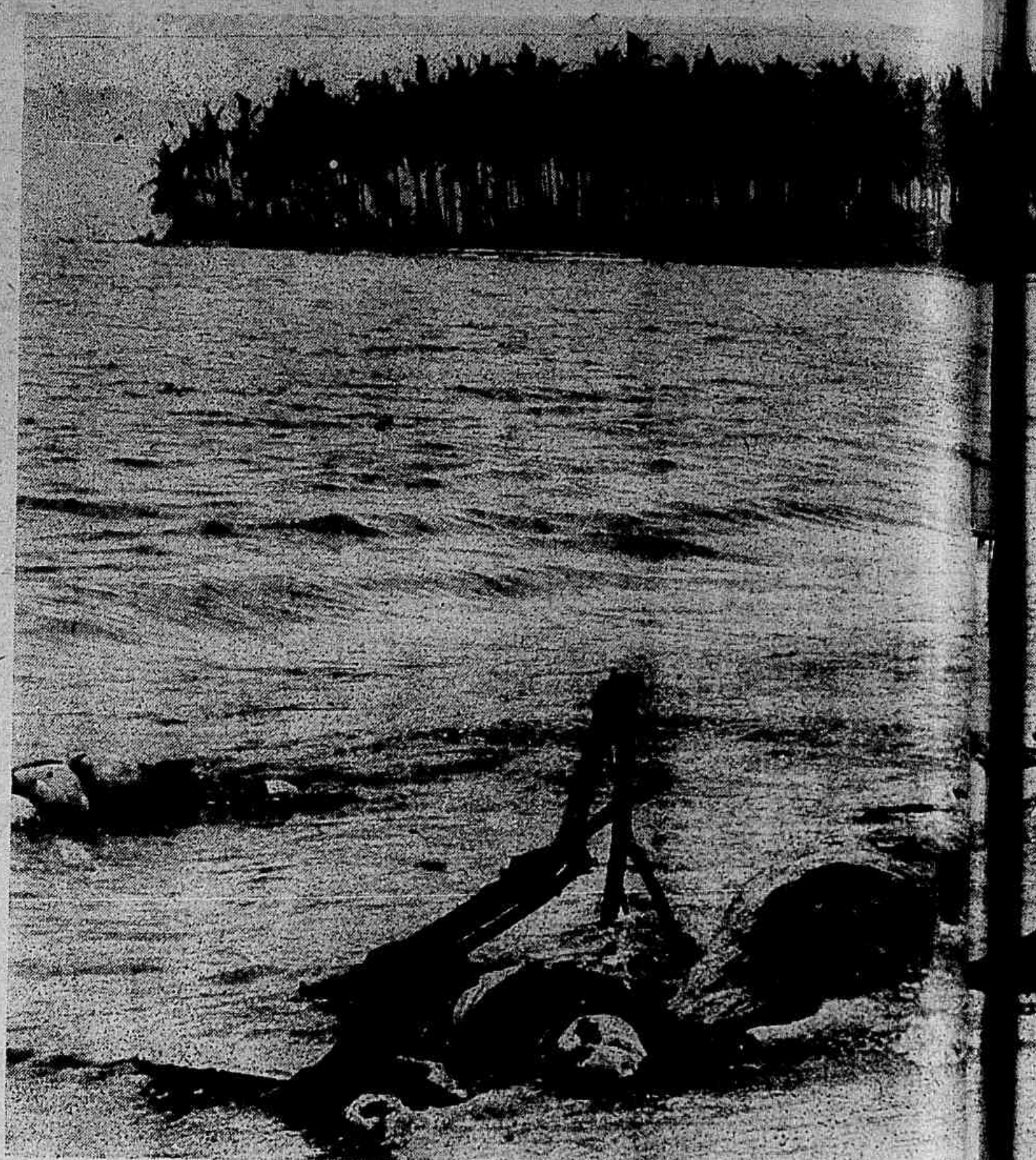


Os embaixadores do Brasil, srs. Moniz de Aragão com várias das distintas damas que tomaram parte na arrecadação feita no Pavilhão do Brasil, na Feira das Nações Unidas.





Numa trincheira de Buna jazem três japoneses que preferiram a morte à rendição. A lama quente de Buna já cobriu parcialmente seus corpos. No ataque final a Buna mais de 150 japoneses foram mortos. Em toda a campanha 150.000 japoneses foram mortos ou renderam-se. Só uns poucos vagueiam ainda esfomeados e sem rumo nas selvas da Nova Guiné.



Eis a praia Maggot. Nos tempos de paz uma aprazível praia na costa da Nova Guiné, perto de Buna. As ondas beijam-na docemente. Mas, quando os últimos japoneses foram expulsos de suas últimas posições em Buna, correram para o mar, tentando nadar para longe, afim de evitar a captura. Foi

Buna caiu a 2 de Janeiro. Tres semanas depois, toda a resistencia japonesa na península papua da Nova Guiné acabava com a destruição da ponta. Findou-se deste modo uma campanha diminuta quanto á estratégia, porem insuperada na intensidade da luta. Na sua retirada para o mar os japoneses escolheram ótimas posições. Por trás de abrigos, em árvores, em trincheiras, subterraneos, barricaram-se para o combate final. Tiveram de ser expelidos, um por um, a ponta de baioneta. Tiveram de ser mortos um por um, porque não quiseram render-se.

Com as tropas americanas sob o comando do General Robert L. Eichelberger. As fotografias que damos acima, pelo fotógrafo da *Life* George Strock, foram tomadas sob o fogo e revelam-nos melhor que quaisquer outras o heroismo e o horror desta estranha guerra de florestas.

O General Robert Eichelberger estava sempre próximo á frente de combate. Em suas frequentes inspeções, preocupava-se acima de tudo com o estado de seus homens. Sempre que passava por um grupo deles, fazia-lhes perguntas sobre a marcha da guerra, sobre a opinião que nutriam a respeito, e si estavam recebendo alimentação

A BATALHA



Um soldado americano contempla o cadáver de um japonês que foi obrigado a matar. O japonês estivera escondido por trás da barreira de ferro, atirando sobre as tropas americanas.



Um americano e o japonês que liquidou. Assim nos contou como se passou a coisa: "Ia andando por um caminho quando vi dois japoneses conversando. Fizemos uma carreta para mim e eu fiz outra para eles. Um puxou o revólver, eu puxei o meu. Banquei o mocinho das fitas de cinema."



Na missa, soldados que acabam de capturar Buna, oram ou fitam os olhos á sua frente. Um dos seus comandantes



Um gesto inútil. Alguns afogaram-se, outros fôram mortos a bala. Seus corpos foram atirados aos peixes, sobrenadando, enquanto os peixes os devoravam. Sobre todos pairava a sombra da morte. Entrementes, os americanos secavam as roupas, dormiam na praia, esquecidos dos que rolavam sôbre as águas.

DE BUNA (DA LIFE)



Numa estação médica o General Eichelberger pára um momento tomando seu chá. Um momento depois retomava a marcha rumo á frente de combate de Buna, com lama até os joelhos.

suficiente. Quando tripulava um *jeep*, sempre transportava consigo soldados e fazia farta distribuição de cigarros, embora não fumasse. Esse General estava á altura de seus homens. Um deles disse que as balas assobiavam a duas polegadas de sua cabeça. A maioria desses homens, com o respectivo equipamento, não foi arremessada sobre as escarpadas montanhas Owen Stanley afim de encontrarem-se com os japoneses. Ao invés disso, foram arremessados pelos ares. Como parte da primeira ofensiva americana que foi interinamente suprida por avião, constituíram também uma parte de uma estratégia aérea no Pacífico Sul, praticada agora tanto pelo General Mac Arthur como pelo Almirante Halsey e executada por homens do estofa do General George Kenney: obter primeiramente o controle do céu, depois então desencadear a ofensiva violenta que continua a ser apoiada pela aviação.

A batalha de Buna foi a mais primitiva das batalhas — uma luta entre o homem e seu inimigo. Foi sempre travada a curta distancia. A's vezes foi corpo a corpo. No escuro, americanos vivos saltavam sobre japoneses vivos. Na aurora americanos mortos jaziam ao lado de japoneses mortos.



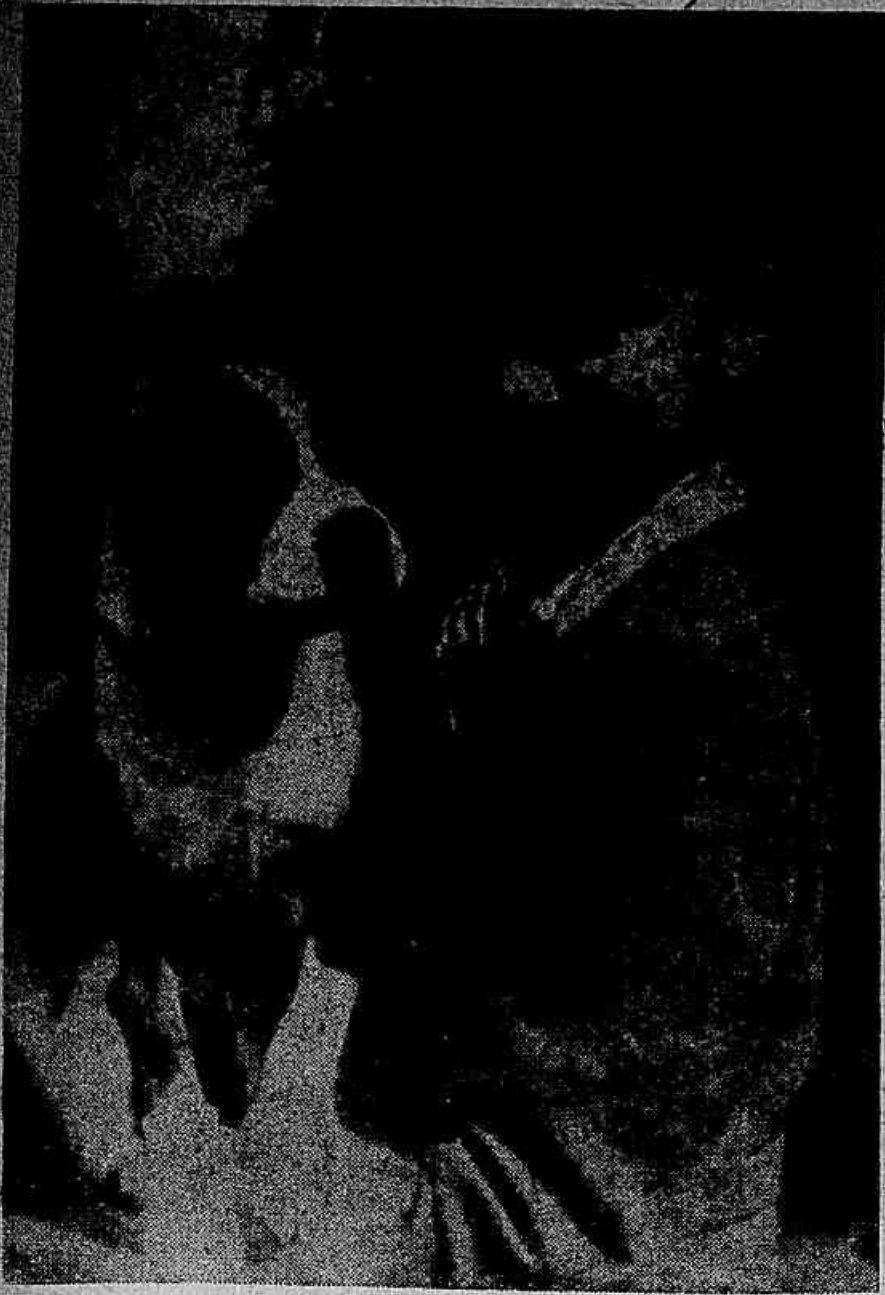
Uma linha de cruzeiros tóscas assinala os túmulos dos soldados americanos em Buna. Uma luva colocada acidentalmente sôbre uma delas aponta o céu.



Um japonês ferido num abrigo destruído em Buna. Um minuto depois, levantouse e tentou arremessar uma granada que escondia na mão esquerda, sendo morto por um oficial americano.

disse: "Não é esta a primeira vez que soldados americanos levam suas armas á igreja, e não será a última."

De São Paulo



EXPOSIÇÃO CANINA

Foi das mais movimentadas a exposição canina promovida pelo Kennel Clube Paulista, no Parque de Indústria Animal. A bela mostra atraiu milhares de visitantes, logrando êxito pleno sob todos os pontos de vista. Numerosos foram os expositores, apresentando animais de raça, de caça, de guarda ou de luxo.

Inaugurando o certame serviu como juiz único o sr. A. B. Walker, tendo sido convidados para julgadores os srs. Helio Silva, presidente do Kennel Clube do Brasil e Silvio Godoi, diretor técnico do mesmo grêmio.

Fôram inscritos na exposição 184 animais representando as mais variadas raças.

A exposição foi aberta às 8 horas, provocando enorme curiosidade o desfile dos cães que fôram levados para os pavilhões reservados onde seriam vistos e julgados.

A divisão foi a seguinte: cães de guarda e utilidade; cães de caça e de luxo. A divisão foi procedida de acordo com a idade dos animais.

Ao lado da mesa dos juizes fôram colocadas as taças e prêmios de valor. Havia um prêmio especial para o vencedor nacional absoluto.

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394

— SÃO PAULO —

INSTALADA EM SÃO PAULO UMA SUCURSAL DA AGENCIA CONTINENTAL

Vem de ser inaugurada em São Paulo a sucursal da Agencia Continental de Publicidade, organização de propaganda idealizada e creada, nesta Capital, pelos antigos jornalistas Srs. Celso Kelly, Carvalho Neto e André Carrazoni, a cuja capacidade e inteligência estão entregues os empreendimentos da referida sociedade.

A nova sucursal da "Continental" tem a dirigi-la o Dr. José Carlos do Amaral Vieira, o que constitui mais um fator para a certeza de um futuro promissor.

Por mais esta vitória, a REVISTA DA SEMANA envia á Agencia Continental e aos seus ilustres dirigentes as suas mais sinceras congratulações fazendo votos para que a nova sucursal alcance o merecido sucesso.



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★
Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4ª. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succursora da MAPPIN STORES
D. DAMOS DE AZEVEDO S. PAULO

raça "Cocker Spaniel", pertencente á sra. Jack Leonard.

A taça ao "Melhor cão de Criação Nacional" "Dux V. Alto Corcovado" do dr. Raul Chama.

Nas fotografias: no alto Boston Terrier, do Dr. João Laranja; Cocker Espanha, de Euzio Papini; e Fox Terrier pelo lizo, de Léa Marcondes Machado. Em baixo: Dinamarquês, do dr. Luiz Bergamini; Fox Terrier pelo duro, da senhorita Ula Iyschind; Fox pelo duro, do sr. João Rothmann.

cão da Exposição" — "Dux V. Alto do Corcovado", raça Boxer, pertencente ao dr. Raul Chama.

Taça ao "Melhor cão de Luxo" — "Tippy Sable Sovereign de Feldy" — Lúlu da Pomerania, da sra. Edma Feldmann.

Taça ao "Melhor cão de guarda e Utilidade" — "Dux V. Alto Corcovado", do dr. Raul Chama.

Taça ao "Melhor cão Terrirer" — "Bambi de Moiretes", Fox-Terrier — pelo duro, da sra. Josefine Jepsen.

Taça ao "Melhor cão de Caça" — "Jeep"





*Figuras
e Fatos*

SOCIAIS — No "grill-room" do Cassino Atlântico, durante um dos jantares dançantes da semana passada, o nosso fotógrafo fixou os dois flagrantes que aqui reproduzimos.

A foto ao alto mostra o aspecto de uma das mesas, na qual aparece o Ministro Apolonio Sales, entre figuras de destaque da alta sociedade carioca.

Ao lado: outro aspecto do jantar na boite do Atlântico, vendo-se o General Firmo Freire e Senhora, o Ministro Barros Barreto e filha, e o Sr. F. G. Machenzie.



A Associação Atlética Brasil Açucareiro, clube esportivo dos funcionários do Instituto do Açúcar e do Alcool, comemorou a passagem da noite de São João com um concorrido e alegre baile, realizado na sede social da sociedade. A foto acima mostra um grupo de pessoas que tomaram parte na animada festa joanina da Associação Atlética Brasil Açucareiro.

Por motivo do aniversário natalício do dr. José Moacyr de Andrade Sobrinho, chefe da Divisão de Ensino e Seleção da Central do Brasil, recebeu S. S. uma manifestação de seus colegas, amigos e auxiliares. A foto acima é um flagrante da homenagem.



NA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL — O presidente Carlos Xavier, tendo à sua direita a ara. general Aialo, professor Froes da Fonseca; à esquerda o embaixador do Paraguay e major Jaú Gomes representante do chefe de Polícia.



D. ANNA CORRAL TEIXEIRA — No dia 28 de junho ultimo, foi celebrada, no altar-mor da igreja de São José, missa de sétimo dia em sufrágio da alma de D. Anna Corral Teixeira, cujo falecimento causou profundo pesar no seio da nossa sociedade, onde a extinta gozava de justa estima e admiração, pelos seus dotes de inteligência e bondade. A gravura acima mostra um aspecto da igreja de São José, quando era resada a missa de sétimo dia do passamento de D. Anna Corral Teixeira.

Velhas paginas, sempre novas,

A casa de Dickens

O dever de averiguar por mim mesmo em que estado arribaram a Portsmouth as duas torpedeiras, levou-me ontem... à casa em que nasceu Dickens. Essa casa, sita na estrada principal que sai de Portsmouth, não se distingue em nada das que a cercam: uma grade de madeira protegendo um jardinzito exíguo, janelas comuns superpostas duas a duas, a habitual água furtada e a inevitável chaminé de tijolo, dominando-a. Não fosse uma placa, avisando que ali nasceu, a 7 de fevereiro de 1812, o maior escritor que a Inglaterra produziu neste século, e ninguém lhe daria um olhar.

Essa placa deleve-me. Parei a considerar com atenção, quasi com afeto, essa casa em que, aliás, eu sabia que Dickens só havia passado poucos anos da infância; mas quando se tem por um artista a veneração, o respeito, o amor que eu tenho por Dickens — certamente o escritor cuja vida e cuja obra mais tem influido sobre mim — não é para admirar que o encontro inesperado da casa em que ele viu a luz nos deixe uma certa comoção. Era ali que nascera Charles John Huffham Dickens, empregado subalterno numa das repartições de marinha de Portsmouth; era ali que se tinha escoado a parte talvez mais feliz da sua existência; era ali, pelo menos que correram os únicos dias despreocupados da sua vida. Poucos e breves foram esses dias. Carlos era ainda menino, quando John Dickens se mudou para Londres e depois para Chatham, onde ele começou a frequentar a escola. Um de seus biógrafos informa-nos que o futuro humorista, inimitável e inexcedível, era concentrado, quasi melancólico. Não brincava com os meninos de sua idade: passava os dias a ler os poucos livros que o pai possuía. A miséria veio cedo atirá-lo à triste realidade da vida. A prisão por dívidas da Marshallsea abriu-se para a reclusão de seu pai e de sua mãe: Carlos foi obrigado a procurar trabalho numa oficina, onde ganhava os seis shillings por semana, com os quais provia a própria existência. Mais tarde, em *David Copperfield* e em *Little Dorrit*, ele pintou com verdade esses dias de tristeza e de mágoa. No seu primeiro livro, *Sketches by Boz*, conta-nos que não teve na sua mocidade uma vasta e sólida cultura. Efetivamente, quando volveram para os pais dias melhores, Carlos voltou à escola, que frequentou durante três anos, findos os quais entrou para o escritório de um advogado. Não lhe agradaram as tricas forenses. Pouco depois, era cronista parlamentar do *Morning Chronicle*, onde adquiriu a fama de ser o melhor *reporter* de seu tempo, só vindo a renunciar a essa carreira, quando a sua obra imortal, *Pickwick Papers*, publicada em 1836, teve o largo sucesso que lhe trouxe merecida fama. Foi exatamente essa a primeira obra de Dickens que me veio às mãos, quando ainda adolescente. Li depois uma infinidade de obras inglesas deste século e li todos os demais livros do próprio Dickens e nenhum achei que lhe pudesse ser comparável. O tipo de *Pickwick* é uma criação genial e eterna. A sátira, a ironia, a análise humorística dos costumes e dos vícios ingleses aí são feitas com uma tal sensação de verdade e uma tamanha superioridade de espírito, que o leitor estrangeiro, alheio a esses lugares e cousas, tem deles uma noção, por assim dizer, exata. Mas é, sobretudo, quando se está aqui e se percorre os lugares que a obra de Dickens nos tornou familiares, Bevis Marks, Clerkenwell, Gray's-inn-road, Inns of Court e a todo o momento, nos cafés, nas ruas, nas igrejas, nas salas dos tribunais, nas escolas, se acotovelam os tipos que ele fixou com uma precisão de objetiva fotográfica, que se adquire a noção desta verdade: — de que muitos anos antes do famoso concílio de Médan, em que pontificava Zola, o papa do realismo, já nesta verde ilha, fundeava neste verde mar do Norte, este grande escritor entendia a arte como a exata expressão da verdade, colhida na observação dos aspectos flagrantes da Vida. Não importa que *Pickwick Papers* seja uma obra que se poderia dizer caricatural. O *humour* é uma modalidade peculiar ao espírito inglês, mas não exclui a observação e o registro da verdade. Antes, é incompreensível fora dos limites que elas lhe traçam. Quando exorbita deles, já não é o *humour*: é a *blague*, é a pilhéria, é a chalaça, pura ginástica do espírito e das palavras, alguma cousa como as contorsões funâmbulas de clown, que não deixam impressão, ou deixam, bem no fundo, o resíduo do tédio. *Pickwick* é a mais completa e a mais perfeita condensação do *humour* inglês, que apareceu durante todo este longo e glorioso reinado de Sua Majestade Graciosa; e, sem embargo disso, é uma fotografia admirável da vida inglesa, da terra inglesa, da civilização inglesa, dos costumes ingleses do tempo em que foi escrita, ainda relativamente tão próximo e que, entretanto, já se me afigura a mim, que só agora vejo a Inglaterra, tão remota, como se me descesse um século.

Também nenhum outro moderno livro inglês penetrou tão intensamente a alma popular. Haveria todo um capítulo a escrever só sobre os artistas que o ilustraram, desde a disputa para a sucessão de Seymour, que ilustrou o primeiro volume e estava morto quando apareceu o segundo. Essa sucessão notável coube ao estimado artista H. R. Browne; e são conhecidas as suas lutas com o próprio Dickens, que não confiava ao critério do artista a escolha dos trechos a ilustrar e que, não raro, desenhava os esboços ou ia até a corrigir os desenhos já feitos e assinados por esses grandes nomes. Haveria outro capítulo a escrever sobre a série imensa de imitações espúrias e de continuações dessas aventuras: *The Penny Pickwick*, *Pickwick in America*, *Pickwick Abroad*, *The Pickwick Gazette*, etc. E' inútil fazê-lo aqui: tudo isso comprova, apenas, que, em verdade, esse livro singelo, por isso mesmo que era apenas a reprodução de cenas da vida realmente vivida, interessou e comoveu o público inglês. Não foi outra a razão da força enorme de que gozou este grande escritor sobre a opinião de seu país. Não esqueçamos de que ele não cedia a nenhuma influência estranha ou doméstica. No continente, o que dominava era o romantismo triunfante; a voz que se ouvia era a grande voz de Hugo. Era o tempo das *Odes et Ballades*, dos *Rayons et les Ombres*, das *Volx Intérieures*; era o tempo da Musa formidável, exercendo uma formidável ditadura:

Et que tous ces pervers tremblent dès à présent
De voir auprès de lui, formidable et posant
Son ongle de lion sur la lyre étoilée,
Ta colère superbe à tes pieds muselés !

A apóstrofe ameaçadora desse profeta bíblico não era ouvida do outro lado da Mancha. Dickens serenamente escrevia *Nicolas Nickleby*, o romance social, discutindo

ALCINDO GUANABARA, o grande jornalista brasileiro, evoca, nesta página magnífica de emoção e de sentido crítico, uma visita à casa de Dickens. O capítulo, aparecido num número de "Kosmos", de 1905, figurava como pertencente a um futuro livro de "Memórias". Reproduzindo-o aqui, é como se estivéssemos publicando uma página de hoje, tal a frescura de estilo e a riqueza de sugestões deste trecho de antologia jornalística, ao qual a passagem dos anos não atinge.



a grave questão da educação nacional, que se lhe afigurava por demais descurada pelo Estado; abandonava em *Oliver Twist* a vis cômica e dava-nos um quadro pungentíssimo dos aspectos trágicos da Vida; em *Great Expectations* e em *David Copperfield*, que são quasi auto-biografias, expunha a situação social da Inglaterra, assinalando vícios e reformas. O movimento literário da França, que é o único que conhecemos e admiramos no Brasil, só muito mais tarde se orientou neste sentido. Ainda a literatura era, apenas, uma arte de prazer, um esforço de imaginação, alheio à vida, alheio aos interesses da humanidade e já Dickens não a concebia sem um fim prático e sem um objetivo útil. Não se veja nisso apenas uma feição do caráter saxônio. Para mim, a sua razão principal está no próprio temperamento pessoal do escritor, que, muita vez, sentindo de certo que o romance era apenas uma arma de ação indireta, recorreu a esse instrumento magnífico de combate, que é o periódico. Escasseavam-lhe, porém, todas as qualidades de jornalista e esses diversos periódicos naufragaram: era a negação do jornalista aquele temperamento de artista metódico, que não tinha nenhuma fé na inspiração do momento, que só confiava no trabalho regular e pontual, que não admitia o improviso, que não concebia a difícil tarefa de narrar senão absorto, por completo, no silêncio monacal de sua casa de Gadshill, onde transcorreram pacificamente os seus últimos anos de vida e onde escreveu ainda grande número de obras, entre as quais esse *Martin Chuzzlewit*, que ele estimava como a sua obra prima e que, entretanto, nunca obumbrou a glória de *Pickwick*.

Agora, ali, naquela estrada de Portsmouth, a placa assinalando a casa em que nasceu Dickens, evocava toda essa obra e ia reconstruindo em meu espírito a personalidade do grande romancista, que eu tanto estimei e que tamanha influência exerceu sobre mim. Foi aos quinze anos que, tendo lido *Pickwick* e *David Copperfield*, acendeu-se em mim a curiosidade ardente de conhecer intimamente o criador dessas páginas e devorei a biografia que Foster lhe traçou. Compreendi então a força do escritor: o segredo dela residia na sua capacidade de trabalho e no método que nele punha. E desde então, a minha preocupação de menino foi imitar Dickens; não certamente, o glorioso Dickens romancista, mas o ignorado Dickens trabalhador...

Rascunhos Londrinos

Copyright B.N.S.
exclusivo para a
REVISTA DA SEMANA

FAÇANHAS DE RECONSTRUÇÃO DA DEFESA CIVIL — A maior façanha de reconstrução, na história, foi o re-alojamento de 2.500.000 famílias britânicas, vítimas da "blitz", que foi feito por secções volantes de construção e reparação, compostas inteiramente de trabalhadores civis.

REGRESSO TRIUNFANTE DE UM SUB-MARINO BRITÂNICO — Quando o submarino britânico "Truant" voltou ao porto base depois de dois anos e meio ao largo, arvorou o pavilhão de "êxito". Quatro estrelas, no pendão, indicam quatro ações da artilharia de bordo com resultados felizes. Dezesseis barras brancas significam navios torpedeados.

A BRAVURA DAS TROPAS BRITÂNICAS NA ÍNDIA — Durante um recente ciclone, seguido de inundações, na Índia, em que pereceram 11.000 pessoas e 75.000 cabeças de gado, as tropas britânicas foram em socorro dos flagelados. Para transportar os membros da população para lugar seguro, tiveram de passar a vao ou nadar em águas repletas de crocodilos e de cobras venenosas.

UM AVIÃO DA RAF "ENGARRAFA" UM TREM NAZISTA — Quando, ao crepúsculo, sobrevoava o território ocupado pelo inimigo o piloto de um "Mosquito", do Comando de Bombardeiros, lançou uma bomba contra um pequeno túnel e, então, depois de um trem ter entrado pela outra extremidade, bombardeou os trilhos ali. Embora permanecesse sobre a área durante certo tempo, o trem não reapareceu.

JOVENS UNIVERSITÁRIAS DIRIGEM UMA FÁBRICA PRÓPRIA — Nos intervalos entre as aulas as jovens estudantes de uma famosa universidade britânica se dirigem para um pavilhão exterior, que foi equipado como uma fábrica. Revesando-se entre elas conservam as máquinas em funcionamento desde 9 horas da manhã até às 7 da noite, diariamente, fabricando cápsulas para canhões anti-tanks.

O CHEFE DAS OPERAÇÕES CONJUNTAS RESPONDE A JOVENS NORTE-AMERICANOS — Quando Lord Louis Mountbatten recebeu uma carta de um grupo de rapazes norte-americanos pedindo informações sobre o adestramento dos Comandos, respondeu pessoalmente animando a organização juvenil e juntando notas sobre o treino dos Comandos.

UMA AVENTURA A RETAGUARDA DAS LINHAS INIMIGAS — Forçados a descer em território ocupado pelo inimigo, dois pilotos da RAF primeiro atearam fogo ao aeroplano e, marchando durante vários dias encontraram alguns paraquedistas aliados regressando com eles para lugar seguro.

LIVROS PARA OS COMBATENTES — Toneladas de milhares de livros, reparados por trabalhadores voluntários num depósito, em Londres, foram enviadas para as tropas britânicas, no ultramar, que mostram um vivo interesse pela literatura corrente.

O POVO BRITÂNICO HOSPEDA SOLDADOS NORTE-AMERICANOS — Os convites de hospedagem enviados a soldados norte-americanos acantonados na Grã-Bretanha, por motivo do Natal, totalizaram 50 para cada homem em posição de aceitálos.

UNIDADE DE EMBLEMA — Pela primeira vez, na história, os membros das esquadrões, exércitos e forças aéreas da Grã-Bretanha, dos Domínios, dos Estados Unidos e dos Aliados usarão o mesmo distintivo. A cabeça de águia é juxtaposta ao desenho da insígnia norte-americana, simbolizando a inclusão das forças dos Estados Unidos no Comando de Operações Conjuntas.



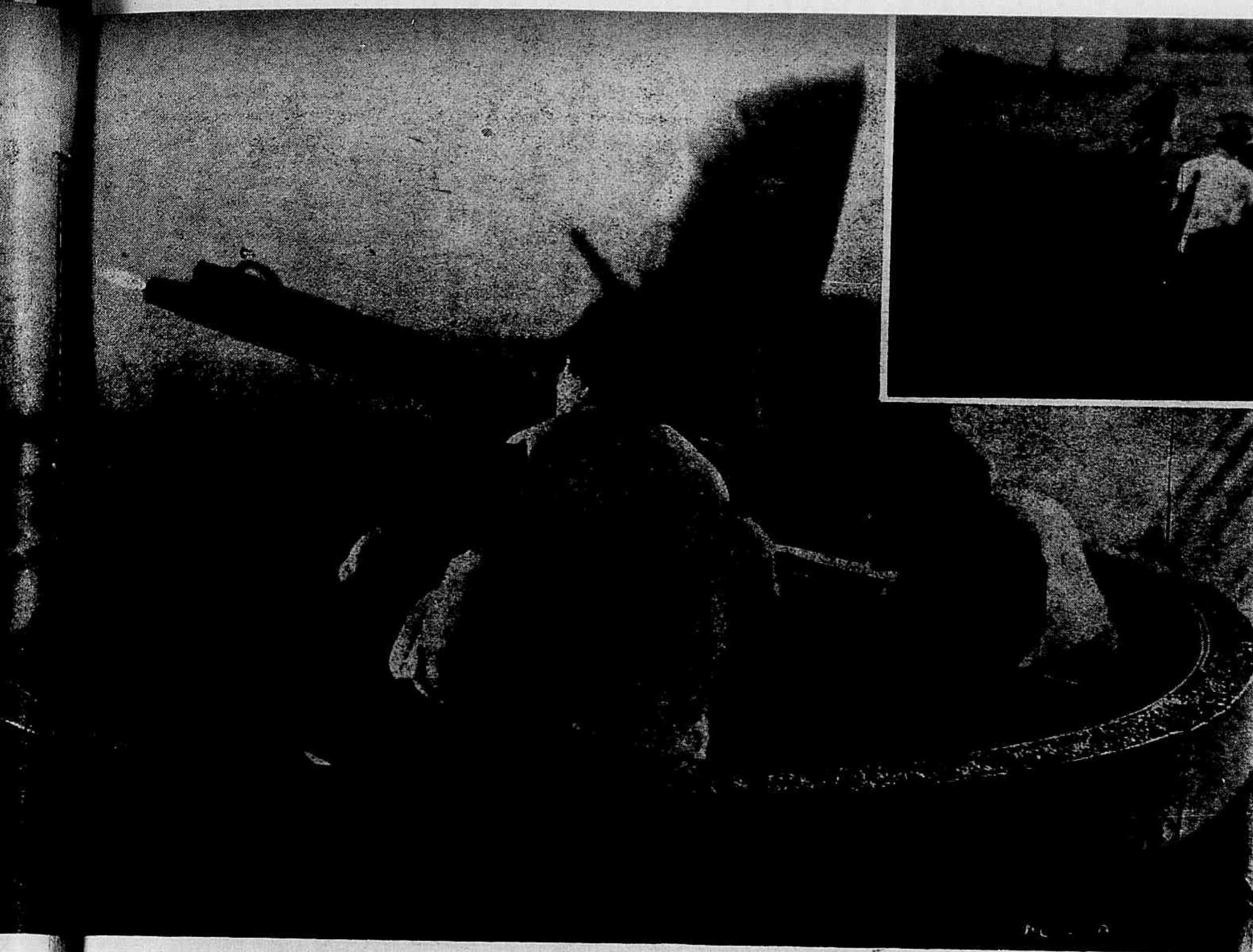
Ação é o característico essencial do novo e emocionante drama marítimo da América em guerra que a RKO produziu, com Pat O'Brien, George Murphy, Jackie Cooper e Jane Wyatt. A cena que estampamos mostra a tripulação de um navio durante um combate com um submarino. Jackie Cooper comanda ao fundo; Frank Jenks, ferido, sustenta com a mão uma bala; Carl Esmond manêja o mecanismo do canhão; Joey Ray (sentado ao tombadilho) foi ferido.

Em observação! O transporte está sendo caçado por um couraçado nazista, nos mares nevoentos da Islândia. O oficial Pat O'Brien vigia. Com os motores parados, o navio permanece flutuando na esperança de que o atacante não o veja. Descoberta significa destruição certa.

A Marinha entra

Incêndio! Os marinheiros procuram apagar as chamas ateadas por bombas incendiárias de um avião nazista enquanto o transporte faz-lhe frente no sódio do filme movimentado. Entrementes, a guarnição da Marinha, iguala para o navio continua a metralhar os atacantes. A ação conjunta da Marinha com a de Guerra — tradicionalmente rivais — desenvolve-se com de perfeição máxima na guerra atual.





Um bombardeiro ataca! Atacado pelo ar, George Murphy e Max Baer dirigem a torre da metralhadora nesta cena excitante de "A Marinha Entra em Ação"! "Raids aéreos são ocorrências regulares no caminho dos comboios no Mar do Norte. Artilheiros navais conquistaram um "record" abatendo inúmeros aviões e atravessando o bloqueio com seus preciosos carregamentos. Eis como costumam fazê-lo.

Abutre do mar! Um submarino nazista emerge e abre fogo com seu canhão contra um cargueiro aliado no Atlântico Norte. Quando submerge, o submarino apresenta um alvo difícil à tripulação de um navio. O combate que se segue é um dos mais realistas que já foram filmados. A fumaça preta indica que o assaltante sofreu um golpe vital.

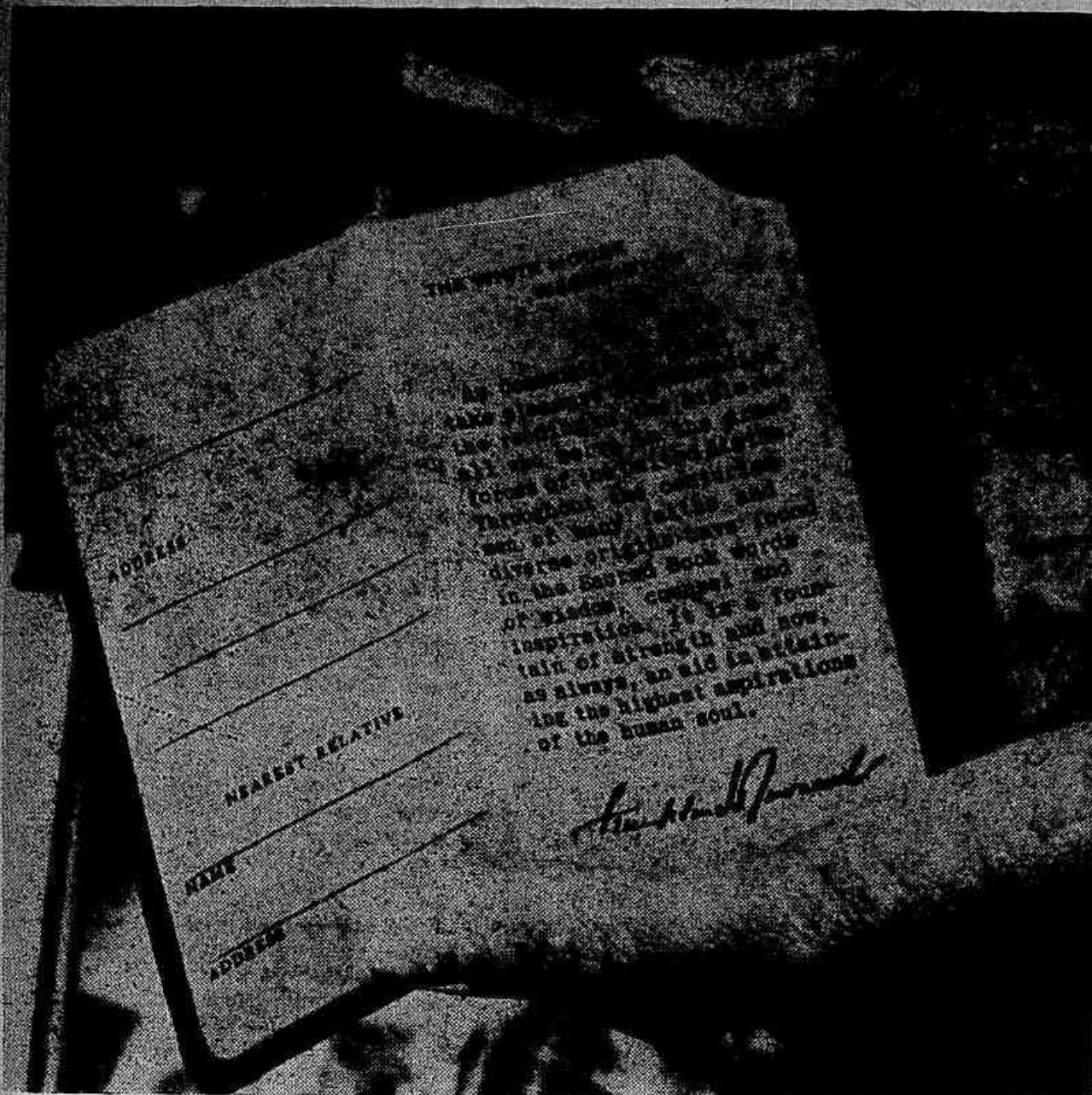
Nesta série de fotografias, damos alguns dos mais interessantes flagrantes do novo filme da R.K.O., *The Navy Comes Through*, que nos apresenta sensacionais aspectos da guerra anti-submarina no Atlântico Sul, onde os marujos americanos lutam heroicamente para manter abertas e livres as rotas marítimas que nos conduzirão à vitória. O "cast" da nova película da R.K.O. inclui Pat O'Brien, George Murphy, Jackie Cooper e Jane Wyatt. A direção coube a Edward Sutherland.

(FOTOS INTER-AMERICANA)

em ação

Vitória! Um projétil americano acabou de acarretar sério dano ao inimigo e o oficial Pat O'Brien está observando os resultados. Sem tomar precauções o artilheiro Frank Jenks prepara-se a fazer outro tiro se necessário. Não o será entretanto. Um momento mais tarde o navio nazista explode e afunda. A Marinha entra em ação!





Do Comandante em Chefe... Esta mensagem pessoal do Presidente Roosevelt na qualidade de Comandante em Chefe das Forças Armadas, aparece nas Biblias distribuidas no Exército, Marinha, Guarda Costas e Marinha Mercante. Milhões de cópias já foram distribuidas às Forças Armadas.

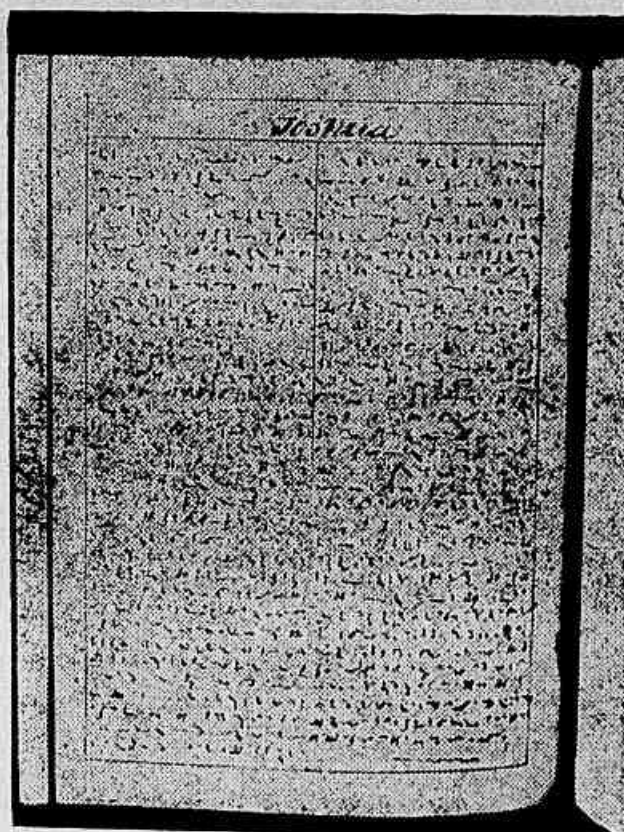
Na Marinha... O Capelão Philip Nicholas da Marinha Norte-Americana distribui Biblias aos seus homens. Os Capelões de todas as Forças Armadas fazem distribuições da Biblia. Qualquer homem convocado pode obter uma Biblia quando quiser.

O LIVRO

Guerras, inundações, incêndios, fomes e pestilências têm brincado de peteca com este nosso velho mundo. Terremotos mudaram a fisionomia deste velho mundo em algumas circunstâncias, e a própria natureza humana sofreu mudanças sob o látego das ditaduras. No entanto, através de tudo isso, a Santa Biblia manteve sua colocação no alto das listas de livros do mundo — e referimo-nos aos livros que foram escritos desde que o homem aprendeu a gravar marcas, atribuindo-lhes um significado.

O primeiro livro a ser impresso por Johann Guttemberg, inventor da imprensa foi a Biblia. E nenhum livro conseguiu superá-la. E sucesso de todos os tempos. Até na Alemanha sem Deus, onde o "Mein Kampf" de Hitler deve estar numa posição privilegiada na estante de todos os lares, a Biblia continua a dominar aquela obra bombástica.

Nos Estados Unidos, a venda da Biblia alcançou o máximo em 1942.



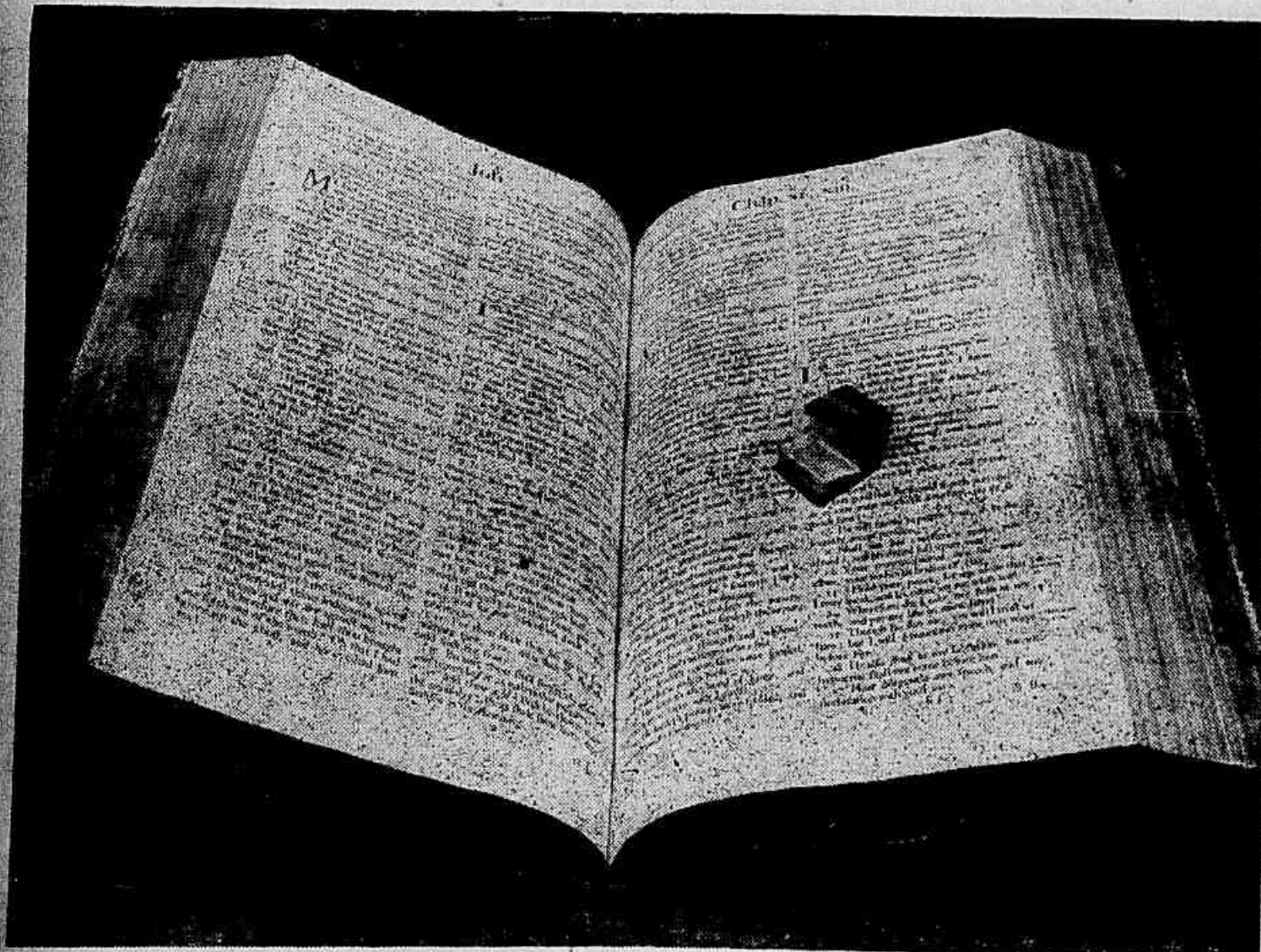
A' esquerda — Esta é uma página da Biblia, estenografada. Ha Biblias estenografadas em diversas línguas. A Sociedade Americana da Biblica também pôs a Biblia em alfabeto Braille para os cegos. Requer 20 volumes. A' direita — Biblia Chinesa... Página de uma Biblia chinesa. A maior produção programada de Biblias em língua estrangeira é a da chinesa. A procura cresceu tremendamente a despeito da guerra, altos preços e dificuldades de transportes. A Biblia já foi traduzida numa porção de dialetos chineses, dos quais este é um deles.

之明表明你之愛心等證明我所說之話
即此說明及周濟聖徒既事我後便可知我知你地
甘心也當對其明人時請你地人先一年已經
備而且你地熱心感佩得多人我從前打發幾個兄弟
你地我地我地我地我地我地我地我地我地我地我地
伯馬其地人同我地我地我地我地我地我地我地我地
差地起你地地地地地地地地地地地地地地地地地地
兄弟先到你地地地地地地地地地地地地地地地地地地
樂助地地地地地地地地地地地地地地地地地地地地
隨地心之所願地地地地地地地地地地地地地地地地地地

DOS LIVROS

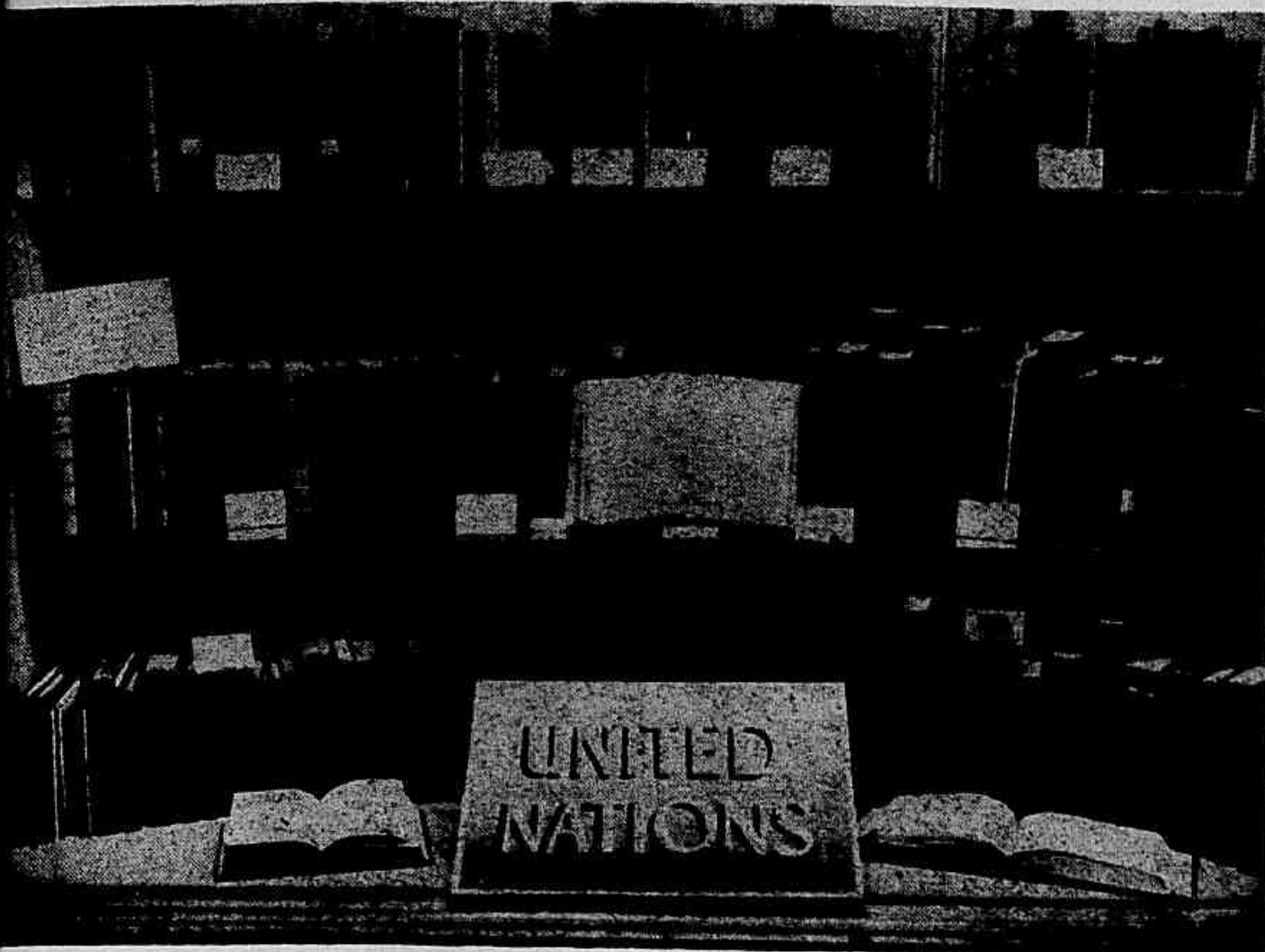
Não ha ainda cálculos precisos. Mas é quasi certo que as vendas de 1941 foram excedidas. A Sociedade Americana da Biblia distribuiu nem mais nem menos que 8.096.977 volumes em 1941. Esse número parece ter sido ultrapassado em 1942. A Sociedade forneceu Biblias às forças armadas em todas as guerras, desde a Guerra do México e já prepara uma nova edição de 200.000 de Novos Testamentos especialmente preparados para combatentes. A Sociedade Comercial dos Homens Cristãos comprou 4.000.000 de exemplares para as forças armadas. Todos, naturalmente são impressos em inglês. Ha ainda os milhões que se imprimem cada ano nos países estrangeiros. A Biblia foi traduzida em quasi todas as línguas que existem na superfície da terra. Nove versões são impressas só para as ilhas Salomão.

As fotografias destas páginas mostram alguns dos passos na preparação da Biblia e também algumas das raras cópias do Livro dos Livros, volumes que não têm preço.



Extremos... Aqui estão a menor e a maior Biblia da biblioteca da Sociedade Americana da Biblia na cidade de Nova York. A grande é a Biblia "vinagre", impressa em Oxford, Inglaterra, em 1717. Deriva seu nome do erro tipográfico que aparece no princípio do capítulo 20 de Lucas, a "parábola do vinagre", em vez de vinhateiro. O pequeno volume foi impresso na Escócia em 1901. Mede 1-3/4 polegadas por 1-1/4.

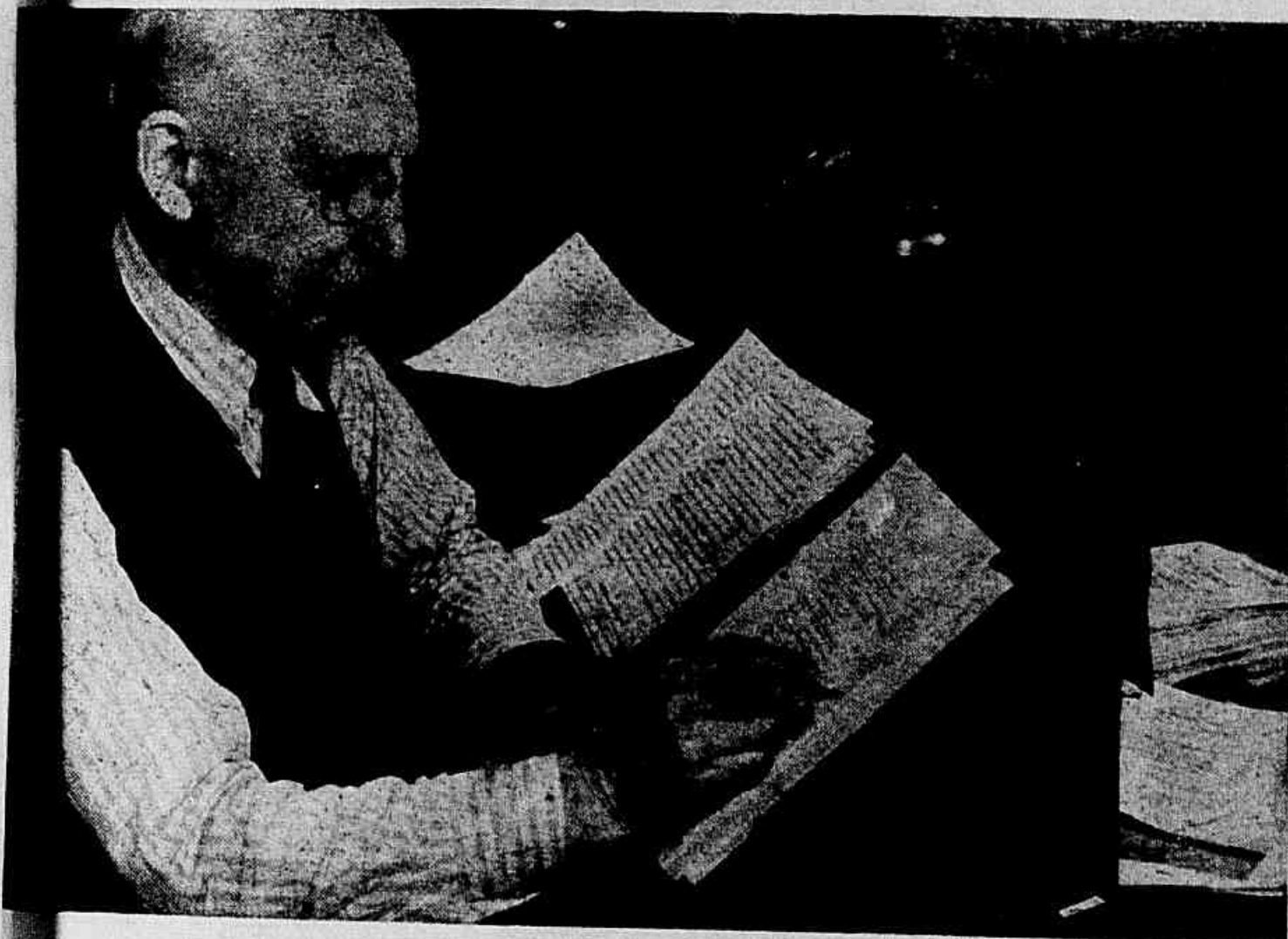
Biblia em pergaminho... Setenta pés da Biblia em hebreu abrangem o texto do Gênesis, Exodo, e parte do Levítico, escrita em pele de cabra ou carneiro da cerca de 500 anos. Este pergaminho pertenceu a uma colônia de Judeus cujos ancestrais fixaram-se perto de Kai-Fung centenas de anos atrás.



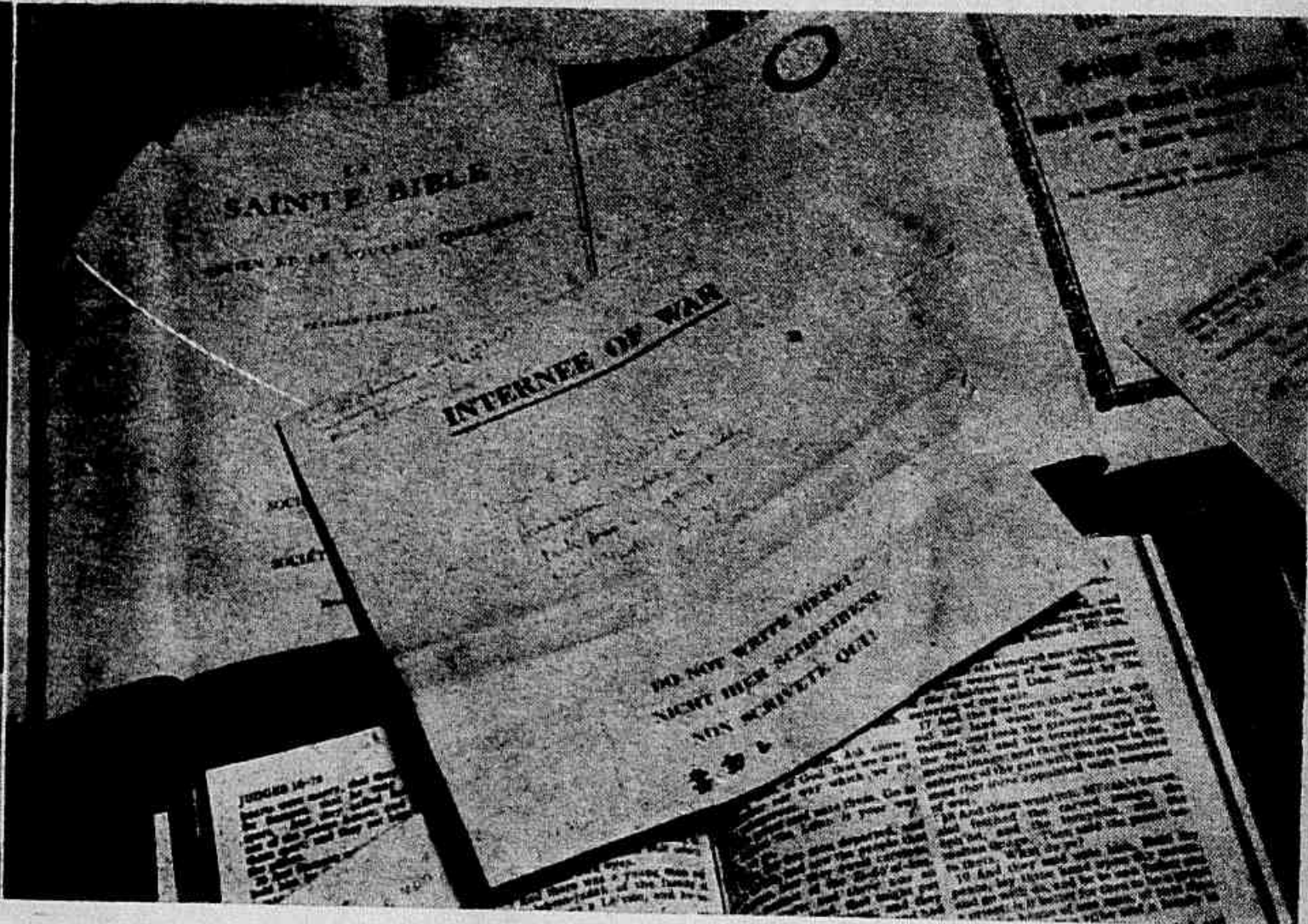
Babel de Biblias... Nestas prateleiras acham-se cópias do Livro dos Livros impressos em algumas das 297 línguas ou dialetos falados pelos povos das 28 Nações Unidas. Em alguns desses há apenas uma parte das Escrituras. Nove versões são impressas apenas para as Ilhas Salomão.



Empacotamento... As Biblias são empacotadas para os rapazes das Forças Armadas e da Marinha Mercante. As máquinas da Sociedade Americana da Bíblia estão imprimindo-as em número de 10.000 por dia.



Revisor... Ernest Cocquelet está lendo provas do primeiro Testamento Kijita. Kijita é um dialecto africano no qual cada palavra termina por uma vogal. Em cerca de um quarto de século com a Sociedade, Mr. Cocquelet tem revisto provas de 42 diferentes traduções da Bíblia.



Da prisão... Biblias e partes de Biblias em 27 línguas foram remetidas a prisioneiros de guerra e penitenciários pela Sociedade Americana da Bíblia. O recibo de cerca de 95 por cento dos pacotes é passado pelos prisioneiros como se vê acima.



Apenas uma... Neste grande glóbo na Casa da Bíblia, em Nova York, estão inscritos os nomes de mais de 1000 línguas nas quais foi transcrito algum trecho da Bíblia. Os nomes aparecem nos países onde são faladas as línguas. Este é o único glóbo dessa espécie no mundo. Frank W. Mann, secretário geral da Sociedade Americana da Bíblia aponta uma das mais recentes traduções.



Bíblia em gravuras... Esta Bíblia do Tirol foi feita em 1312. Cada página encerra dez capítulos, cada capítulo é representado por uma pintura rodeada de latim abreviado. As pinturas são impressas em cores alegres, vermelho, verde e azul. Um personagem bíblico aparece em traje fidalgo.

Jockey Club mundano

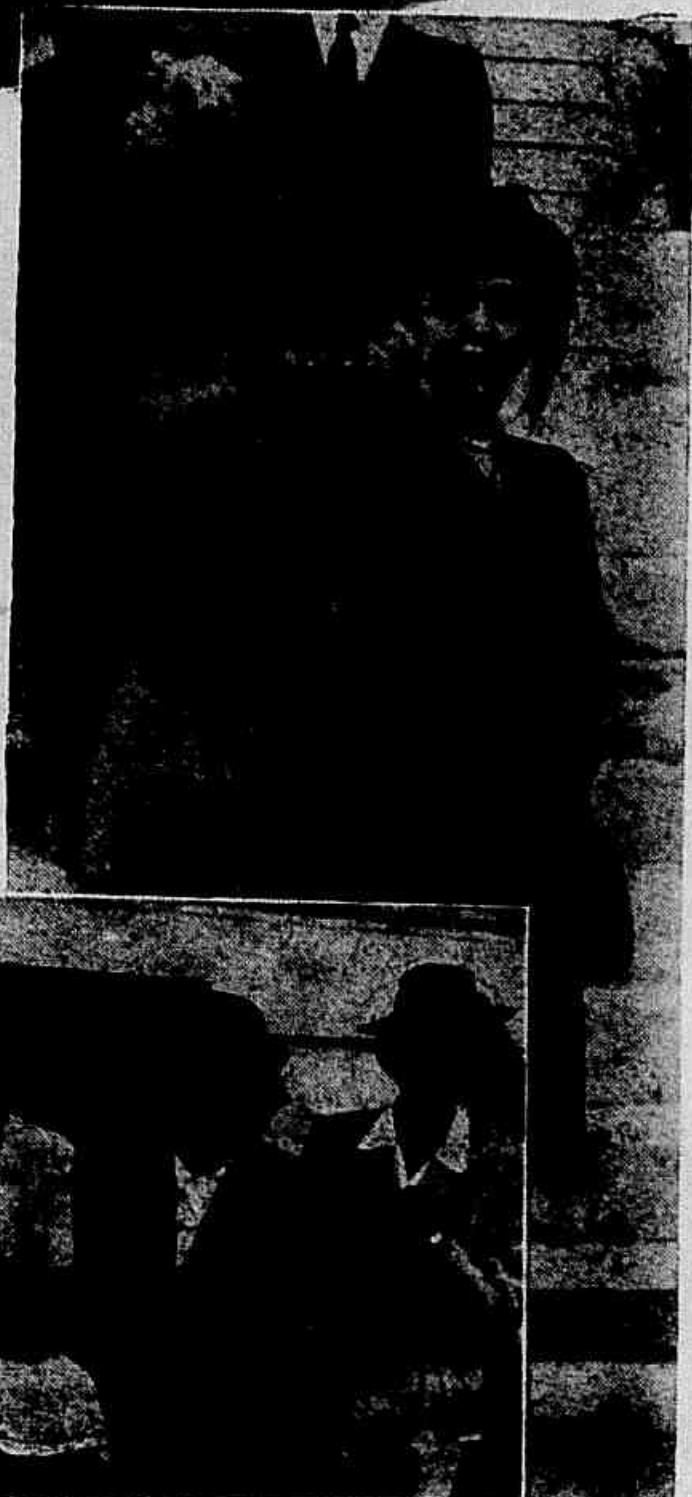


O Jockey Clube Brasileiro comemorou a passagem do "Independence Day" de modo sugestivo e simpático.

Antes de se iniciarem as corridas de domingo a Diretoria do Jockey homenageou os Estados Unidos na pessoa do Embaixador Jefferson Caffery, oferecendo-lhe um almoço no Hipódromo da Gávea, que transcorreu num ambiente de grande cordialidade.

Todos os páreos tomaram nomes de datas e figuras históricas da grande nação irmã, o que compreende uma simpática homenagem do "turf" brasileiro aos Estados Unidos, levada a efeito na grande data de sua independência.

As fotos que aqui estampamos fixam aspectos do "Independence Day" no Hipódromo do Jockey Clube.



MORTE NO VESTIARIO

(Continuação da pag. 9)

as maneiras e a voz de um perpétuo rádio-locutor. Nem atmosfera viciada, nem bebidas, nem horas tardias da noite pareciam alterar-lhe o desembaraço. Os cabelos de um negro intenso, os olhos vivos e agradáveis e a mandíbula bem esculpida davam-lhe um ar de anúncio em vitrine de farmácia. Mas tudo isso havia desaparecido nesse momento.

— Quem são vocês? — exclamou ele. E depois, num diapasão mais elevado:

— Meus Deus, que é isto?

— Quietos, Srs! Não toque em coisa alguma!

Caplin precipitara-se para Francine. Tocou-lhe o ombro e depois começou a bater com o punho na palma da mão, numa espécie de frenesi.

— Ela está morta — disse ela.

— Sim. Nós...

— Acabaram com ela — disse Caplin. — Era tudo o que eu tinha. Quem fez isto? Digam-me quem fez isto e eu o matarei. Garanto. — Deu uma volta em direção à moça de branco. — Que é isto? Quem é você?

Durante todo esse tempo, Jim Matthews percebeu que a pequena estava observando Caplin. Não soube interpretar-lhe a expressão. Ela, porém, o deixou intrigado.

— Afinal — falou ela com tranquila presteza — o senhor pode esclarecer uma coisa. Quero dizer, a respeito desta carteira. Mr. Caplin pode esclarecer o caso: é a carteira dele. Eu o vi deixá-la cair. E ele pode dizer-lhe também quem eu sou: pode servir de testemunha para mim.

Jim estendeu a carteira.

— Esta carteira é sua?

— Para o inferno com a carteira — rosnou Caplin. Depois, pestanejou e sua confusão aumentou. — Que carteira? Onde? De que é que vocês estão falando?

— Ela lhe pertence?

— Mas certamente não.

— E eu creio que você vai dizer também — insistiu a moça em voz firme e suave — que não me conhece.

Caplin falou com uma espécie de cortesia desesperada. — Madame, não sei a respeito de que a senhora está falando. Eu sei é que Francine está morta. Eu amava Francine. Chego aqui e a encontro deste modo, com uma tesoura... — Parou, a face contraída como se fosse corar... — e tudo o que sabem fazer é falar em carteira, carteira, carteira. Não, eu não sei quem você é. Nunca a vi em toda a minha vida. Foi você quem a matou?

— Foi você? — perguntou a moça.

O outro conteve-se.

— Eu tenho feito uma porção de coisas na minha vida — respondeu ele sombriamente. — A julgar pelo número de policiais que se acham aqui presentes esta noite, eles pensam que eu tenho feito ainda muito mais. Mas há uma coisa que eu não fiz. Não matei Francine. Não sai do estrado da orquestra desde que ela estava dançando até há um minuto atrás.

Isso era verdade. Jim concordou consigo mesmo; e o mesmo fez a moça, como demonstrou pela expressão do rosto.

(Continua na pag. 48).

MADAME HELENA RUBINSTEIN CHEGOU AO RIO DE JANEIRO

Madame Helena Rubinstein, na vida privada Princesa Gourielli, chegou ao Rio no dia 1.º do corrente, em do avião Pan America Airways System, procedente dos EE. UU. Sua reputação mundial é a resultante do seu profundo domínio de todos os problemas de beleza. Além disso, os conhecimentos exatos que possui de medicina e química lhe permitem utilizar as últimas descobertas científicas em todas as suas criações, imprimindo-lhes características especiais, tanto em produtos quanto em tratamentos, e fornecer, desse modo, às mulheres de todo o mundo, os mais eficazes meios de conservar a juventude e a beleza.

O objetivo de sua viagem ao Brasil é estudar todas as condições locais a fim de adaptar seus produtos mundialmente reputados às necessidades climáticas do nosso país. Para esse fim, Madame Rubinstein, empregando ingredientes importados dos Estados Unidos, introduzirá certas modificações em algumas de suas fórmulas, de acordo com os estudos preliminares que fez nesse sentido, em colaboração com seus químicos, em seus laboratórios de Nova York.

A ilustre viajante consagrará igualmente uma atenção especial aos tratamentos feitos nos seus salões do Rio de Janeiro e neles completará toda a extensa e variada série de tratamentos que estão sendo feitos nos seus salões nova-iorquinos.

A foto acima foi tomada no Aeroporto Santos Dumont, por ocasião da chegada de Mme. Rubinstein, vendo-se a ilustre viajante entre pessoas que a foram receber.



A miragem do sedento!...

A miragem do viajante no deserto é sempre o oásis, onde encontra as fontes de água cristalina. Nos climas tropicais, essa miragem é Água Tônica de Quinino, pura, saborosa e saudável.



ANTARCTICA

CONTINENTAL



O Seminário Brasileiro de Psicologia recebe

HELENA ANTIPOFF

O PROF. DR. PLÍNIO OLINTO APRESENTA ALGUNS RESULTADOS OBTIDOS NAS EXPERIÊNCIAS SOBRE O PSICO-DIAGNOSTICO MIOCINETICO. SUBMETE-SE AO "TESTE" O PROF. OMBREDANNE. A OPINIÃO DO PSICOLOGO ACHIM FUERSTENTHAL

O Seminário Brasileiro de Psicologia, fundado há 8 anos pelo Dr. Plínio Olinto e um grupo seleto de psicólogos, viveu em 30 de Junho p. p. um dos seus maiores dias, prestando significativa homenagem a Helena Antipoff. Convidada pela A. B. E. para uma série de conferências no Rio, a diletta assistente de Eduardo Claparède, certo, não precisaria de sua longa experiência na Europa para tornar evidente o mérito que se lhe atribui. Não precisaria porque os trabalhos, que vem realizando em Belo Horizonte, são o maior atestado do seu valor nos domínios da ciência teórico experimental.

Eis porque, muito justamente, o Seminário Brasileiro de Psicologia reuniu, numa sessão extraordinária, os maiores nomes na-

cionais e estrangeiros radicados no Brasil, nos setores psicológico e educacional. Nessa reunião o prof. Plínio Olinto depois de saudar a ilustre homenageada apresentou resultados das experiências mais conhecidas por "testes de agressividade" de Mira y Lopez e que permitem aferir das reações impulsivas dos indivíduos normais e do estado de periculosidade latente de certos psicopatas e mesmo dos delinquentes. Esse "teste" consiste na reprodução contínua de figuras gráficas simples, linhas e círculos, sendo que o indivíduo submetido ao mesmo fica inibido de controlar a sua produção pela vista e age, portanto, numa espécie de atitude intuitiva. As falhas e derivações na superposição e imitação das figuras indicam, o grau individual da tendência em questão. Tem que coincidir o mais possível e a distância entre as mais extremas delas é considerada medida objetiva caracterológica. O movimento feito pela mão mais usada demonstra a agressividade atual ou potente; quando feito pela outra, assinala a disposição agressiva ou a agressividade latente.



Dr. Plínio Olinto, fundador Do Seminario Brasileiro de Psicologia.



Ao alto — A mesa que presidiu à reunião, vendo-se Mme. Antipoff, dr. Plínio Olinto e d. Branca de Almeida Filho. Em baixo — Parte da Assisencia vendo-se d. Ofelia Boiron Levy Cardoso, membros do Seminario e redatora desta Revista.

O prof. Ombredanne, da Faculdade Nacional de Filosofia, submeteu-se à experiência, o que constituiu uma nota verdadeiramente interessante. Depois estabeleceu-se a discussão formulando-se várias hipóteses para melhor adaptação do "teste", tanto na aplicação referente aos psicopatas — adultos e crianças — do hospital do Engenho de Dentro, como para a comprovação da sua eficiência entre as crianças — problemas assistidos pelo Serviço de Ortofrenia do Centro de Pesquisas Educacionais, hoje, sob a competente orientação de Ofélia Boisson Levy Cardoso. Falou finalmente Mme. Antipoff que sugeriu a colaboração dos psicólogos brasileiros para novos trabalhos assinalando, ao terminar que, se como querem alguns, a psicologia experimental morreu, a pesquisa psicológica continua e deve continuar cada vez mais forte como um dos caminhos mais eficientes para solucionar os intrincados problemas da razão, do "ego", da inteligência e da aprendizagem. A seguir, D. Branca de Almeida Fialho, com o entusiasmo que lhe é tão proverbial nas causas da humanidade e de cultura, ofereceu as salas da A. B. E. para a reunião dos psicólogos. E todos saíram com a convicção de que muito se produzirá no terreno da Psicologia, para o progresso do Brasil.

Entretanto e ainda a propósito do "teste" de agressividade, tivemos ocasião de ouvir o psicólogo Dr. Achim Fuerstenthal, da Universidade de Basileia, que nos declarou o seguinte:

"Nesse 'test' enfrentamos questões acerca da transposição caracterográfica, e outras acerca da parte caracterológica como tal. — Qualquer expressão gráfica de traços de temperamento ou de caráter deve ser avaliada com máximo de reserva crítica. Podem intervir certas capacidades simples para tornar inadequado ao próprio caráter o dado produto gráfico. Já se sabe por experiências grafológicas bastante fundadas, que nenhum traço de caráter fica estreitamente indicado pela forma gráfica como tal. Temos que investigar sempre na maneira pela qual foi produzida essa fór-

ma, e deve-se explorar também a relação entre a maneira exposta e a personalidade inteira da qual provém. A avaliação de um "teste" depende da avaliação de outros, e ultimamente dum fundo de compreensão psicológica global. Esse resultado nos leva à segunda ordem dos problemas envolvidos. O "teste" em questão, suposto de indicar nada mais do que a tendência agressiva nos caracteres individuais, nos deixa perguntar: como encontramos essa tendência. Trata-se de uma atitude exclusivamente dirigida contra outras pessoas, como é a hostilidade e a crueldade, ou ficam incluídas também certas formas derivadas da agressão, como o hábito de destruição de coisas, a tendência de criticismo e de contradição a idéias, o desprezo de si mesmo, e a humilhação masoquista do próprio corpo. E mais: como são avaliadas as chamadas sublimações desse quadro caracterológico, os desejos de dominar, de atuar com exatidão, de convencer, de influir, de predicar, etc. Significa uma abundância de tais traços sublimados um estado muito intensivo do instinto da agressão, ou significa ela já o contrário? Como, ao fim, consideramos as aparências neuróticas da agressão, chamadas coactas, onde o indivíduo fica, por medo dos próprios desejos agressivos, inibido nas atividades úteis e até existenciais?

Não devem, porém, tais anotações desanimar o pesquisador experimental. Foram elas, pelo contrário, expressas para abrir mais perspectivas da exploração sistemática do domínio psicológico, no qual entramos sob a direção perita do Professor Dr. Plínio Olinto.

E' pura verdade o que disse a Professora Dra. Antipoff.: o mínimo resultado certo da Psicologia exige um trabalho de horas e horas. Qualquer experiência na Psicologia vale a pena, mas vale mais a experiência feita à base de mediações críticas e orientadoras.

"ISTO É O QUE EU PRECISO PARACURAR O MEU RESFRIADO"



MENTHOLATUM
ALIVIA RAPIDAMENTE OS
RESFRIADOS
Basta applical-o no PEITO
na GARGANTA e nas NARINAS.

NOTICIÁRIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

Dia 10:

A sra. Ada Fortes; a senhorita Giôconda Giannattasio; os srs. Pio Dutra e Edgard Parreiras.

Dia 11:

As senhorinhas Zilda Veloso Maciel, Isaura Paula de Moraes, Alice de Araújo e Letícia Joaquim Sales; o dr. Artur Sá Earp; o industrial Jaime Moniz e Aragão.

Dia 12

As sras. Nair de Niemeyer Vieira e Laura Chaves Faria; as senhoritas Dulce Guedes de Melo e Carmen Martins Costa; o dr. Joaquim de Melo.

Dia 13:

Sra. Amelia Passos Guimarães e senhorita Maria Dolores Costa.

Dia 14:

A senhorita Moema Miranda; Dr. Honório Pimentel.

Dia 15:

A poetisa e escritora Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti; o Prof. Dr. Mauricio de Medeiros.

Dia 16:

Sras. Oto Prazeres e Lucinda Carneiro Pereira. Drs. Joaquim Pires Ferreira e Patrício Ribeiro de Faria.

VIAJANTES ILUSTRES

Ministro Salgado Filho

Partiu dia 7, em avião especial da Força Aérea Americana, para os Estados Unidos, o ministro Salgado Filho, titular da pasta da Aeronáutica.

S. excia. fez-se acompanhar dos oficiais aviadores tenente-coronel Henri-



Por motivo da promoção ao posto de general de divisão, o general Firmo Freire foi homenageado pelos membros dos Gabinetes Civil e Militar da Presidência da República.

A fotografia foi tomada quando o Sr. Luiz Vergara e Cte. Otavio Medeiros, chefe e sub-chefe dos Gabinetes Civil e Militar, colocam as platinas oferecidas ao homenageado pelos Gabinetes da Presidência da República.



Missas da vitória do espólio dos Barões de Paraopeba, realizada na Catedral Metropolitana, no domingo, 27 p. p., assistida por altas autoridades brasileiras e representantes de embaixadas estrangeiras.



A poetisa Stella Leonardos da Silva Lima que, sob o patrocínio da "Rêde Cultural Vamos Lêr" e da "Casa de Castro Alves" no dia 9 de julho, no auditório da A. B. I., leu, com sucesso, a peça de sua autoria "Palmares".

que Fleuiss, chefe do gabinete do chefe do Estado Maior de Aeronáutica; major Faria Lima, oficial de seu gabinete; e capitães Oswaldo Pamplona Pinto, ajudante de ordens do Presidente da República, e Luiz Sampaio, ajudante de ordens do ministro Salgado Filho.

Ministro Apolonio Sales

Depois de ter inspecionado vários ser-

viços dependentes de sua Pasta e visitando as instalações da Companhia Vale do Rio Doce e as obras de remodelação da Estrada de Ferro Vitória a Minas, regressou, dia 6, de Belo Horizonte, pelo avião da rede mineira da Panair do Brasil, o sr. Apolonio Sales, ministro da Agricultura.

S. excia. viajou em companhia do sr. Aluizio Sales, seu oficial de gabinete.



Comemorando a passagem do 25.º aniversário de casamento do casal João Nolasco de Carvalho-Zelia R. Nolasco, figuras prestigiosas da sociedade, seus sobrinhos e afilhados mandaram celebrar no dia 24, na igreja do Santíssimo Sacramento, missa solene em ação de graças.

A' noite o casal recebeu em sua residência os parentes e amigos.

UM HOMEN SONHA NA FLORESTA

(Continuação da página 18).

esquecer-se que és minha mulher adorada, acarretando assim, muitos dissabores.

Pensando nas tuas botas, no casaco de peles e principalmente na nossa filhinha morta cheguei à floresta. A minha floresta! Foi naquela imensidão triste onde habitam os gênios de minha infância que dirigi uma prece ao Senhor de todos os seres para que me desse uma esposa muito bonita e muito meiga. Ela, que sempre infundia terror aos meus camaradas, porque supunham-na habitada por duendes e bruxas, tornou-se verdadeira mãe e conselheira para mim, orfãozinho das ruas.

Que queres tu? É uma fraqueza... mas não posso afastar-me de meu torrão natal sem despedir-me dela.

Entrei... de cada rama, de cada árvore, recebi uma palavra de boas vindas.

O outono findava; os últimos frutos ficavam numa evidência triste nas árvores que começavam a despir-se de folhas.

Lembrei-me então dos versos que a filha do "barine" declamára, numa tarde, por ocasião da visita de Pouchckine:



Torna-se um prazer ESCOVAR OS DENTES

ESCOVAR os dentes é um hábito necessário, porém monótono. Mas, pode tornar-se uma sensação agradabilíssima... um verdadeiro prazer... se usar o Creme Dental Squibb. No momento em que este delicioso dentífrico lhe tocar na língua, toda a boca se inundará de uma amena sensação. Refrescante como a brisa da montanha! Desde que comece a usar o Creme Dental Squibb, nenhum outro dentífrico lhe dará tão completa satisfação. Milhões de mulheres inteligentes usam o Creme Dental Squibb diariamente, não só por ser agradável,

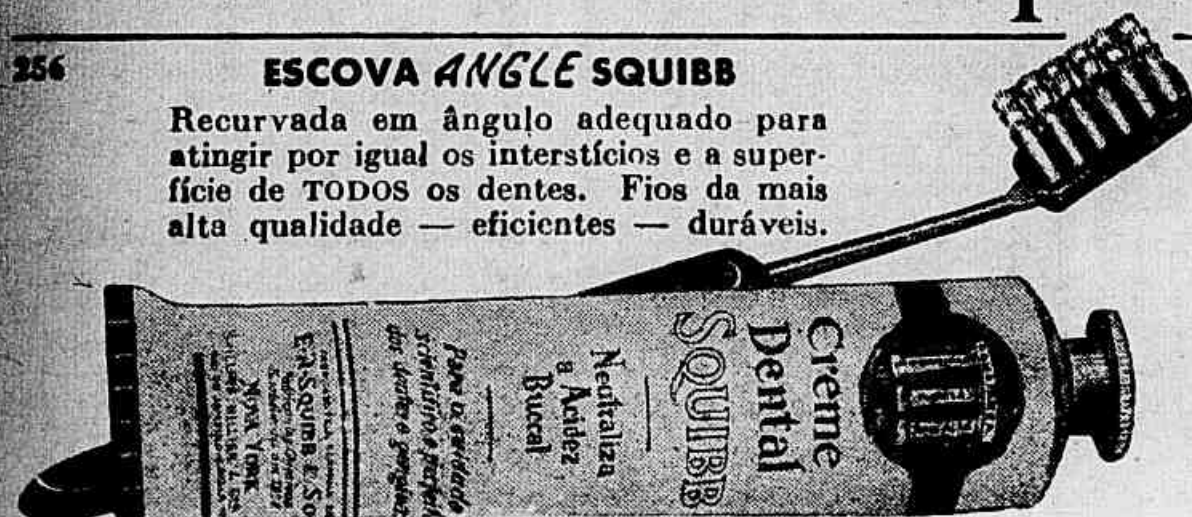
mas por ser, também, puro e garantido. Nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão existe em sua fórmula e não oferece o menor perigo para o esmalte dos dentes ou para as gengivas. Outro ponto importantíssimo... o Creme Dental Squibb é feito com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. Experimente este excelente dentífrico. Examine o tubo que comprar, certifique-se de que traz o selo Squibb... porque Squibb é um nome em que se pode confiar.

Creme Dental Squibb

256

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



Que te importa meu nome?
Ele morrerá como um gemido triste
De uma vaga quebrada numa longínqua margem,
Como uma voz noturna numa floresta silenciosa...

Avancei até o velho tronco nodoso, próximo de um córregozinho onde habita o gnomo que adormeceu a minha meninice.

Ele não estava... Contou-me uma flôr que ele fôra nas asas do vento à casa de uma criança cuja alma estava prestes a libertar-se do tempo. Estremeci, pensando no filho de Sachenka. Juntei alguns gravetos e fiz fogo para aquecer-me e espantar os mosquitos. Os animais ferozes pelo faro sabiam-me amigo. Deitei-me no chão húmido e senti o coração da terra pulsar em uníssono com o meu.

Dia virá em que meu corpo, desfeito em pó, tomará parte na isocronia do coração universal mas o meu espírito, com certeza, errará pela floresta e partilhará com o gnomo, o velho tronco nodoso que tem mais de um centenário.

Senti o cheiro da terra, da vegetação e da madeira queimada; minha personalidade como que se diluía absorvida numa simbiose fantástica com o Kosmos. Adiante o córrego cantava...

Comi um pedaço de bolo e alguns frutos; depois tornei a deitar-me.

O calor da fogueira propagando-se à minha pele causava-me uma sensação deliciosa.

Durante algum tempo observei a boca do fogo com as suas mil línguas brilhantes; ouvi o urro das feras que procuravam os covis entrecruzados aos gritos de aves assustadiças. Pouco a pouco minhas pálpebras baixavam: adormeci.

Acordei sob um sudário de folhas partidas...

A' luz da manhã brilhavam tanto, que julguei, estivesse envolvido num manto de ouro. E cre, "douchetka", não seria minha primeira veste principéscia.

Lembro-me, certa vez, mal completara doze anos, vi o retrato do Tzar no dia da coroação. Sobre a rica farda onde se viam as mais estranhas condecorações trazia um manto comprido, de veludo, bordado a fio de ouro com incrustações de pedras preciosas. Eram estrelas de todas as cores... e havia pumas também... Comparei o manto dele com meu pobre casaco remendado... e desde então desejei-o ardentemente... Fechava os olhos e imaginava-me vestido assim, montado num grande cavalo branco que devorasse distâncias incalculáveis com a galhardia de um herói invencível. (Naturalmente não teria os cabelos tão compridos e embaraçados; talvez não sentisse medo de lavar as orelhas e cortasse as unhas continuamente. E Ivannochka, o "perna de pau", certamente não me bateria mais com aquele maldito cacete, quando eu não lhe trouxesse bebida.) Limpo e possuindo uma capa tão bonita ninguém me repeliaria. Ao contrário, todos fariam questão de me cumprimentar. Tirariam os barretes exclamando:

"Deus guarde ao menino Tzar..."

Sorriden'e atravessaria campos e campos de trigo até chegar aos casebres da beira do rio onde moram os mendigos e os meninos abandonados.

Apeando-me de meu corcel distribuiria apenas algumas estrelas de meu manto. Haveria pão e vinho, música e alegria... depois chamar as mulheres boas que não teem filhos como Grunchinskaia e pedir-lhes-a que tomassem conta dos órfãos. (Muitos do grupo tinham dado para beber e roubar). Sonhava... até que o frio, infiltrando-se pelos buracos de meu capote, fazia-me despertar bruscamente. Contava os níqueis que possuía, comprava algum alimento e uma garrafa de vodka e encaminhava-me para o casebre dos vagabundos. Geralmente encontrava Ivannochka, o nariz muito vermelho, esperando-me impaciente. Assim que me divisava começava a berrar brandindo o cacete: "Trouxeste vodka, pedaço de cão?"

E depois de sorvê-lo até a última gota dormia o sono agitado dos bêbados. Uma noite, Grunchinskaia, encontrou-me à beira do rio; acompanhava-a Julius, um rapazinho que ela recolhera. Vinha trazer-me alimento. Aquela tarde eu não conseguira sequer dinheiro para comprar bebida e Ivannochka me havia surrado muito. Grunchinskaia sentou-se a meu lado e seu corpo roçou no meu; ela era muito bonita, possuía grandes olhos castanhos, tinha a voz quente e bem modulada e as mãos particularmente macias.

Eu porém não toquei nos alimentos; creio mesmo, não lhe agradeci.

Aparentemente admirava a nudez da lua que se banhava...

— Dói ainda? — perguntou ela. — Contaram-me que o Perna de Pau teve um horrível acesso de fúria e te bateu a valer. Mas não fiques triste, anda daí, nem pareces homem!...

E destapando a panela: — Olha: sente só o cheiro: peixe frito com molho e pão branco. Sempre gostaste do peixe que se come em casa de Grunchinskaia, hein maroto? Que tens hoje? ha uma diferença em ti, o teu olhar vai tão longe. Não me ouves Dmitri? Estás doente? —

E sacudi-me apreensiva...

— Doente? Não, tiazinha... eu te explico: quando chegaste, cavalgava meu grande corcel branco. Repara: não vês sobre meus ombros um manto mais belo que o do tsar? Pô-lo do veludo azul da noite e marchetel-o de estrelas...

Ela, porém, abanou a cabeça, espantada... Pobre Grunchinskaia! Era uma boa mulher mas jamais percebeu que os buracos do meu capote enfeitavam minha farda e que meu lenço, quase sempre sujo, se transformava às vezes em plumas imaculadamente brancas. Jamais compreendeu que as equimoses de meu corpo, tornavam-se, pelo milagre da poesia, condecorações oferecidas pelos imperadores da China ou da Noruega...

E foi assim que das fases do dia fiz minhas vestes, dos sons da natureza compuz mil melodias, até que te encontrei para adorar em ti todas as paisagens sonhadas e todos os desejos insatisfeitos. Sonia Alexandrovna, todo homem deve ter um objetivo na vida. Por isso esta manhã, ao despertar na floresta, ouvindo no murmúrio do regato, na passagem do vento, nos derradeiros raios do sol de outono, o apelo do meu coração pelo teu ser, agradei a Deus, pela milésima vez, o ter dado a minha vida esta finalidade maravilhosa: servir-te e encontrar-me em ti mesma, porque tu, meu amor, és a Perfeição.

FIM

Estrelas baixaram à terra...



...e devido ao estranho sortilegio da Beleza transformaram-se nessas deliciosas criaturas que hoje pertencem ao cast da *Metro*:

Lana Turner que se apresenta como uma visão fabulosa do Oriente, num vestido rendado;

Susan Peters, a suave revelação de *Na noite do Passado* numa evocação de pureza e ternura;

Irene Dunne, espelhando a tranquilidade interior, numa combinação feliz em branco e azul claro que realça ainda mais o brilho eterno das perolas;

E, finalmente, Judy Garland, o rouxinol da *Metro*, que também se aprontou, e como!, para a temporada do *Metropolitan*.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

ARTE DECORATIVA



"Gamos numa floresta de pinheiros".
Chen Nan-Ping (China, Século XVIII).

Ao folhear o album de pinturas chinesas, que certo ex-amigo orientalista teve a gentileza de me oferecer, releio o comentário de René Grousset, conservador do Museu Cernuschi e especialista em arte do Extremo-Oriente. Diz êle: "A pintura chinesa, como a escultura grega, é uma das grandes realizações da história humana. Ambas traduzem ao atingirem as culminâncias da arte mais pura, as principais atitudes do espírito deante do enigma do Universo. Mas baseiam-se em pontos opostos porque se na escultura grega encontramos o antropomorfismo, isto é, a representação do divino em modelos de humanidade perfeita, na pintura chinesa, pelos contrário, o ser humano desaparece na Natureza, concebida como uma força misteriosa e onipresente."

Ambas são atestados de concepções antagônicas do Ocidente e do Oriente, o que vem depor a favor da tese de que a Arte reflete a filosofia sócio-religiosa dominante.

Quando observamos um marmore de Phídias ou Praxiteles dizemos: "o homem explica o Universo". Vamos mais longe ainda, pois analisando-o pelo acabamento perfeito, pela técnica impecável com que foi executado ou pela beleza de que se impregnou nos sentimentos deante da Perfeição. Esta, para Platão, reside em Deus. Logo Deus é explicado numa humanização perfeita, donde lembramos as palavras bíblicas.

"Deus creou o homem à sua semelhança". E damos assim ao Imensurável e a Incognoscível a medida de nossa razão. Consideramos tanto o mundo objetivo quanto a realidade metafísica, subordinada à nossa lógica. A consciência do "Ego", projeta-se ao mundo exterior, engloba-o, inquire, deduz e conclue, tomando-se a si mesma e às suas reações como base da pesquisa.

Na pintura chinesa, pelo contrário, é "a natureza que explica o homem".

Não é o "eu" do artista que envolve as cousas. Antes, ele é assimilado, englobado, integrado no Universo.

Não encontramos a divindade especificamente concretizada, porque todas as cousas e todos os seres estão impregnados dessa *força essencial* que promana do próprio Universo. Esta essência inerente às cousas e aos seres é que lhes permite o ajustamento total. O homem não absorve a natureza nem sintetiza o divino. Ele é algo que pertence ao meio e apenas um élo infinitamente pequeno e impermanente na eternidade do Tempo. Existirão sempre mutações e continuidade. Porisso ao analisarmos as velhas pinturas chinesas podemos encontrar perquirições do artista ante o misterio das origens, mas não lograremos obter uma conclusão afirmativa. Eis porque não percebemos a figura do homem dominando a paisagem. Nenhuma, em primeiro plano. Os monges e os sábios nas suas meditações "tema obrigado" assim como flores e animais) se integram de tal forma no ambiente que, dir-se-ia, se diluem na paisagem. Não teem, como na estética helena, as regras que, segundo Aristóteles, tornam perfeitas as obras de Arte. Nem cordenação, nem precisão, nem simetria. Para êles a perfeição não está no finito, ou no objetivo. Aliás, não afirma o próprio Okakura Kakuso, celebre esteta oriental, no

seu Livro de Chá, que a busca da perfeição é mais a bela que a própria Perfeição e que a beleza reside na assimetria e na renovação? Assim também pensavam os velhos mestres chineses que não delimitavam horizontes nem se utilizavam de traços fortes ou cores vivas. A linha cheia e o sombreado forte contornando ou dando relevo às figuras, emprestam às mesmas um testemunho de eternidade. E, se ninguém pode afirmar que o "que é" sempre "será", como eternizar algo mutável? Portanto, céu, terra e mar confundem-se, apenas esboçados.

No colorido suave não se deduzem imprecisões, gritos de dor ou de revolta, gemidos de lascivia nem exclamações de orgulho pela posse efêmera do Tempo. Nada. Ele conta apenas que, na contemplação dos monges e nas pesquisas dos sábios, nos olhos ternos dos gamos ou nas flores de lotus batidas pelo vento, existe humildade dos seres diante do poder da Vida. Essa é a realidade que se sobrepõe ao fundo indevassável, inescrevível — própria razão de ser do misticismo.

Contemplemos, por exemplo, a "Paisagem das montanhas com uma cascata e duas figuras de sábio", atribuída a Wou-Tao-Tseu (700-760). E que encontramos?

Ao fundo, esboçada, uma fantástica montanha. E, sem que se lhe possa identificar a origem, irrompe de um de seus flancos uma cachoeira; em saltos sucessivos, que lhe amortecem a queda final, cai sobre uma depressão formando um rio que ninguém sabe para onde vai.

"O que somos?" "Para onde iremos"? Parecem comentar as duas figuras de sábio, diminutas, microscópicas na grandesa do cenário.

Árvores gigantescas, inclinadas, aumentam a pequenez dos contemplativos, no plano inferior do desenho.

Acreditar-se-ia, pelas brumas do fundo, que estão sob a carícia do crepúsculo. Porém, diante do barulho da cascata, diante do vento que inclina as árvores, as respostas dos sábios às perguntas do indecifrável, são apagadas e suas vozes se perdem como melodias noturnas na vastidão das tundras.



"O poeta Tao Yuang Ming na montanha".
Tehao Meng-Fou (China, 1254-1322).

VELHAS PINTURAS CHINEZAS

Assim são todas as velhas pinturas do Oriente. Os mestres chineses não se preocupam com os detalhes, mas a sutileza que flutua nas brumas revela a pré-ciência do infinito. Tanto a minudência helênica como o "inacabado" oriental são manifestações do Belo, puro e eterno. Cada qual fruto de diferentes concepções estéticas. Entretanto ao contempla-los sentimos provavelmente a mesma emoção sentida por Yung, quando afirmou: "A Arte contenta-se em ser bela". Não é verdade, meu ex-amigo orientalista?

NOTA: — No próximo numero, inspirando-se nesses motivos, o nosso desenhista apresentará, devidamente adaptadas, as paisagens chinesas (para bordado ou pintura sobre selim) próprios para a confecção desses biombos artísticos, vendidos por preços tão elevados nas grandes casas especializadas em decoração de interiores.



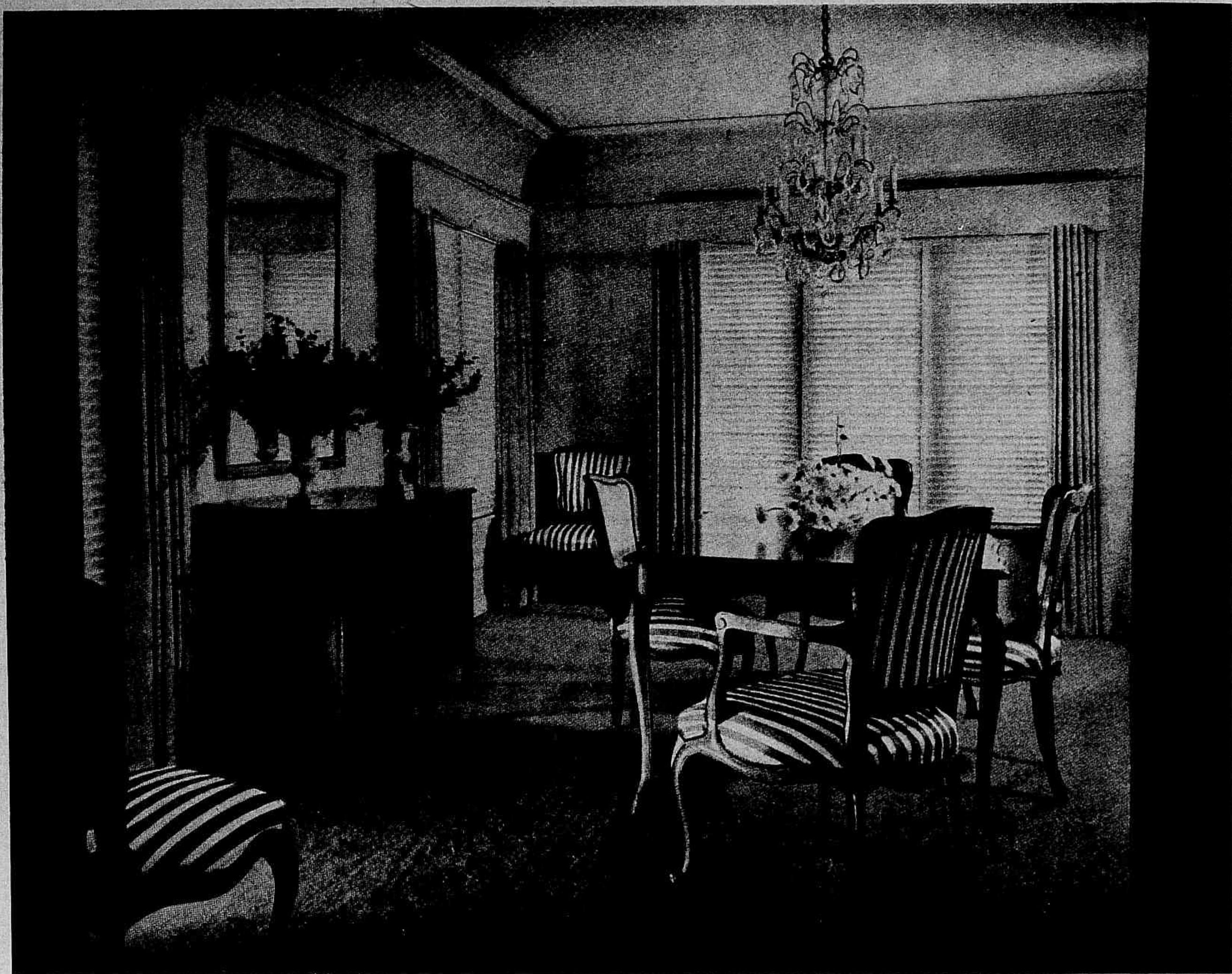
Paisagem de montanhas com uma cascata e duas figuras de sábio.
Wou Tao-Tsen (China, 700-760).



Garça das neves sobre um galho coberto de geada".
Sin-Hi (China, Século X).



"Caçador voltando à sua casa, na neve". — Li Ti (China, 1130-1180).



«Living-Room»

Neste recanto de "living-room" os nossos leitores encontrarão um belo modelo para a ornamentação de sua residência. Não basta, porém, á beleza de um "living-room", a linha perfeita dos móveis e a delicadeza dos lustres; ao contrário, o fator primordial da boa aparência do aposento é justamente a harmonia no arranjo do mobiliário e dos objetos de arte, que, como no modelo que apresentamos, devem ser dispostos de modo a ocuparem os lugares que maior destaque lhes deem.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

O conto estrangeiro

O PRUSSIANO DE BELISÁRIO

conto de ALPHONSE DAUDET

Ouvi contar este caso, há dias, num botequim de Montmartre. Para dignamente o repetir, falta-me o vocabulário popular e pitoresco do mestre marceneiro Belisário; falta-me o seu avental de trabalho e dois ou três copos do belo vinho branco de Montmartre, capaz de fazer qualquer forasteiro, um marselhês até, exprimir-se como um autêntico operário parisiense. Só assim conseguiria transmitir-vos o arrepiro que me passou nas veias e na alma ao ouvir esta verídica história.

“Foi no dia seguinte à anistia (Belisário queria dizer armistício). Minha mulher resolvera mandar-me, com o pequeno, dar uma volta por Villeneuve-la-Gareune, por causa duma biboca que lá tínhamos à beira d’água e da qual nada sabíamos desde o princípio do cerco. Por mim, não levaria o garoto. Ia-me encontrar de cara com os Prussianos e, como ainda não vira nenhum de perto, receava não me conter e fazer alguma asneira. A patroa, porém, meteu o pé na lama:

— Não, senhor! Tens que levar o menino. Há cinco meses que ele não toma um pouco de ar puro e o passeio só lhe pode fazer bem.

Lá fomos os dois pelos campos fora. Talvez o garoto se alegrasse de ver que ainda havia árvores, pássaros, terras lavradas, sementeiras... Eu ia com o coração apertado. Só de encontrar pela estrada aqueles patifes de capacete com a ponta de metal ao alto... Do canal para lá não se via outra coisa. E insolentes!... Era preciso ter muita paciência para não lhes cair em cima. O que, porém, mais me danou, foi, chegando a Villeneuve, encontrar os nossos pobres jardins arrombados, espesinhados; as casas abertas, saqueadas; aqueles bandidos dentro dos nossos lares, chamando-se, com berros de alegria, dumas janelas para as outras, secando as camisolas de lã penduradas das nossas janelas, estendidas nas nossas varandas. Felizmente o pequeno ia a meu lado. Cada vez que o sangue me subia com mais força à cabeça, olhava para ele e uma voz me dizia cá dentro: “Calma, Belisário! Não vá acontecer alguma coisa a teu filho”. Compreendi então porque a mulher fizera tanta questão de eu o trazer comigo.

A casa ficava no outro extremo da localidade: a última à direita, no cais do Sena. Encontrei-a vazia como as outras. Nem um movel, nem um vidro. Apenas alguns molhos de palha na cozinha. E na lareira ardiam os restos da minha poltrona de repouso. Cheirava a Prussiano que tresandava, mas não me aparecia nenhum. De repente, pareceu-me que mexiam em alguma coisa no porão da casa. Tinha lá montado um banco de carpinteiro, para, aos domingos, se estivesse disposto, fazer um ou outro biscate. Disse ao pequeno que esperasse e descí, para ver do que se tratava.

Mal abro a porta, dou com um alma do diabo que se levanta dum monte de aparas, fardado e armado, e vem para mim, com os olhos esbugalhados de raiva, soltando pragas de que não entendo, está visto, uma só palavra. Além do mais, o sujeito tem mau acordar; porque, à primeira palavra com que tento explicar-me, avança, tirando o sabre. Vem-me uma coisa à cabeça. E’ o ódio que eu há uma hora continha e que sobe todo junto, de repente. Deito a mão a um sarrafo e casco-lh’o bem no alto da sinagoga. Logo à primeira, o brutamontes cambaleia, abate ao comprido no chão. Espero um momento, a ver se tenta levantar-se... Nada. Aproximo-me, apalpo. O desgraçado bateu o trinta e um!

Eu que nunca na vida tinha matado uma mosca, fiquei algum tempo assim, não sei como... Um belo rapagão, palavra, de barba loura enracolada como as fitas, quasi fios de madeira, que saem da plaina mais estreita. Olhando-o, sentia o coração apertado e um tremor nas pernas. De repente, o pequeno que de certo se aborrecia sozinho lá em cima, desatou a chamar a toda força:

— Papai! Papai!

Passavam agora Prussianos na estrada. Pelo postigo do porão eu lhes via as pernas fortes, os sabres à cinta. Veio-me esta idéia: “Se entram e descobrem isto, matam-me e ao menino também”. Foi quanto bastou para me acalmar. A toda a pressa, puxei o cadáver para debaixo do banco. Cobri-o de tudo o que apanhei à mão: táboas, aparas, serradura. E subindo, disse ao pequeno:

— Pronto! Vamos!

— Que foi, papai? Está tão branco e com os olhos tão...

— Não é nada. Vamos.

Garanto-lhes que, agora, podiam os bandidos olhar-me de pouco caso, esbarrar comigo, sem que eu protestasse. Tinha a impressão de ouvir brados de alarme, gente correndo atrás de nós... Um cavalo a galope nos alcançou; tive um medo horrível, apertei a mão do menino, como se já m’o fossem arrebatam. Mas o cavaleiro passou adiante, sem olhar para nós. Chegado à ponte, comecei a ficar senhor de mim. Em Saint-Denis havia muito pouco. Já não corríamos tanto o risco de ser descobertos, apanhados... Pensei então na biboca. Com certeza os Prussianos, em vingança, lhe deitariam fogo; e o meu vizinho Jacquot, guarda do cais, não escaparia de ser preso, interrogado, torturado, para explicar a morte daquele soldado tão perto da sua casa... Realmente, não era bonito da minha parte safar-me daquela maneira, deixando outro Francês na enascada...

Pelo menos, devia ter cuidado de dar sumiço ao cadáver. A medida que nos aproximávamos de Paris, mais esta idéia tomava conta de mim e mais me atormentava. Ao chegar ao baluarte, não agüentei mais:

— Vai indo adiante... disse ao garoto. — Preciso de ver uma coisa aqui, em Saint-Denis.

Abracéi-o; fiquei um momento vendo-o afastar-se; e voltei para trás. Sem dúvida o coração me batia um pouco; agora, porém, sem o filho ao lado, sentia-me com mais coragem. Entrei em Villeneuve, ao cair da noite. Ia caminhando, como vccês podem imaginar, de olhos bem abertos e ouvido à escuta. Tudo, porém, parecia em paz. Não sabiam ainda. O velho Jacquot lá estava, no posto do costume. Decididamente, não houvera novidade.

Entro em casa. Desço. Aproximo-me, apalpo... O Prussiano continua debaixo das aparas. Meto-me a um canto, esperando que as horas passem. Não sei se será por estar perto dum morto, mas, naquela noite, pareceu-me bem triste o toque de recolher dos Prussianos. As notas da corneta veem três a três: tátátá, tátátá... Dir-se-ia uma toada de sapos. Nunca os nossos soldados se deitariam ao som daquela música...

Durante cinco minutos ouvi o arrastar dos sabres, o atirar das portas. Depois, alguns soldados desataram a chamar, lá fora, no terreiro:

— Hofmann! Hofmann!

O pobre Hofmann estava bem quieto debaixo das aparas... Eu é que não cabia em mim de impaciência, de ansiedade. Tinha apanhado o sabre do morto e puzera-me em guarda, mas dizendo comigo: “Se escapas desta meu velho Belisário, ficarás devendo uma vela das maiores a São João Baptista de Belleville!”

Depois de muito chamarem sem que Hofmann lhes respondesse, os meus inquilinos conformaram-se com aquela ausência e entraram. Ouvi-lhes as botas caminhando pesadamente pelo soalho. Dalí a pouco, porém, tudo na casa roncava como a compasso, a relógio. Era o que eu esperava para sair.

Fui acima, espreitar. A estrada estava deserta, as casas apagadas. Tudo ia bem. Desci à pressa. Tirei o meu Hofmann de debaixo do banco, endireitei-o em pé, tomei-o às costas, como um saco de carregador... Como pesava, o malandro! E o meu cansaço... e sem meter nada na boca desde manhã cedo... Julguei que me faltassem as forças antes de chegar. De repente, pareceu-me que vinha alguém atrás de mim... Voltei-me. Ninguém. A lua começava a aparecer. E eu dizia comigo: “Daquí a pouco, as sentinelas me avistam, fazem fogo...”

Para me atrapaalhar ainda mais, o Sena estava baixo. Se eu atirasse o corpo, ficaria ali mesmo, na lama. Entrei na água. Pouco pé, muito pouco... Avancei, a água continuava baixíssima. Começava a sentir caimbras nas pernas. Deitei o corpo assim mesmo e comecei a empurrá-lo com jeito, a ver se boiava. Não havia meio. Era de perder a cabeça! Por felicidade, levantou-se um ventinho esperto de este. A água ondeia, o corpo oscila, boia, desliza devagarinho... Boa viagem! Com as mãos em concha, bebo uma quantidade de água e subo rapidamente para a margem...

Ao passar, mais uma vez, na ponte de Villeneuve, notei uma coisa escura no meio do Sena. Assim de longe, parecia um bote pequeno. Era o meu Prussiano que descia para o lado de Argenteuil, à mercê da corrente.



O "my day" de

NUMA INTERPRETAÇÃO DA
CRONISTA DA "REVISTA DA
SEMANA"

Fotos gentilmente cedidos pela
UNIVERSAL

Pela manhã nada melhor
que um bom exercício. Seja
qual for: ginástica, ténis, ci-
clismo, equitação, etc... Quan-
do não faz muito frio, um
mergulho na piscina é deli-
cioso. A vida ao ar livre
é muito interessante e cada
vez louvo mais a idéia que
tivemos de comprar um ran-
cho. Reparem como adquiri
melhor aspecto e depois...
tenho um apetite!



Bem, uma reforma nos cha-
péus seria ótimo. Isso não
quer dizer que eu seja pão-
duro ou convencida de ser
grande chapeleira. Mas se
disponho de tempo, alguma
habilidade e sei confeccionar
chapéus porque não fazê-los,
quando a querida Eleanor
Roosevelt vive preconizando
economia, agora que o país
está em guerra?



Está na hora "dele"
voltar. Preciso cuidar
bem da minha pes-
soa. A gente deve
causar sempre, no ser
amado, uma impres-
são de juventude e
bom gosto. Vocês, que
estão bisbilhotando a
minha vida, gostaram
do modelo?

Deanna



'A noite teremos reunião para o jantar. Na certa virão Irene, Vera Maxwell e Omar Kiam. Eles são tão exigentes que, para não desmerecer no conceito geral, vestirei meu novo modelo de rayon branco. E agora,' muito boa-noite, gente indiscreta.



De tal? Não ficou bonitinho?
O modelo é da minha bisavó.



2) — Sim, senhores, que apetite! Lá na UNIVERSAL ainda não sabem disso. Rio-me ao pensar o que vão dizer quando souberem. Com certeza será mais ou menos assim:
"D. Deanna, a senhora está abusando muito. Lembre-se que a gordura é o eterno fantasma de muitas estrelas!"
Mas não é o meu, ora essa! Por isso, como. E francamente, é tão gostosa a comidinha que eu mesma faço!

DESFILE DE MODELOS



CASACOS

*Agora que o frio está se fazendo sentir mais fortemente aproveitamos o ensejo para apresentar as últimas criações de: Saks, em linda combinação vermelho coral e azul bandeira, Henri Bendel e Bonwit Teller.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME ELOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Pode enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDEREÇO _____

FRISOL DO VENTILAR
Pilhas
ALOICAS
CINCO ANOS DE EXPERIENCIA

Chapéus para Madame



Segundo a opinião de Winifred Spear, esses modelos representam o que há de mais original em chapéus. Aliás são a última palavra de Helen Liebert e Macy. Esperamos, pois, que você também compartilhe da opinião de Winifred.

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**

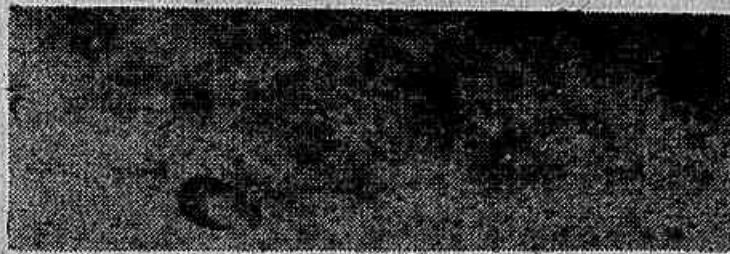


**DÔRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL



Sugestões para o seu week-end



SENHORA:

CONSERVE A SUA PÉLE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.





Para onde você for, praia, montanha ou planície, encontrará nesses modelos *made in Hollywood* fontes de inspiração para a sua elegância. Para o campo, por exemplo, veja o vestido que a noivinha da *Universal*, Grace Mc. Donald, oferece.

E que dizer do *short em pois* com que a graciosa Dorothy Morris da *Metro* aparece cumprimentando o seu *collie* predileto.

Quanto à linda Janet Blair, da *Columbia*, é assim que vai às compras desde que *Uncle Sam*, tão vigilante e econômico na guerra como despreendido e alegre na paz, racionou a gasolina.

Isso porem nem preocupa a astuciosa Evelyn Keyes da *Universal*. Em Miami automoveis não se contam e qual é o milionário que não a segue quando ela passa com esse modelo tropical e praieiro?



Tem caspa? Queda de cabelos? Já usou tudo? Experimente agora a LOÇÃO NORDISKA.

NORDISKA

TONICO DE AMENDOAS. A ultima criação para a beleza da Mulher. LEITE ANTI-EFELICO. Infalível com as imperfeições do rosto.

Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS • CINTOS • CARTEIRAS
R. CARIOCA 63 - T. 22-2946
OS MELHORES ARTIGOS - PREÇOS MENORES

MASSAS, MAYONNAISES E MÔLHOS...

Mlle. Savarin

RECEITAS

MASSA PARA PASTEIS: —

Sobre uma mesa de amassar ponha 3 chicaras de farinha. Abra uma cova na farinha e jogue dentro uma gema, uma colher de gordura e sal. Misture bem estes ingredientes e logo depois vá juntando água morna e misturando tudo até ligar. Amasse bastante e depois descance envolta em pano úmido.

MASSA CANE: —

Tome uma batata pequena, cosinhe e passe pelo espremedor. Adicione um copo e meio de leite, misturado com uma colher de farinha de trigo, sal e duas gemas.

Leve ao fogo mexendo sempre. Ao retirar junte as claras em neve com duas colheres de queijo ralado. Passe esta massa no que desejar e frite.

MAYONAISE DE GALINHA OU FRANGO:

Leve a cozinhar em água, sal e cheiro, meia galinha. Logo depois de cozida, retire da panela e separe toda a carne dos ossos. Desfie ou parta em pedaços. Cozinhe cenouras e tire bolinhas com o cortador próprio. Escalde meia lata de *petit-pois* e meia lata de palmito.

Faça a seguinte arrumação: misture um pouco da "Mayonaise" com o frango.

Coloque no centro de um prato. Ao redor ponha alface muito fininha e já temperada com azeite e vinagre. Faça um cordão grosso com *mayonaise*, por cima deste as cenouras



espetadas e ao lado o *petit-pois*. Termine com palmito formando xadrez.

COMO FAZER MAYONAISE ESPANHOLA (molho):

Por uma peneira passe um pedacinho de pão prove-niente e miolo de meio pão, já antes amolecido em leite, esmague bem um dente de alho com sal e pimenta e junte tudo. Junte uma gema cozida, uma gema crua e aos poucos vá pingando azeite, até uma quantidade de $\frac{3}{4}$ de copo. Condimente com limão e sirva.

MOLHO DE MAYONAISE (com gema crua)

Bata bem 1 gema crua com 1 colher de chá de sal. Gota a gota pingue $\frac{1}{2}$ copo de azeite puro e do melhor. Use uma colher de vinagre para temperar.

MAYONAISE DE SIRI E PALMITO:

Com bastante água e sal cozinhe alguns siris. Retire com auxílio de um palito, toda a carne. Junte palmito e cebola picadinha. Misture com *mayonaise*. Enfeite com ovos cozidos e agrião.

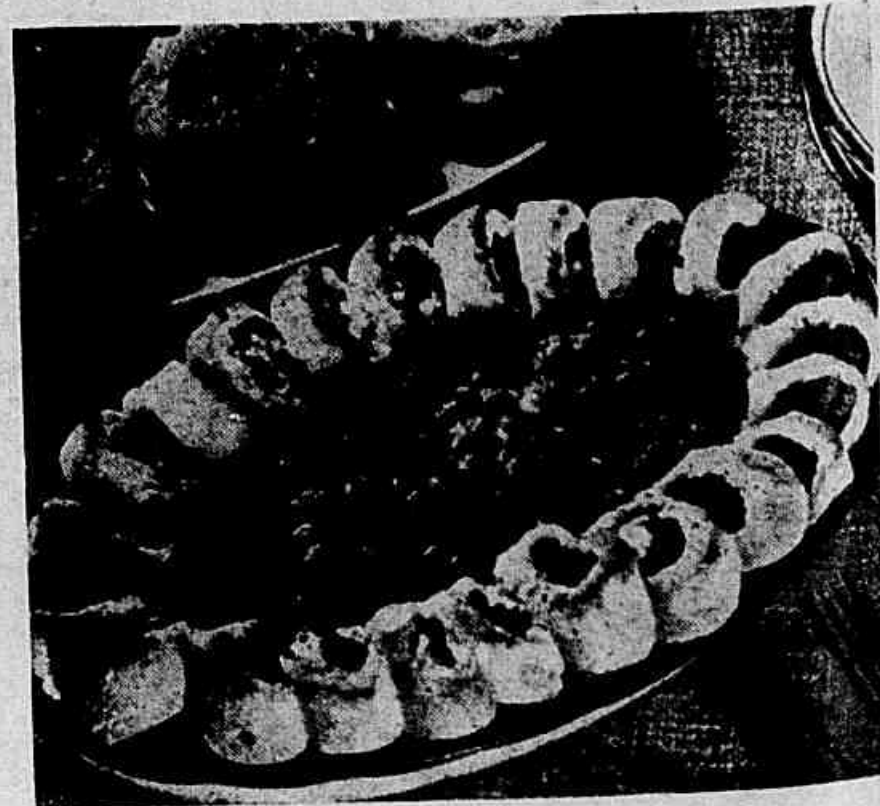
MOLHOS:

Molho branco —

Ingredientes:

1 colher de farinha;
1 colher de manteiga;
1 chicara de caldo de carne, sal e noz-moscada.

A manteiga leva-se para derreter no fogo, juntam-se-lhe a farinha e o caldo de carne. Põe-se sal e deixa-se cozinhar tudo em fogo brando durante 15 minutos. Junta-se então um pouco de noz-moscada. Pode-se melhorar este molho, juntando-se um pouco de nata. O molho branco póde ser servido com os mais variados pratos.



Ideal para
CRIANÇAS!



CABE à mãe ensinar seu filho a usar diariamente um dentífrico adequado para a higiene bucal, a conservação perfeita dos dentes, com o seu brilho e o fortalecimento das gengivas. Prefira PYOTYL, porque é o mais completo dentífrico: quem o usa a primeira vez, jamais o substituirá por outro.

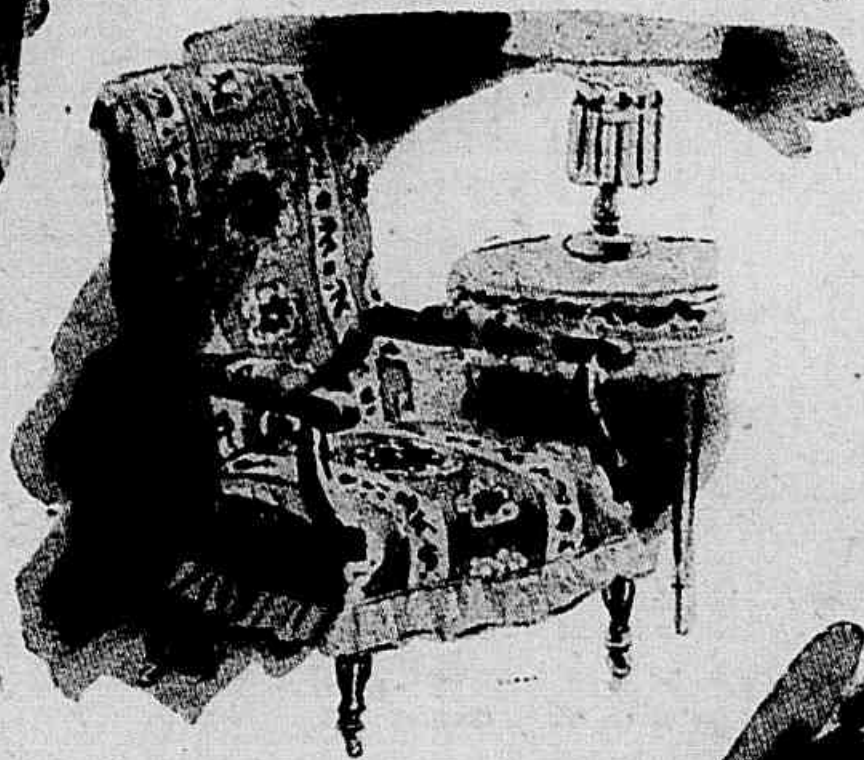
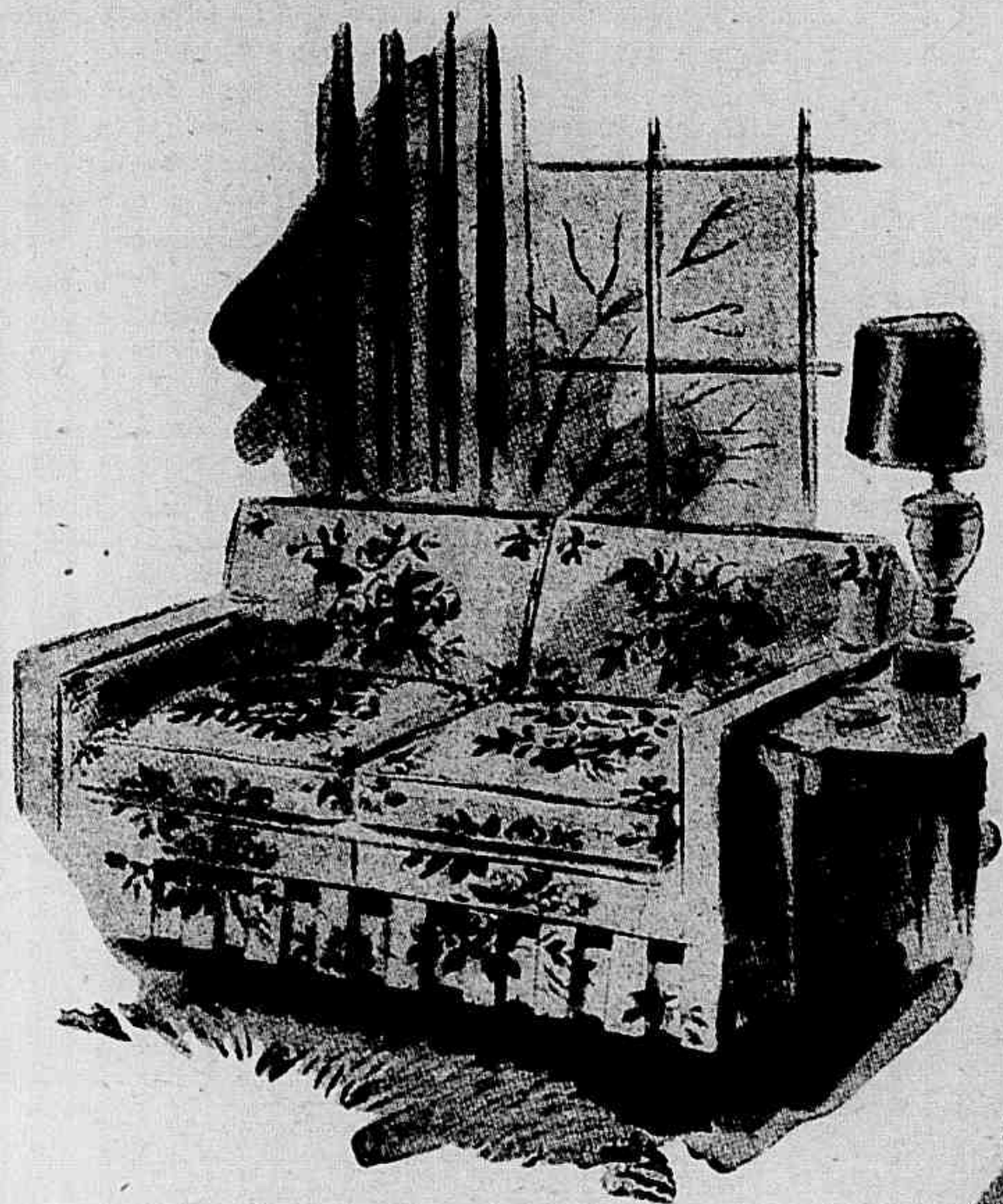
PYOTYL

"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentífrico mais completo
Creme Dental e Líquido

Em todas as boas Farmácias e Drogarias

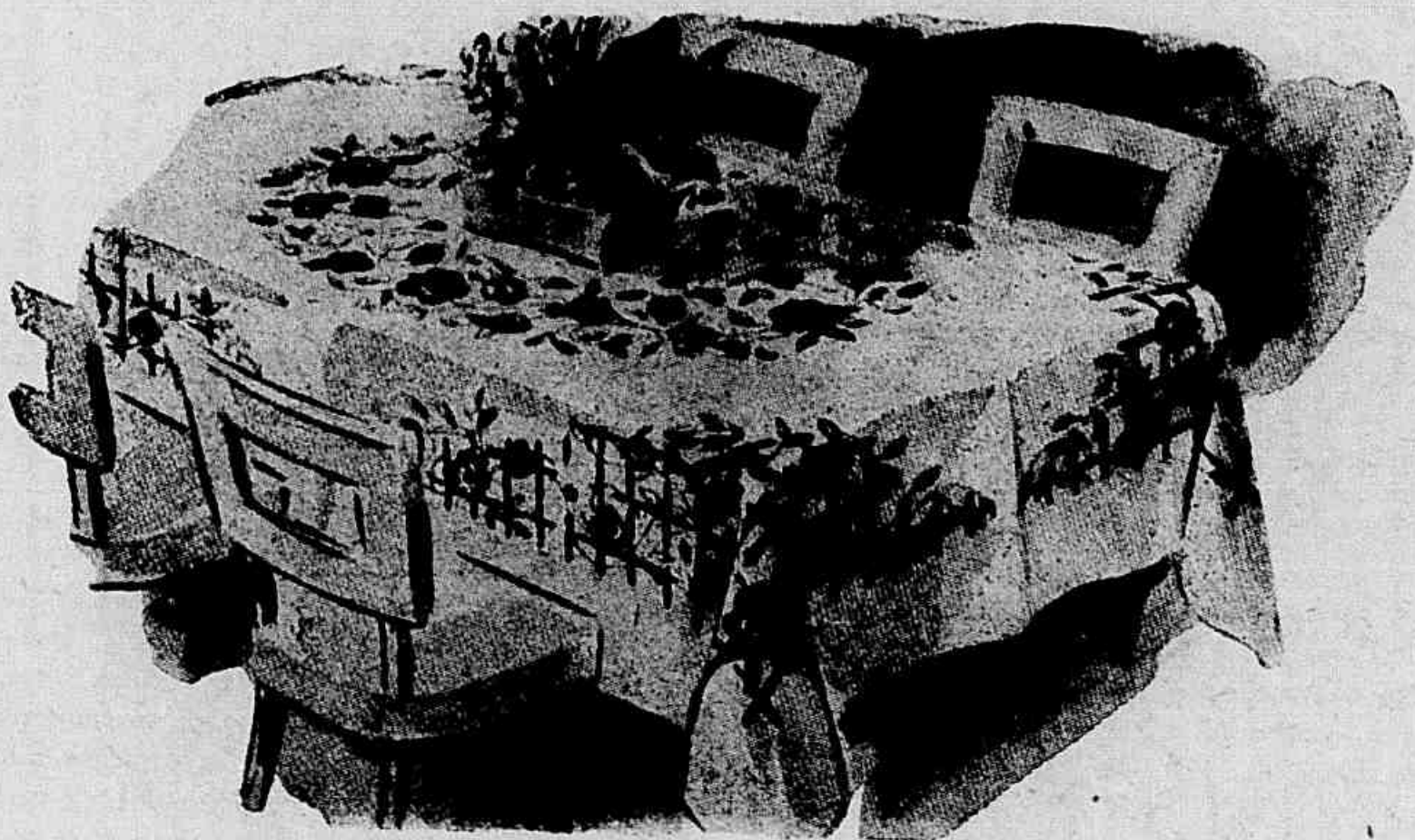
TORNE SEU LAR UM MUNDO MARAVILHOSO



AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Nos Estados Unidos, Lord & Taylor, com um espirito eminentemente pratico resolveram o problema.

Aqui no Brasil, entretanto, as mulheres parecem ter mais tempo. E gostam de aproveitá-lo confeccionando os ornamentos para o lar. Eis porque oferecemos exemplos de decorações interessantes e baratissimas que transformam qualquer *home* num autêntico *sweet home*. Bastam apenas, um alegre estampado, agulha, linha e... boa vontade.



MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruario anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo tambem em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruario anexo à fábrica.

Morte no vestiário

(Continuação da pag. 9)

— Cincoenta pessoas podem testemunhar. Por uma vez na minha vida — murmurou Caplin, uma expressão selvagem e surpreendida tomando-lhe os olhos — por uma vez na minha vida estou limpo quando houve um negócio sujo. E um negócio destes. Desta espécie!

— Perfeitamente — concordou uma nova voz. — Desta espécie.

A voz era do coronel March. Os noventa quilos do coronel March encheram a porta. Tinha os polegares metidos na cava do colete branco; estava brando como sempre, mas o olhar tinha um lampejo de malícia.

— Alô, polícia, — observou Tony Caplin, sem ar de ofensa.

— Boa noite, — disse o coronel March.

— Veiu nos agarrar?

— Não — disse o coronel March com ar sério. — Telefonei para a estação do distrito. Eles tomarão conta do caso. Eu vim para dismantelar a sua mais recente e acho que a mais ingênua de suas arapucas.

— Não compreendo — disse Caplin vivamente.

O coronel March observou-o atentamente. Atrás daquela formidável fachada havia uma certa admiração.

— Meu bom Anthony — disse ele — você é um gênio! Você não usa revólver. Não usa entorpecentes. Não precisa sequer dum guarda-costas. Sua arma é a psicologia. — O sorriso tornou-se-lhe mais largo e mais sinistro. — Toda vez que o Clube do Oriente abre, o que ele faz frequentemente, você tem uma nova artimanha para tomar o dinheiro dos incautos. Paris e New York servem de testemunha. Você é sutil demais, mas conta com uma verdadeira joia. Gastei vários dias com uma toalha molhada na cabeça para descobrir o que era.

— Oh?

— Sim. Bater carteiras em estilo futurista. Bate carteiras dum modo que o freguez nem mesmo sabe que foi roubado.

Como por acaso, o coronel March se adiantou e contemplou o cadáver de Francine Rapport. Não pareceu preocupar-se com aquilo. Continuou a falar, sem olhar para Caplin nem para a moça.

— Não se trata duma surripiação vulgar — afirmou. — Isso é muito perigoso. Todos os fregueses dos clubes noturnos tomam um *drink*; alguns se servem mesmo dum número tolerável de *drinks*; outros ainda (eu acho que o fato é bem conhecido) tomam um bocão de mais. Assim haveria muitas brigas se a trama fosse descoberta, uma vez que fosse. E uma epidemia de brigas semelhantes deixaria o Clube do Oriente em muito má situação perante seus fregueses. Mas há um meio melhor.

Ora, um homem com um bom número de *drinks* no estômago raramente se lembra ao certo de quanto dinheiro tinha na carteira. Quando faz as contas no fim da noite e acha três ou cinco libras menos do que esperava, fica simplesmente pensando que as tenha gasto. Tal qual nós todos fazemos. Certamente ele não vai pensar nunca que a carteira lhe foi batida: para isso a carteira está no bolso. Mas, foi, sim; batida e destramente devolvida, aliviada de quanto o Clube do Oriente achasse poderia ser surripiado sem se perceber. O método é sem perigo, e muito e quasi impossível de descobrir. Mas a receita ao fim da semana deve ser enorme. Mr. Caplin, apresento-lhe meus cumprimentos.

Houve uma pausa. Jim Matthews não pôde ler o que ia na face de Caplin.

— Ele ficou louco — disse Caplin com ar crítico.

— Não creio que você possa provar o que está dizendo.

O coronel March voltou-se da mesa do toucador.

— Temo que não — concordou ele. — Justamente quando estamos tentando obter uma prova, esta jovem se meteu no meio.

— Portanto — disse a moça de branco — o senhor pensa que eu sou uma batedora de carteiras.

— Não — disse o coronel March. — Penso que agora sei quem a senhora seja, embora não censure Matthews por se ter enganado. Seu nome é provavelmente Joan Forsythe. A senhora vive em Kensington, num endereço que no momento não posso lembrar, e tem um irmão no serviço diplomático. Desconfio também que sei o que a senhora andava fazendo com essa carteira.

A pôs-se de pé de golpe:

— A senhora não a tirou de ninguém — disse-lhe ele secamente. — Ao contrário, estava procurando entre-

gá-la a alguém. A Mr. Caplin, efetivamente. Matthews, você poderia contar-me exatamente o que se passou aqui?

A cara tornou-se-lhe sardônica, enquanto Matthews explicava. Ele tomou a carteira e a susteve diante da moça.

— Ah, sim. Compreendo. Ela contém o dinheiro da chantagem que Caplin e Rapport queriam fazer com seu irmão, por causa daquele caso com Miss Rapport. Puxa, que nota de recordação! A senhora tinha instruções para entregar o dinheiro a Caplin em público, na presença de testemunhas, numa carteira e com as palavras explicativas — "Esta carteira é sua, não é?" A senhora saiu para entregar-lhe a carteira no estrado da orquestra; mas, no último instante, ficou nervosa e correu a entregá-la a Miss Rapport.

— Este é outro jogo que eles usam — acrescentou o coronel March tristemente: — Um que já experimentaram em Paris.

Caplin havia recuperado toda a sua energia e fanfarronada. Os olhos estavam ainda um pouco desvaídos, como os de um ator que representou um papel exaustivo. Não pareceu, porém, ofender-se; apenas sacudiu a cabeça, com ceticismo.

— Você está indo muito ligeiro, meu amigo, — sugeriu. — Você poderia complicar-se, falando deste jeito, bem sabe. Eu não sei a respeito de que é que você está falando. Mas é comingo que está falando?

— Pois não é? — disse a moça entre dentes.

Por um segundo ou dois ela não pareceu saber se devia sentir alívio, raiva ou um desespero ainda maior. Mas foi um deslize daquela sólida determinação que mostrava por baixo uma criatura muito humana e um pouco petulante.

— O senhor esteve com Tommy — disse ela ao coronel March.

— Não foi bem isso, Miss Forsythe. Ele velu procurar-nos à semana passada; depois perdeu a cabeça e se recusou a preparar uma armadilha. Não poderíamos fazer nada a esse respeito.

— Bem, que poderia eu fazer mais? Eu tinha que conseguir essas cartas que Tommy escreveu a ela. Isso não valeria dois níqueis, se Tommy não estivesse na diplomacia. Mas ele tem uma esplendida oportunidade; será designado para Paris ou Roma, se nada acontecer. Ele não faria nada por si e eu... bem eu...

— Olhe aqui, — murmurou Jim Matthews. — Eu penso ter feito de novo um papel de idiota. Sinto muito.

— Porque o senhor haveria de sentir muito? — perguntou Joan Forsythe. — O senhor pode não ter apanhado uma batedora de carteiras. Mas, quem sabe se não apanhou uma assassina? Olhe ali. Olhe para a mão dela. Veja aquele pedaço de papel, assinado pelo seu adorado Tommy. Foi rasgado de uma das cartas de meu irmão; e nosso maravilhoso Mr. Caplin sabe disso tão bem quanto eu.

— Eu não sei o que Francine andava fazendo — disse Caplin. — Quer dizer, a respeito de cartas. Se ela queria vender algumas cartas isso era lá com ela. Mas, se havia cartas, onde estão elas agora?

O coronel encarou a questão com muita serenidade. Novamente se curvou para espiar a carta, abrindo os dedos de maneira a poder olhar ao mesmo tempo a palma das mãos, macia e suave. A mão e o braço pareciam interessar-lhe tanto quanto o fragmento de papel.

— Bem, Miss Forsythe — perguntou ele por cima do ombro. — A senhora apanhou as cartas?

— Não, não, não! Eu lhe disse antes... eu disse ao senhor — apelou para Jim — que ela estava morta quando cheguei aqui. Em suma, não demorei aqui mais de meio minuto. Não tirei nenhuma carta. Podem revistar-me se quiserem. Ele, tinha as cartas. Provavelmente ainda as tem.

— Nunca tive carta nenhuma — disse Caplin.

Joan Forsythe tomou coragem. Olhou para Caplin duma maneira curiosa; e se pôs a falar num tom diferente, destacado, indagador.

— Na verdade — disse ela — você é um traste bem ruim.

— Pode ser — anuiu Caplin francamente. — Nenhum de nós é perfeito, nem mesmo a senhora. Mas, veja, Miss Fulana, você está numa enrascada. Para seu próprio bem você devia compreender isso. Uma enrascada dos diabos. E, vamos falar honestamente, você não deveria ter uma língua tão fácil para acusar os outros. Quanto a mim, absolutamente não estou complicado. Eu não matei esta pobrezinha; não poderia tê-la assassi-

nado. Os próprios policiais lhe dirão que eu não sai de junto da orquestra um só minuto.

A moça apelou para o coronel March. — E' verdade?

— A pura verdade, Miss Forsythe.

— Está vendo? — disse Caplin.

— Não, não estou vendo — respondeu Joan Forsythe na mesma voz intrigada. Fez um gesto. — O que não posso deixar de sentir é a sordidez de tudo isto. Não tem nada de brande, nem de terrível, nem mesmo de trágico. Apenas parece imundo e ordinário. Meu irmão não é nenhuma criatura perseguida por uma porção de crimes tremendos. Mas, justamente porque não pode meter-se num escândalo e perde a cabeça e procede com esta mulher como um idiota, todos se preparam para arrancar-lhe dinheiro. Essa gente está de tal modo acostumada a viver à custa dos outros que não vê nisso nada de mais. Apenas nos dizem, dum modo surpreendido: "Bem, naturalmente você precisa pagar-nos pelo que sabemos, portanto trate de pagar e deixe de bobagens".

— Tomou um profundo hausto. — Talvez estejam certos. Não sei. O que sei é que nos custou toda espécie de sacrifício arranjarmos este dinheiro. Deve haver um bando de pobres loucos como nós. Não sei se os senhores acreditam no que este homem está dizendo; mas parece que sim. Seja o que for que pretendam fazer de mim, haverá no fim um grande escândalo; e o pobre Tommy embrulhado. Os espertos do mundo sabem como se arranjarão direito, não é mesmo?

— Acho que não, Miss Forsythe — disse o coronel March.

E todos olharam para ele.

A repentina tranquilidade reinante no Clube do Oriente, uma espécie de transe de quietação, chegava além do vestiário. A música da orquestra, depois de hesitar um pouco, havia parado de todo. O murmúrio de vozes do salão, depois de se elevar repentinamente, amortecera; e Jim Matthews sabia por que era aquilo. A multidão vira uniformes de policiais na porta da rua.

Mas o coronel March, de braços cruzados, não pareceu prestar atenção.

— Você, aí — disse ele vivamente, voltando a cabeça para a porta. — Paula, creio que é esse seu nome. A criada. Venha cá, faça favor.

Paula obedeceu. Entrou como um gato: não em linha reta, mas contornando o portal. Embora não parecesse nervosa, havia um desafio nos seus olhos redondos.

— Paula, repetiu o coronel March. — Paula, Paula. Será que eu não a vi antes?

A resposta foi desfechada rapidamente.

— Pode ser que sim, Eu estive no Clube do Chapeu de Flandres, dois, três anos. E no Odaliska, durante seis meses.

— Eu nunca estive no Clube do Chapeu de Flandres. Não: eu não a teria visto mais recentemente?

Paula ergueu os ombros.

— Bem, vamos deixar isso, — disse o coronel March numa voz curiosa: — Quantos vestiários há aqui, pode dizer-me?

— Dois, além deste, *sir*.

— Algum outro camarim dá para o lado do de Miss Rapport?

— Não.

— E as pequenas, quero dizer, as moças que dançam, mudam de roupa nesses camarins?

Caplin estava a ponto de intervir; mas Paula, conservando os olhos abertos e hipnóticos, falou antes dele. — Não. Do outro lado. Miss Rapport não consentiria.

— A que horas você viu Miss Rapport viva pela última vez?

Paula agarrou-se com sofreguidão a essa pergunta. — Eu passeio por ela, quando ela saía do salão, aí está. Ela me deu um recado para Mr. Caplin.

— Portanto você também tem o seu alibi. Apenas uma coisa mais, — observou o coronel March, com uma súbita delicadeza. — Nós viemos aqui em procura dum batedor de carteiras muito périto. Por conseguinte, podemos perfeitamente agir. Deixe-me ver suas mãos, sim?

— Minhas mãos?

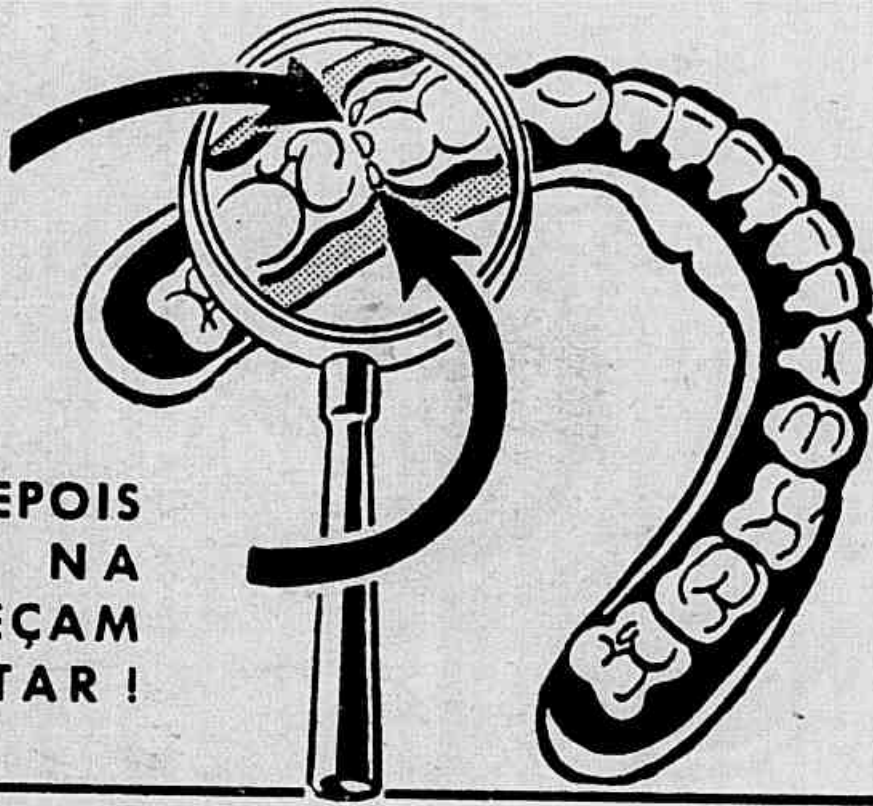
— As duas mãos.

Ela hesitou, lançando um olhar de relance a Caplin; mas, estendeu as mãos.

— Se — disse Caplin — vocês disserem que Polly tem qualquer coisa com a morte de Francine, estão enganados. Cincoenta testemunhas podem provar isso. Ela esteve no salão de dança todo o tempo. E se disserem que ela é uma batedora de carteiras, estão completamente fora de senso. — Depois soltou um berro. — Que é

CUIDADO!
Aqui
atacam os
micróbios!

2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pôde penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

que vocês pensariam achar nas mãos dela, afinal? Cera de abelhas?

— Não — disse o coronel March. — Apenas óleo. E você tem toda a razão: ela esteve no salão de dança, o tempo todo.

Paula retirou a mão, como se tivesse sido queimada. Mas o coronel March ainda a manteve gentilmente pelo braço; e não a deixou sair.

— Nós tínhamos notado várias coisas em Francine Rapport — continuou ele. — Ela executou sua dança javanesa num foco de luz azul e com o rosto tão escondido por uma grotesca máscara de tinta que ninguém poderia reconhecê-la. Mas, reparem na cor da pele dela; e a comparem com a de Paula. Reparem na figura dela; e a comparem com a de Paula. Paula esteve todo o tempo no salão de dança. Ela esteve no salão, representando Francine na dança do templo, enquanto Francine estava morta neste quarto. E se você não quiser também ser acusada de assassina, minha cara senhora — fez ele obrigando Paula, que estava aos gritos, a encará-la — é melhor admitir que seu amigo Caplin apunhalou Rapport com a tesoura, pouco tempo antes da hora em que ela deveria sair para dançar.

Tony Caplin tentou arrancá-la do coronel March e injetou-lhe ânimo. Ela porém era má cúmplice. Antes do inspetor detetive divisionário chegar ao camarim, havia feito dupla acusação.

— O truque — dizia depois o coronel March a Joan Forsythe e Matthews — era bastante simples; e bem fácil de realizar sem obstáculos. Nosso engenhoso Mr. Caplin, que pensava ser merecedor de todas as coisas da vida, estava saturado de Francine. Ele era um estorvo. Estava ficando velha. Queria dinheiro demais. Por conseguinte a sócia deveria ser eliminada.

Foi fácil treinar Paula na rotina da dança, como ele treinara Francine. Foi fácil conseguir a substituição: não havia outras turmas de cabaret no Clube do Oriente e ninguém poderia chegar próximo daqueles vestiários. Paula tinha de ser vista, por certo, apenas com o **make-up**, o turbante escondendo-lhe os cabelos e aquela penumbra disfarçando o foco de luz azul. Não poderia ser olhada de muito perto. Quando Francine acabava justamente de se vestir para a dança, Caplin apunhalou-a, enquanto Paula envergava uma duplicata das vestes num camarim vizinho e vazio.

Paula saiu, fechou a porta do camarim de Francine de modo que ninguém pudesse descobrir o corpo muito antes de tempo, levou a chave consigo e foi dançar. Depois regressou, abriu a porta, meteu-se nas roupas comuns e estava pronta a aparecer dentro de poucos minutos. Todo esse tempo, naturalmente, Caplin esteve preparando um alibi inexpugnável. Tudo isso era o desígnio de todo o esquema; e implicava também num alibi para Paula. Caplin estava pronto a jurar que ela estava perto dele, caso alguém a interrogasse.

Eles não se importariam muito em saber quem achava o corpo. Mas estou certo de que nunca pensaram que agora o fosse descobrir, Miss Forsythe. Ao contrário, ela deve ter se sentido muito mal, quando a senhora se aproximou e lhe entregou as mil libras. Depois, a polícia ali, ele mal poderia reclamá-lo quando, um malfadado engano, caísse uma suspeita sobre a obra. Ele nunca pensou que aquele retalho de papéis fosse achado no punho da vítima. Pediu as cartas a ela, apunhalou-a na hora em que ela as apanhava e deixou de sândalo e infelizmente as tirou das mãos dela

multo depressa demais. Portanto, tinha que atacar a senhora, para se defender.

O coronel March olhou ao longe, contemplativamente.

— Desde que nós achamos as cartas com Caplin, elas não trarão nenhum transtorno ao futuro de seu irmão. Mas eu lhe digo que em momento algum a senhora esteve em qualquer perigo sério. Estava claro desde o princípio que tinha havido uma substituição de identidade...

— Desde o princípio? — perguntou Joan Forsythe. — Mas como?

— Isto era o que eu gostaria de saber, **sir**. — anuiu Jim Matthews, com um certo mau humor. E olhou para a moça que começou a rir.

— Eles esqueceram o óleo — disse o coronel March.

PERFIS

MAGGY ROUFF

Maggy Rouff parece-se com seus modelos. Ou antes, seus modelos se parecem com ela.

As mesmas silhuêtas finas e elegantes.

As mesmas linhas de ombros impecáveis.

Maggy Rouff personifica a discreção. Tem horror às carreiras feitas com muito reclamo.

Nela e em casa dela tudo é gostoso e medido.

— Fujo do exêntrico. Procuro o original.

Essas palavras a descrevem.

— E' preciso, acrescenta ela que uma costureira seja apenas costureira, não faça chapéus...

Simples, um pouco altiva, Maggy Rouff é muito irônica. De suas estadias em New York, conservou o gosto do "humour" americano. Fez uma série de conferências em inglês e trouxe grande reportagem.

Detesta o "sport", aprecia moderadamente o cinema e nada conhece de música.

Tem duas filhas. A mais velha é a viscondessa de Dancourt.

— Se tive sucesso é porque sempre gostei de tricotar, de juntar cores.

Ela não procura o tipo definido da mulher, mas evoca um "ideal de chique" que daria em cada estação. E' uma mulher que faz "toilettes" antes de tudo femininas.

Ela vê com antecipação o vestido que quer fazer. Enquanto prepara sua coleção é uma máquina de fazer vestidos: tudo que então vê, ouve, sente, transforma-se em idéia para um vestido.

A "Maison Maggy Rouff" estava antes da guerra atual instalada nos "Champs Elysées". Grande edifício cubico. Longo corredor. Salões retangulares. A moldura é nitida, cheia de sol. Parêdes brancas, poltronas brancas, mesas de espelho. Cortinas azul noite. "Vendeuses" que trazem vestidos de sua escolha, e não uniformes em azul noite.

Num dos lados do retângulo, uma cortina. Uma porta. Três degraus cobertos de setim branco. Os manequins descem. São bonitas raparigas, bem equilibradas.

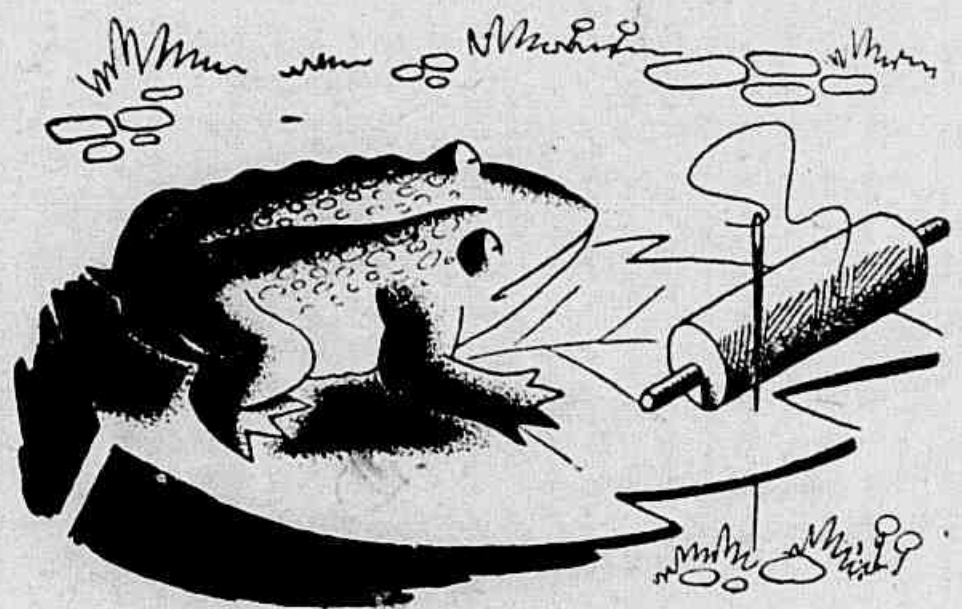
Nota: Maggy Rouff gosta de cores. Escolheu tons novos: um roxo que não se assemelha em nada ao

— Talvez vocês não tenham notado a camada de óleo passada em todos aqueles grandes ornamentos de metal, para lhes dar o brilho fosco e misterioso, em imitação à verdadeira dança do templo.

A dança consistia numa série de evoluções com as mãos e os braços da bailarina apertados contra o corpo ou roçando por ele. Nós vimos isso. As palmas das mãos de Francine e os braços deveriam ter uma camada de óleo, do atrito com os ornamentos. Mas não tinham: também vimos isso. Assim, tudo estava claro. Francine Rapport há muito tempo que executava essa dança. Ela não poderia ter esquecido a qualidade chamada tempo. No entanto, acabou a dança muito depressa, com a orquestra ainda em crescendo. Eu não sabia quem pudessem ser a bailarina. Mas nem de longe admiti que fosse Francine Rapport.

FAMOSAS RECEITAS DE AMOR

Inspirar paixão com um sapo!



PARA despertar amor nos homens e inspirar paixões violentas, a feiticeira recomendava: "Pegue-se num sapo preto, cuja boca se coserá com retroz preto. Depois, amarrem-se, um a um, os dedos do sapo, com fio de linha grossa, também preta, formando uma figura como a de um para-quedas..."

Nós não acreditamos. E você, é lógico, também não acredita que desse modo possa uma mulher conquistar homem algum! Mas uma receita de amor conhecemos que é usada pelas mulheres mais belas de 72 países e nunca falha. E a seguinte:

"A mulher que quiser atrair a atenção do homem amado, pega num Baton Colgate, passa-o suavemente

nos lábios e realça a sensualidade e o encanto de sua boca. Os toques mágicos do Baton Colgate despertam nos homens ânsias de beijos... porque o colorido vivo e provocante do Baton Colgate empresta aos lábios sugestões amorosas e torna as mulheres mais sedutoras". Use esta receita de amor, hoje mesmo! Ela tem feito a felicidade de muitas mulheres e pôde fazer também a sua! O Baton Colgate, importado da América do Norte, é feito com *Karanuva*, o supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha a sua tonalidade dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas!

BATON

COLGATE



Standard

reservado aos bispos; tonalidades muito apreciadas em 1890: cinza ferro, verde império, rosa antigo; tons

de madeira velha e de velhos vinhos, que são sempre novos.

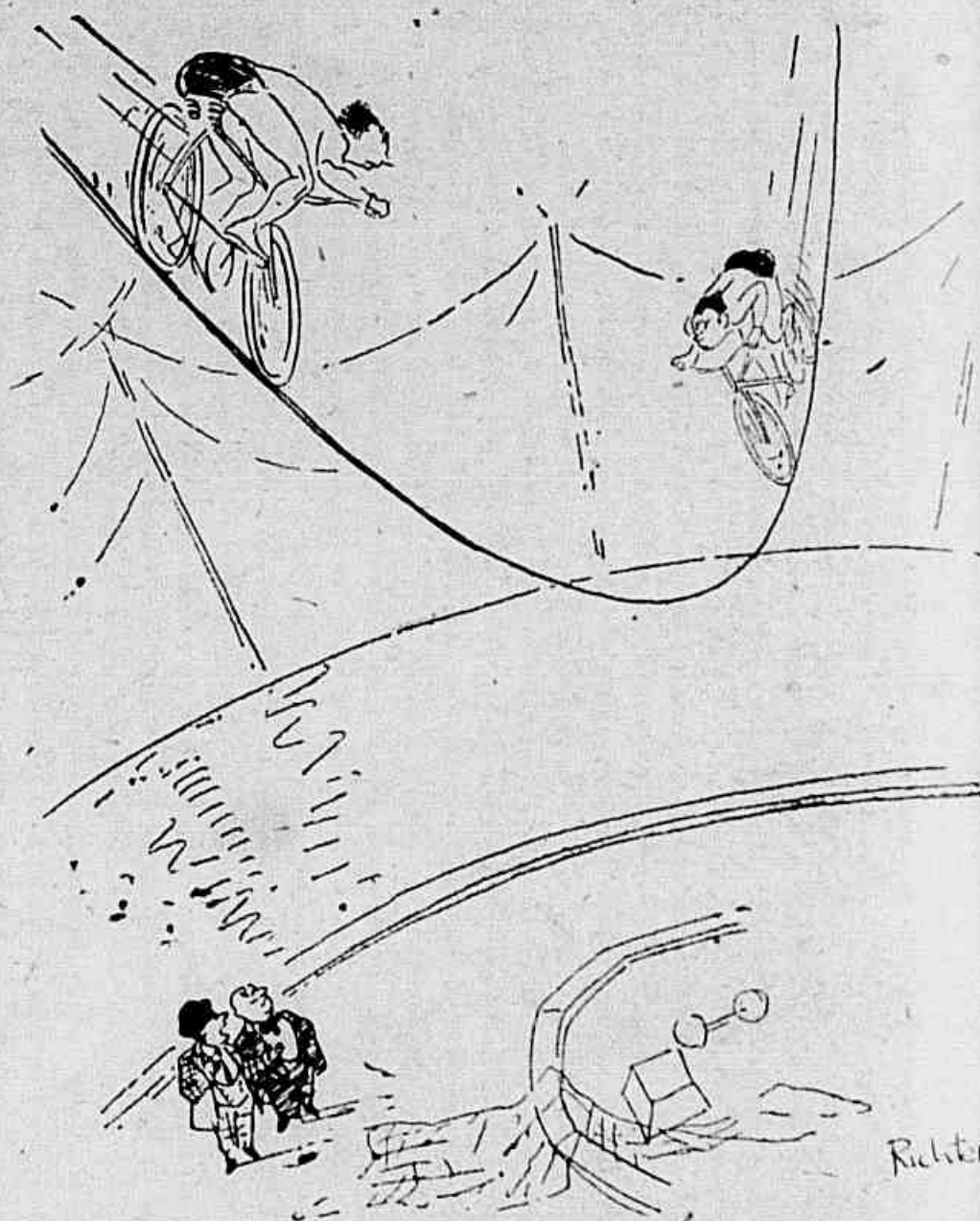
OUTROS RIRAM



Que negocio é este? Este camarada parece que tem uma costela no pescoço!



Mussolini — Estes franceses são capazes de tudo — são capazes mesmo de nos apunhalar pelas costas.



— Talvez você esteja assistindo à criação dum novo numero.



Pergunte ao padre. Talvez ele saiba explicar em honra de quem é tudo isto.



— Este lugar está ocupado?

Correspondencia

Respostas a consultas sobre
modas por

SUSAN

SILVIA

Av. 7 de Setembro, 254

Aí está um modelo confeccionado no departamento das noivas, pelos melhores costureiros de Bloomingdale. Creio, ajustar-se-á divinamente ao seu tipo pois conforme descrição feita na sua missiva você possui exatamente o ar espiritual da minha homônima Susan Peters. Para as noivas que, como você, possuem cabelos castanhos com reflexos dourados, olhos de mel, tez clara e par de estatura mediana e que pertençam também à categoria das magras bem proporcionadas, esse conjunto de crepe setim cuja orla de rendas forma os "puffs" das mangas e o acabamento da saia e do véu ficará como um símbolo de espiritualidade e encantamento.

Apresento, a seguir, uma linda sugestão de Susan Peters (*Metro*) para "demoiselles d'honneur".

Agradecendo as referências a meu respeito e esperando que a resposta tenha agradado à gentil consultante coloco-me ao seu dispor para novas consultas.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



Um cigarro que agrada a todas!



**CIA DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**



Cruz